

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

ISABELA MARTINS NADAL

**PERFIL E PERCEPÇÕES DOS PAIS ADOLESCENTES:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA - PR**

**PONTA GROSSA
2012**

ISABELA MARTINS NADAL

PERFIL E PERCEPÇÕES DOS PAIS ADOLESCENTES:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA- PR

Dissertação apresentada para obtenção do título
de mestre na Universidade Estadual de Ponta
Grossa, Área de Ciências Sociais Aplicadas
Orientadora: Prof^a Dra. Solange Ap. Barros de
Moraes
Co-orientador: Prof. Dr. Constantino Oliveira
Junior

PONTA GROSSA
2012

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

N127p Nadal, Isabela Martins
 Perfil e percepções dos pais adolescentes : um estudo exploratório
 no município de Ponta Grossa - PR. / Isabela Martins Nadal. Ponta
 Grossa, 2012.
 107 f.

 Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas),
 Universidade Estadual de Ponta Grossa.

 Orientador: Profa. Dra. Solange A. B. de M. Barros.

 Coorientador: Prof. Dr. Constantino Oliveira Junior.

 1. Paternidade – adolescência. 2. Gravidez - adolescência. 3. Pais
 adolescentes I. Barros, Solange A. B. de M. II. Oliveira Junior,
 Constantino. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado
 em Ciências Sociais Aplicadas. IV. T.

CDD: 305.235.1

TERMO DE APROVAÇÃO

ISABELA MARTINS NADAL

“PERFIL E PERCEPÇÕES DOS PAIS ADOLESCENTES; UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA – PR.”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Assinatura pelos Membros da Banca:


Dra. Solange Ap. Barbosa de Moraes Barros - (UEPG) – Presidente

Dr. Ivan Jairo Junckes – (UFPR)


Dra. Marcia Helena Baldani Pinto – (UEPG)

Dra. Rosiléa Clara Werner – (UEPG)

Dra. Édina Schimanski – (UEPG) - Suplente

AGRADECIMENTOS

A Deus, por iluminar essa árdua trajetória.

À minha mãe Jussara e meu pai Artur, que em todo momento estiveram sempre presentes e bastante preocupados com a realização deste trabalho. Amo muito vocês e obrigada por tudo!

Ao Duca, meu noivo querido, que melhor que ninguém sabe da dificuldade na realização da dissertação. Você esteve presente em todos dos momentos, até quando eu acreditava que não terminaria. Obrigada por estar ao meu lado, meu lindo, amo você!

Ao meu irmão Diego, que disponibilizou o notebook e palavras de incentivo.

À orientadora Solange, que foi muito mais que uma professora, foi uma grande amiga que me acolheu, ensinou e hoje faz parte de minha vida além do espaço acadêmico. Professora, você é um exemplo para mim. Obrigada pela paciência e compreensão!

A todos os demais professores do Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas que, de alguma maneira, contribuíram para minha formação.

À amiga Elisa, que conheci por meio do Mestrado, que compartilhou os momentos de dificuldades, alegrias, congressos e viagens.

Às enfermeiras Carlyne e Ana Paula, pelas informações prestadas, sem as quais não seria possível realizar esse estudo.

Às colegas de turma que vivenciaram o mesmo processo.

Às amigas Gabi Luz e Mariana Cunha, que me auxiliaram no término do trabalho.

A Graci, Paulo, Ana Paula e Liza, por propiciarem momentos de descontração.

Ao prof. Candido, supervisor de estágio em docência, pela transmissão de conhecimentos.

Às amigas da Uniguaçu, Fran, Valéria, Marcia, Josi, Regi, que estiveram ao meu lado em União da Vitória, PR.

A todos os pais adolescentes que disponibilizaram seu tempo para as entrevistas. Esse trabalho aconteceu graças a vocês, obrigada!

E as demais pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para a realização da pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objeto identificar o perfil e as percepções da paternidade na adolescência no Município de Ponta Grossa – PR, delimitada durante o primeiro semestre de 2010. A pesquisa foi iniciada em 2009, no mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), tendo como objetivo geral investigar a paternidade na adolescência no Município de Ponta Grossa, durante o primeiro semestre de 2010 e seus desdobramentos para tais sujeitos. Como objetivos específicos: quantificar e caracterizar os pais adolescentes em Ponta Grossa, PR, e identificar as mudanças na vida do adolescente após a experiência da paternidade. Os sujeitos de pesquisa são os pais adolescentes, com idade similar à da mãe, e o universo de pesquisa foi centrado nas 42 Unidades de Saúde do Município de Ponta Grossa, PR. Esse trabalho está estruturado em dois capítulos, sendo o primeiro uma revisão bibliográfica a respeito dos papéis, a gravidez na adolescência e a família. O segundo capítulo traz um panorama da gravidez na adolescência em Ponta Grossa, PR, e algumas características dos pais adolescentes, ao passo que apresenta as entrevistas realizadas com os sujeitos selecionados por meio de um levantamento de dados realizado das fichas da puericultura do Município. A pesquisa foi quantitativa e qualitativa, sendo a coleta de dados realizada por meio de entrevista semiestruturada e, posteriormente, Análise de Conteúdo para dialogar os dados teóricos e empíricos.

Palavras-chave: Paternidade. Adolescência. Gravidez na adolescência.

ABSTRACT

This research has the objective of identifying the role and perceptions of paternity in adolescence in Ponta Grossa – PR, and it was done over the first semester of 2010. The research started in 2009 in the Applied Social Sciences Master Course – UEPG, for which the main focus was to investigate the paternity in adolescence and its effects. The main objectives were to quantify and classify adolescent fathers in Ponta Grossa, and identify the changing in their lives after paternity. In the case of the present study the subjects were teenage fathers and mothers, and the universe of the research involved 42 (forty-two) Health Care Units in Ponta Grossa – PR. This work is structured in two chapters. The first chapter is about bibliographic review of the roles, pregnancy in youth and family. The second chapter brings a teenage pregnancy outlook in Ponta Grossa, some features of the teenage fathers and it offers for consideration interviews with the selected individuals through a selection of data gathered from the town's childcare database. It was a quantitative and qualitative research, in which the selection of data was through semi-structured interviews subsequently the Content Analysis in order to reflect upon the empirical and theoretical data.

Key words: Paternity. Adolescence. Teenage pregnancy.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Gravidez no Município de Ponta Grossa– PR Total por faixa etária e ano	35
Tabela 2 – Unidade de Saúde/Nascidos vivos/Número de mães e pais adolescentes no Município de Ponta Grossa,PR, no primeiro semestre de 2010.....	37
Tabela 3 – Idade Pai x Idade Mãe	42
Tabela 4 – Caracterização do sujeitos	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Paternidade em Ponta Grossa, PR, no primeiro semestre de 2010.	39
Gráfico 2 – Faixa etária dos pais adolescentes em Ponta Grossa, PR, no primeiro semestre de 2010.....	40
Gráfico 3 – Escolaridade dos Pais adolescentes em Ponta Grossa, PR, no primeiro semestre de 2010.....	40
Gráfico 4 – Renda dos pais adolescentes em Ponta Grossa, PR, no primeiro semestre de 2010.....	41
Gráfico 5 – Pais com 16 anos x Idade Mãe	43
Gráfico 6 – Pais com 17 anos x Idade Mãe	43
Gráfico 7 – Pais com 18 anos x Idade mae	44

LISTA DE SIGLAS

DATASUS	Departamento de Informática do SUS
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SINASC	Sistema de Informações de Nascidos Vivos
SIS Pré Natal	Sistema Pré-Natal
SMS	Secretaria Municipal de Saúde de Ponta Grossa
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
DST	Doenças sexualmente transmissíveis
OMS	Organização Mundial da Saúde
SISPRENATAL	Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento
CMM	Centro Municipal da Mulher

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
 CAPÍTULO 1 – CONCEITOS TEÓRICOS	13
1.1 DIFERENCIAÇÃO DE PAPÉIS E FAMÍLIAS NA CONTEMPORANEIDADE	13
1.2 A CONSTRUÇÃO DA ADOLESCÊNCIA.....	20
1.3 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA	24
 CAPÍTULO 2	32
2.1 METODOLOGIA DE PESQUISA	32
2.1.1 Pesquisa Quantitativa: caracterizando a paternidade na adolescência em Ponta Grossa, Paraná	34
2.1.2 Pesquisa Qualitativa: o que dizem os pais adolescentes de Ponta Grossa, Paraná?	44
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS.....	69
ANEXOS	72

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No período de agosto de 2007 a agosto de 2008, no curso de Serviço Social na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), foi realizada pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso e para o Programa de Iniciação Científica (PIBIC) a respeito da Exploração Sexual Comercial de crianças e adolescentes em Ponta Grossa, Paraná¹. Desde então, as questões que envolvem a adolescência trouxeram-me questionamentos e interesse em buscar respostas a tais temáticas, por meio de pesquisa.

Em agosto de 2008, como aluna especial no Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas/UEPG, ao participar da disciplina sobre Gênero e Diversidade, as discussões sobre sexualidade, adolescência, universo masculino e feminino fizeram-me repensar a forma como a temática do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – a qual tinha íntima relação com a sexualidade – havia sido trabalhada.

Nesse período, buscamos construir e definir um projeto de pesquisa para a seleção do mestrado, que cada vez estava mais próxima. A certeza era a de que seria na área da adolescência, mas o que escrever? O foco seria aliar a questão da sexualidade à adolescência, em novo estudo, trabalhando outros pontos que me inquietavam. Assim, identificamos algo inovador e decidimos o tema: a paternidade na adolescência, tendo em vista que a maior parte dos estudos quando se pesquisa a gravidez na adolescência tem como foco a mãe adolescente.

À procura de maiores elucidações sobre a questão da paternidade na adolescência, fizemos um estudo sobre os aspectos mais relevantes que envolvem a temática no Município de Ponta Grossa. Segundo Lyra (1997, p. 21), “Investigar a temática e intervir na área da paternidade adolescente significa discutir preconceitos e estereótipos arraigados e repensar a possibilidade da adoção de novos valores.”

Desde o início da pesquisa, tínhamos a preocupação de como encontrar o “sujeito”, uma vez que não havia nenhum dado registrado oficialmente em órgãos como o Ministério da Saúde, IBGE, dentre outros.

¹ NADAL, Isabela Martins. A exploração sexual comercial de crianças e adolescentes no município de Ponta Grossa – PR. Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008.

Nas disciplinas, quando eram feitas as discussões dos projetos, principalmente para a coleta de dados, permanecia a dúvida de como encontrar tais sujeitos. Foram sugeridos os cartórios de registro do Município, sugestão inviabilizada em virtude da faixa etária desses sujeitos, além de ser necessária a autorização judicial. A educação também foi uma área pensada como possibilidade, mas logo descartada, afinal, qual seria o interesse educacional de ter a sistematização desse dado? No máximo, conseguíamos (re)conhecer algumas mães, com suas características visuais (o crescimento da barriga).

Foi realizada uma visita ao Centro de Apoio do Adolescente, pertencente ao Núcleo Regional de Educação do Paraná (NRE-PR), no qual eram realizados trabalhos com as gestantes adolescentes que buscavam tal serviço. Ainda assim, sem se conhecer o número total de gestantes adolescentes no Município. A figura do pai poderia até fazer parte de alguma discussão, mas não da maneira sistematizada como precisávamos, ou entendíamos ser necessário.

No sistema de informação em saúde, como Departamento de Informática do SUS (DATASUS) e Sistema de Informações de Nascidos Vivos (SINASC), seria possível obtermos os dados quantitativos de nascimentos no Município, idades das gestantes, mas informações sobre o pai continuariam a ser uma incógnita. Na Secretaria Municipal de Saúde de Ponta Grossa (SMS-PG), procuramos elementos na Gerência de Epidemiologia, no Centro Municipal da Mulher, na Gerência de Projetos, na Gerência de Estratégia Saúde da Família, e a informação que obtemos foi relativa a uma iniciativa da Gerência de Puericultura, onde havia sido instalado um Sistema de Intranet, no qual era possível encontrar dados do pai, bem como sua situação socioeconômica.

Dessa forma, delimitamos o local de pesquisa e, para obter a autorização por parte do gestor municipal, para o uso desses dados, aguardamos por um período cinco meses, até que, finalmente, fomos autorizados a utilizar o banco de dados.

Realizamos o levantamento de 1.865 (mil oitocentos e sessenta e cinco) fichas de crianças nascidas no primeiro semestre de 2010, que estavam centralizadas em um único computador da Secretaria de Saúde. No início da pesquisa, foi impressa a relação de crianças nascidas por Unidade de Saúde, na qual constava o nome de cada criança, juntamente com um código que, ao ser digitado, mostrava a ficha com os dados da família.

O período delimitado para a pesquisa foi o primeiro semestre de 2010, tendo em vista que o sistema foi instalado em janeiro e a coleta de dados foi autorizada no final de setembro do mesmo ano; logo, os dados da pesquisa que apresentaremos são referentes ao primeiro semestre de 2010.

Definimos como objeto de pesquisa identificar o perfil e as percepções da paternidade na adolescência no Município de Ponta Grossa, PR, durante o primeiro semestre de 2010, e como objetivo geral investigar a paternidade na adolescência no Município de Ponta Grossa, PR, durante o primeiro semestre de 2010, e seus desdobramentos para tais sujeitos. Como objetivos específicos quantificar os pais adolescentes em Ponta Grossa, PR, no primeiro semestre de 2010, e apresentar as mudanças na vida do adolescente após a experiência da paternidade.

A pesquisa está organizada em dois capítulos, sendo o primeiro de revisão bibliográfica, a respeito da construção de papéis de homens e mulheres, dados sobre a gravidez na adolescência, a discussão sobre os novos arranjos familiares e a paternidade na adolescência. O segundo capítulo apresenta a metodologia do trabalho, dividida em pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa, ou seja, os dados da gravidez na adolescência e as informações e características da paternidade na adolescência em Ponta Grossa, PR, que foram obtidos por meio da realização de entrevistas, delimitados os sujeitos no levantamento de dados realizado com apoio das fichas da puericultura do Município. Ao usarmos como metodologia de pesquisa a quanti quali, buscamos compreender o estudo de forma mais ampla. Segundo Minayo e Sanches (1999, p. 142):

Finalmente, procura-se concluir que ambas as abordagens são necessárias, porém, em muitas circunstâncias, insuficientes para abarcar toda a realidade observada. Portanto, elas podem e devem ser utilizadas, em tais circunstâncias, como complementares, sempre que o planejamento da investigação esteja em conformidade.

A coleta de dados ocorreu através da pesquisa quantitativa e, posteriormente, entrevista semiestruturada, com a intenção, a princípio, de entrevistarmos sete sujeitos;. Porém, conseguimos realizar apenas quatro entrevistas, uma vez que não foi possível localizar os demais adolescentes pais. Posteriormente, utilizamos a Análise de Conteúdo para a organização dos dados coletados.

CAPÍTULO 1 – CONCEITOS TEÓRICOS

1.1 DIFERENCIAÇÃO DE PAPÉIS E FAMÍLIAS NA CONTEMPORANEIDADE

Ao iniciarmos o trabalho, discutimos como vem se configurando, na sociedade, os papéis atribuídos a homens e mulheres.

À questão de papéis a serem desempenhados na família, têm-se como referência primordial os papéis desempenhados pelo pai e pela mãe, porque, independentemente dos novos arranjos familiares, sempre se há citado o “cumprimento” ou a omissão destes papéis. Pode-se dizer que estas questões foram construídas historicamente e que sempre se atribuiu à mãe a educação e criação dos filhos, execução de tarefas domésticas e ao homem a incumbência do sustento de toda a família. (RIFFERT, 2005, p.17)

Podemos dizer que mesmo com tantas mudanças em nossa sociedade vivemos um tempo em que os papéis são definidos de acordo com o sexo biológico da pessoa, o que acarreta estereótipos como: a mulher dona de casa, boa mãe, e o homem como provedor e o bruto. Facilmente identificamos esses papéis se configurando também na gravidez na adolescência. A menina, na maioria das vezes, é preparada para ser mãe, dar carinho e atenção ao bebê, e ao pai permanece a função de sustento, sem a necessidade de estabelecer relação de afetividade.

Complementa Fonseca (1997, p. 39):

Nas sociedades ocidentais, o cuidado para com a criança, ao ser normatizado tão intensamente como atividade de gênero feminino, leva à postura extrema, de que as próprias mulheres se esquecem de que se trata apenas de uma norma social, passível de alteração [...] o pai não é o único enganado pelo sistema ocidental de representação dos papéis dos sexos na procriação: a mãe também se envolve na armadilha de uma experiência de gravidez descrita como “realizadora” e até gloriosa, enfrentando um parto no qual se espera que ela tenha um bom desempenho como num exame escolar, e de um pós-parto no qual se espera que ela realize, momentaneamente, uma espécie de fusão simbiótica com o bebê, tendo, por exemplo, “um ouvido especialmente receptivo para o choro do filho e uma não olfação para as fezes etc.”. O pai, por sua vez, após o coito fecundante, enfrenta uma grande lacuna em sua atuação, recuperando algum espaço apenas quando a criança está na idade de ir para o pré-escolar.

Quando procedemos à discussão da participação do pai no cotidiano familiar, entendemos que ele tem a mesma importância que a mãe na vida do filho,

porém com características diferentes. E quando o envolvimento é tardio nessa relação, o pai pode sentir-se não pertencente àquele universo, o que provoca seu afastamento da criança e ajuda a reforçar a construção da sociedade onde o homem deve apenas prover o sustento do lar.

Portanto, a figura paterna deve estar presente na família, independente do arranjo familiar. Conforme Fonseca (1997 apud ENGLE; BREAU, 1994, p. 40)

Ampliar a aceitação do cuidado desempenhado pelos pais (homens) pode expandir seu papel junto aos filhos, o que faz com que os homens tenham mais facilidade em prover as necessidades das crianças, e desenvolvam outros tipos de cuidado, além dos aspectos físicos propriamente ditos, o que possibilitaria, por fim, benefícios para suas crianças.

Segundo a literatura utilizada, a afetividade entre pais e filhos é muita rica para ambos. Para o homem, proporciona mudanças e aprendizados, e para a criança traz mais diálogo, carinho e ajusta uma maior facilidade no relacionamento com qualquer pessoa. Acreditamos que, dessa maneira, o homem possa estar revendo sua importância no que tange aos anseios dentro do ambiente familiar.

Para compreender a questão da paternidade na adolescência, é necessário discorrer sobre as transformações que a família vem sofrendo ao longo dos tempos, tendo em vista os novos arranjos familiares e as mudanças da sociedade como um todo. Para Munhoz (2007, p. 190), “a família brasileira está cada vez mais distante do modelo clássico, embora as representações sobre ela existentes – no imaginário da população – ainda sejam, em grande medida, derivadas do modelo básico de família nuclear”.

A família nuclear seria composta por mãe, pai e filhos vivendo na mesma casa, ligados por laços sanguíneos de forma harmoniosa, como se a família não apresentasse nenhuma contradição ou conflito e sempre seguisse esse formato, que seria a maneira de garantir a felicidade e o sucesso de seus membros. Entretanto, as famílias encontram-se, atualmente, nos mais variados arranjos, e os seus formatos não garantem a qualidade das relações nela estabelecidas. Teremos famílias chefiadas por mulheres, famílias unidas por laços de afetos, famílias sem a presença de pai ou mãe na mesma casa ou família com membros que moram em espaços físicos distintos, a chamada “família vivida”.

Munhoz (2007, p. 191) registra algumas mudanças na configuração das famílias no decorrer das décadas apontadas por uma pesquisa na *Folha de São*

Paulo (1998): “O ingresso da televisão no contexto da família, em 1950, abala, na sequência, algumas convenções de relacionamento: ela representa a entrada de um “estranho na casa”. Já em 1960, “há quebra de normas, hábitos cotidianos (horário de chegada, regras de conduta; as refeições, por exemplo, passam a ser feitas, por muitos jovens e até adultos em frente à TV).” [...] “Nos anos 70, a mulher desquitada, que ainda era mantida a certa distância, passa a integrar o universo de relações com maior espaço”.

Identificamos as mudanças tecnológicas e a mídia como fatores que influenciam a sociedade. A mídia leva à tona a realidade presente no dia a dia das famílias, as quais muitas vezes são impregnadas de preconceito, como diante da existência das mulheres separadas ou que optam pela “produção independente”. Em determinados momentos, elas enfrentam grande preconceito e a mídia, nesse contexto, pode auxiliar na mudança desse conceito, ou, então, reforçá-lo, conforme seu posicionamento. Por sua vez, a tecnologia também traz uma nova opção de lazer, por intermédio da TV, o que, por outro lado, impulsionaria a mulher ao mercado de trabalho nas indústrias, por se tratar de mão de obra mais barata.

Na pesquisa analisada por Munhoz (2007), há os seguintes dados a respeito de mãe e pai:

[...] mãe aparece como figura mais importante da família; é o “faz-tudo” doméstico, sendo responsável pela educação, pela disciplina e não dispensada como fonte de afeto. No entanto, ainda é alvo de preconceitos; não pode “trair” e, embora venha tendo sua importância ampliada com o correr da história, sendo “gerente do cotidiano”, é sempre mais cobrada que o homem. (MUNHOZ, 2007, p. 192)

No que se refere ao pai,

[...] é apontado pelo estudo como tendo perdido status; com seu modelo tradicional desvalorizado, não teria construído novo perfil. É menos cobrado moralmente que a mãe, só sendo chamado em último caso para ajudar na solução de problemas na família. Apesar disso ou até por isso – os homens casam mais facilmente quando ficam viúvos: o “mercado matrimonial” lhes é mais favorável. (MUNHOZ, 2007, p. 192)

Desse modo, isso reforça o papel do homem como mantedor financeiro da família, pessoas sem vínculo afetivo que, nos dias de hoje, podem estar deslocadas com a independência financeira das mulheres e sua saída do lar. Questionamos se esse estereótipo construído socialmente em relação aos homens retrata a realidade,

ou se não haveria mudanças desse sujeito? Precisamos saber mais, como vive, o que pensa, se está envolvido em afazeres domésticos e se, com o passar do tempo, passou a criar laços afetivos familiares, ou seja, buscamos o papel do pai dentro da família vivida na contemporaneidade. Conforme Munhoz (2007, p. 194)

E a família já não tem mais definição *a priori*: as relações familiares podem ser as mais diversas e compreender os mais distintos personagens. E a concepção que se tinha de união duradoura (“até que a morte nos separe”), não é mais de união definitiva, pois sempre está presente a possibilidade de uma relação vir a terminar, o que implica até na qualidade das relações que se estabelecem entre os membros do que se chama em cada caso família. E havendo possibilidade de mudança, há também a de novos protagonistas entrarem na cena familiar, o que faz com que até as funções das pessoas que compõem a família não sejam definitivas nem previamente definidas.

Concordamos com a autora que não há mais papéis fixos e estagnados. Cada família terá sua própria organização, conforme suas necessidades e suas características. Em uma família, a mãe pode ser a provedora financeira, como também a fonte de carinho, diálogo e amor. O homem pode estar em casa e ser o responsável pela disciplina dos filhos, pelo auxílio nos afazeres domésticos, ou simplesmente pode haver famílias que não contam com essas figuras dentro do mesmo espaço físico. Ainda, as famílias ligadas por laços de afetividade.

Com o passar dos anos a família brasileira vai se modificando e na contemporaneidade não há mais, portanto, papéis rígidos, mesmo que os membros dessa sociedade ainda acreditem que o melhor para uma criança seja crescer no seio de uma família nuclear, com as figuras de pai e mãe bem definidas.

Voltando especificamente à nossa temática, quando ocorre a gravidez na adolescência, há uma tendência de se tentar unir o casal em prol da criança; todavia, em alguns casos esses casais não têm laços afetivos, podem ter se conhecido em uma “balada” e tido uma relação sexual esporádica, sem a pretensão de um relacionamento constante e muito menos a constituição de uma família. Através do filho, o casal terá um vínculo para toda a vida, independente se estarão juntos ou não, e, portanto, terão obrigações com o filho. (AMENDOLA, 2006, LYRA, 1997)

Segundo o ECA, art.4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer,

à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Assim, podemos afirmar que, independente de manterem-se juntos ou não, pai e mãe possuem as mesmas obrigações com seu filho, assegurados em legislação específica, conforme citado. A guarda da criança também não exime a responsabilidade de ambos. Isso novamente nos faz refletir na discussão da família vivida. Para Szymanski (2002, p.19):

Trata-se, entretanto, de uma transformação na instituição familiar, pois o que se observa é o surgimento de novos modos de ser entre homens e mulheres e seus filhos, partilhados por muitos casais contemporâneos e que terminarão por constituir uma nova regra.

Por conseguinte, nesse trabalho pensamos a família de uma forma mais ampla, cada qual constituída à sua maneira, com as mais diversas características, tanto econômica, cultural, valorativa, dentre outras. Devido à situação socioeconômica e os novos arranjos familiares, a mulher se vê obrigada a entrar no mercado de trabalho para assegurar o sustento de sua família. Juntamente com essa nova situação, surge o aparecimento de novas demandas, ou seja, as crianças e os adolescentes que não terão o cuidado integral da sua família.

Para Szymanski (2002, p. 23, grifo nosso):

Em todas as camadas sociais, a família não tem mais o monopólio da socialização da criança, em especial, graças à entrada da mulher no mercado de trabalho, o que responsabiliza a sociedade a buscar novos caminhos à atenção a família. **É no mínimo hipocrisia atribuir às famílias das camadas empobrecidas de nossa sociedade uma função de proteção às crianças e adolescentes sem lhes oferecer meios para isso.**

Quando trabalhamos a paternidade na adolescência, é importante conhecer os impactos que o papel ocasiona na vida dos adolescentes, ainda mais quando oriundos de famílias empobrecidas, nas quais os adolescentes optam pelo estudo, trabalho ou envolvimento em pequenos crimes, como furto e tráfico de drogas. Também devemos analisar qual é a postura do Estado frente a essa demanda. Que condições são dadas para que os adolescentes que têm filhos continuem nos estudos e, ao mesmo tempo, tenham condições de subsidiar sua nova família?

É possível pensarmos também em que ambiente a criança estará crescendo, que oportunidades estarão presentes em sua vida, tendo em vista os valores familiares, acesso a educação, saúde e lazer. A falta destes elementos pode

provocar um ciclo: o pai desempregado ou inserido no mercado informal de trabalho, com pouco estudo e sem perspectivas de melhorar, e o filho nas mesmas condições.

Complementa Munhoz (2000 p. 199): “E é preciso ter-se em conta que o contexto influencia todo tipo de família, de situações socioeconômicas e de configurações diversas, sendo, inclusive, um dos grandes responsáveis pela natureza dos arranjos familiares”.

Ressaltamos que a formação da criança e do adolescente ocorre por intermédio de vários canais de socialização, além da família, como vizinhos, escola, igreja, mídia, em que todos estarão exercendo influência em sua formação pessoal. Outro determinante na formação das crianças é em relação às famílias mais empobrecidas, em cujos lares não há privacidade, ou seja, a relação sexual do casal é presenciada, muitas vezes, por todos os membros, mesmo que estes não tenham idade nem compreensão do que seja e quais consequências possam trazer em outros contextos.

É um grande desafio, portanto, discutir as questões que envolvem a sexualidade, seja em âmbito familiar, escolar ou da saúde; contudo, acreditamos que o diálogo aberto seja o canal que representa um ótimo início para estabelecer as relações de confiança necessárias para dialogar sobre essa temática e também para o esclarecimento de dúvidas. Tendo em vista o exposto, acreditamos que seria importante discutir maneiras alternativas de trabalhar a questão da educação sexual, para que as ações preventivas surtam mais efeito e, assim, os jovens tenham informações mais precisas.

Assim, novamente aparece a questão familiar, temos em Munhoz (2000, p. 201):

Hoje as relações baseadas nas hierarquias, que supõe, subordinação, e no poder, que supõe obediência, estão sendo questionadas. A superioridade hierárquica dos pais com relação aos filhos e a obediência destes há muito não são mais simplesmente aceitas como algo dado, posto, naturalizado, inquestionável; o reconhecimento da autoridade paterna e materna e o poder dos pais em relação aos filhos precisam ser conquistados pela qualidade das relações que se construa, sendo que, no tipo de relações estabelecidas em grande parte nas famílias, os filhos também decidem e às vezes decidem mais que os pais. Assim, cada família cria como que uma cultura própria, com base em valores combinados/acordados

Os acordos estabelecidos dentro de cada família é o que torna uma família diferente da outra. O que para uma família pode ser errado, para outra pode ser

certo. Um ponto apontado pela autora que nos traz preocupação é os filhos estarem tomando decisões pelos pais, tendo em vista que, em alguns casos, estes não têm maturidade suficiente para decidir sobre determinados assuntos. Também acreditamos que filhos possam acabar se tornando indivíduos sem limites, ao passo que, para todos os contextos deve haver um equilíbrio por meio do diálogo, com o devido cuidado para não haver a falta de respeito e limites entre ambos, pais e filhos.

Szymanski (1997, p. 25) assevera que “Cada família circula num modo particular de emocionar-se, criando uma “cultura” familiar própria, com seus códigos, com uma sintaxe própria para comunicar-se e interpretar comunicações, com suas regras, ritos e jogos.” Assim, podemos dizer que as famílias estão constituídas nos mais diversos arranjos e que cada uma possui características que as diferenciam conforme o meio em que conviveu e estabeleceu seus valores e hábitos. Reforçamos que nosso estudo não tem a preocupação de encontrar um modelo “correto” de família no que tange o seu formato, e, sim, busca entender um pouco mais do que é família vivida e as relações que são estabelecidas nesse espaço de convivência.

[...] a família deverá ser considerada não como uma nirvana recuperada pelos conservadores, mas como instituição contraditória que, a par de suas características positivas, poderá funcionar como um fator de reprodução de desigualdades e perpetuação de culturas arcaicas. Isso sem falar em equívocos da recuperação de antigos encargos domésticos, incluídos nos planos de governamentais sob nome de solidariedade informal, os quais, por recaírem mais pesadamente sobre as mulheres, incompatibilizam-se com o atual status de cidadã autônoma e de trabalhadora conquistado por esse segmento. (PEREIRA, 2009, p. 28)

Estudar a família para compreender o fenômeno da paternidade é fundamental, à medida que nesse espaço é que são estabelecidas as relações entre pais e filhos, as quais são objetos de nosso estudo. Na sequência, discorreremos sobre a adolescência, como subsídio para ajudar a clarificar o momento de transição que os sujeitos da pesquisa estão vivenciando.

1.2 A CONSTRUÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

Para dar continuidade a pesquisa procuramos definir adolescência, período que pode ser vivenciado das mais variadas formas para cada sujeito. Concordamos com a afirmação de Segundo Santos (2004, p. 2),

É um fenômeno criado e significado pelos homens. Dada a própria diversidade do gênero humano, esse fenômeno não contempla somente um tipo de criação e significado e sim, uma multiplicidade de criações e significações, determinadas por diferentes realidades sócio-históricas.

Assim, os significados de ser adolescente são diferenciados para cada um, que sofre influências do período histórico em que se vivencia essa fase. Mesmo assim, algumas características comuns a esse fenômeno serão encontradas, a exemplo das mudanças sofridas pelo corpo. Para Lima (2004, p.10), “é uma fase da vida das pessoas cuja duração não pode ser medida com exatidão, sendo que seu início está nitidamente demarcado pela puberdade”, momento em que começam a ocorrer as mudanças físicas e hormonais.

Com a chegada da puberdade, os jovens sentem aflorar seus desejos sexuais e, com isso, passam a ter novas experiências, do beijo ao sexo, o que lhes traz o prazer, na mesma medida em que lhes cria diversas dúvidas em relação ao corpo e aos cuidados que devem ser tomados no momento da relação sexual, como o uso métodos contraceptivos. Complementa Amendola (2006, p. 14): “Honestamente, é possível imaginar o rapazinho lembrando-se de pegar a dita cuja no bolso, embaixo do travesseiro ou naquela gaveta emperrada no criado-mudo? O vacilo é iminente!”.

Assim, a puberdade, fase inicial da adolescência, é caracterizada pelas transformações físicas e biológicas no corpo, ao passo que a adolescência é uma etapa intermediária do desenvolvimento humano entre a infância e a fase adulta. Tiba (1986) descreve a puberdade como “o conjunto das transformações psicofisiológicas ligadas à maturação sexual, que traduzem a passagem progressiva da infância à adolescência”. Por se tratar de uma fase complexa, repleta de transformações, há necessidade de que haja um constante diálogo entre os pais, professores e outros adultos que façam parte da vida dos adolescentes, para

informá-los de maneira correta sobre as questões que envolvem a sexualidade, como a prevenção as DST/HIV/AIDS.

Algumas famílias, educadores e outros profissionais têm dificuldade de se aproximar dos adolescentes para dialogar sobre os mais diversos assuntos, e quando o tema está relacionado a sexo, torna-se ainda mais difícil estreitar essa relação. Algumas pessoas têm medo de que, através da conversa, possam estar incentivando os adolescentes a iniciarem sua vida sexual e, portanto, preferem simplesmente não tratar do assunto.

Diante dessas questões, informações sobre gravidez na adolescência, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis, diversidade de gênero, dentre outras, acabam sendo não discutidas. Culturalmente, a maioria das famílias brasileiras não possui o hábito de falar sobre sexo com seus adolescentes, deixando essa tarefa para as escolas. Essas, por sua vez, têm dificuldade de trabalhar a temática por não contarem, em seu corpo, com pessoas cuja formação acadêmica lhes confira o embasamento necessário para tratar do assunto sexo. Isso é evidente ao constatarmos que, nas escolas, muitas vezes quem trabalha as questões de sexualidade é o professor de biologia, o qual não é, necessariamente, quem tem a maior aproximação com os adolescentes. Existe, ainda, o receio, por parte da escola, de levar essas informações às famílias, que em alguns casos reagem acreditando que tratar o tema estimula os adolescentes à prática sexual.

Na tentativa de compreender esse sujeito, tanto no seu desenvolvimento pessoal quanto na sua relação com o mundo e as pessoas, é importante observá-lo e em uma perspectiva mais ampliada, que inclua não somente as transformações biológicas e psicológicas, de importância essencial, mas também considere o seu contexto. (BECKER, 1994).

O despertar da sexualidade se torna uma situação de risco para os adolescentes quando não há oportunidades educativas adequadas, sobretudo em locais de maior vulnerabilidade social. Assim, pensar na prevenção como direito não implica só na acessibilidade, mas a necessidade de passar informações que sejam adequadas aos contextos e linguagens culturais específicas.

O artigo XIX da Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas (Paris, 1948) prevê que “toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e

independentemente de fronteiras”. Partindo dessa concepção de direito, no Brasil, o ECA, cujas raízes também estão ligadas à Declaração Universal dos Direitos Humanos, entrou para a história política e social como exemplo de construção cidadã, pois trouxe a estes a efetivação do “princípio da Prioridade Absoluta”. Nesse sentido, ressaltamos a importância de seu artigo 71, que enfatiza: “a criança e o adolescente tem direito a informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento”.

Os adolescentes têm direito de ter acesso a informações e educação em saúde sexual e saúde reprodutiva, e, também, de ter acesso a meios e métodos que os auxiliem a evitar a gravidez não planejada e a prevenir-se contra as doenças sexualmente transmissíveis (como HIV/AIDS), respeitando-se a sua liberdade de escolha. É fato que a primeira relação sexual dos adolescentes está ocorrendo cada vez mais cedo. Portanto, é muito importante que adolescentes estejam informados sobre sexo seguro, incentivando-se o uso do preservativo masculino ou feminino em todas as relações sexuais.

Os adolescentes têm o direito a uma educação que promova sua condição de ser em formação, garantindo um desenvolvimento pleno e saudável. Diante disso, ressaltamos a importância do conhecimento dos Direitos Sexuais, determinantes para uma vida sexual com prazer e livre de discriminação, que incluem:

- De viver a sexualidade sem medo, vergonha, culpa, falsas crenças e outros impedimentos à livre expressão dos desejos.
- Direito de viver a sua sexualidade independente do estado civil, idade ou condição física;
- A escolher o/a parceiros/a sexual sem discriminação, e com liberdade e autonomia para expressar sua orientação sexual se assim desejar;
- De viver a sexualidade livre de violência, discriminação e coerção; e com o respeito pleno pela independência corporal do/a outro/a;
- Praticar a sexualidade independente de penetração;
- A insistir sobre a prática do sexo seguro para prevenir uma gravidez não planejada e as doenças sexualmente transmissíveis, incluindo o HIV-Aids;
- **A saúde sexual, o qual exige o acesso a todo tipo de informação, educação e a serviço confidenciais de alta qualidade sobre sexualidade e saúde sexual.** (BRASIL, 2010)

Entendemos que para o adolescente viver sua sexualidade é necessária maturidade, responsabilidade e conhecimento do seu corpo. Entretanto no momento da relação sexual, esses sujeitos apresentam dificuldades em usar de maneira

correta o preservativo. Há possibilidade de que a falta de prevenção ocorra em virtude à falta de diálogo familiar e a possível dificuldade do adolescente em reconhecer que precisa se informar sobre prevenção com alguém mais esclarecido. Ainda, há que se ressaltar a forma como a informação de prevenção chega até esse sujeito, que entende que deve se prevenir, mas não sabe como. (LYRA,1997)

Muitas famílias tentam impor a seus filhos o “não fazer”, que, com efeito, não tem efetividade para os adolescentes., Conforme for descobrindo sua sexualidade, eles perceberão que isso lhes dá prazer e, portanto, não faz sentido não fazer. Outro ponto que merece destaque é que, nas conversas familiares, não se trata da questão do prazer, e o assunto sexo é abordado como algo abstrato, que só é vivenciado com o outro, ou que não é bom, ao passo que os adolescentes descobrem justamente o contrário. (AMENDOLA,2006)

Ainda hoje, nessa mesma conjuntura, tenta-se criar obstáculos para que a primeira relação sexual seja o mais adiada possível, chegando-se ao ponto de se tentar incutir nos jovens como certo o sexo apenas depois do casamento, visão posta historicamente pelas diferentes igrejas e/ou religiões.

Não podemos esquecer outro fator que envolve os adolescentes, quando discutimos a falta de proteção nas relações sexuais. Este grupo se sente imune a tudo, ou seja, “comigo nunca vai acontecer”. Isso é decorrente desse período de transição e transformações e, além da sensação de invulnerabilidade a qualquer risco, os adolescentes também querem saber de tudo e viverem todas as emoções o mais depressa possível. É o período em que o grupo de amigos é mais importante que a família, por se sentir mais compreendido por pessoas de sua faixa etária, que também estão no mesmo momento e pensam de maneira semelhante.

A sexualidade humana não é um dado da natureza. Construída socialmente pelo contexto cultural que está inscrita, essa sexualidade extrai sua importância política daquilo que contribui, em retorno, para estruturar as relações culturais das quais depende, na medida em que as “incorpora” e representa. Assim, na maioria das sociedades, a sexualidade tem um papel importante não apenas na legitimação da ordem estabelecidas entre sexos, como também na representação da ordem das gerações. (BOZON, 2004, p. 14)

Todas essas informações convergem para o entendimento de que todo o comportamento sexual é percebido a partir dessas categorias de atividade e

passividade, estritamente associadas ao masculino e ao feminino. (BOZON, 2004, p.23).

1.3 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA

No Brasil, a população de adolescentes corresponde a 17,8% do total de 191.796 milhões de habitantes, sendo 9% na faixa entre 10 e 14 anos e 8,8% entre 15 e 19 anos, estimando-se que a população feminina seja de 98.356 milhões de pessoas e a população masculina contemple 93.440 pessoas. (IBGE, 2009).

Dados sobre o número de nascidos vivos no Brasil apontam o total de 2.764 642 de bebês nascidos no ano de 2009, dos quais 22.665 (0,81%) são de mães com idade inferior a 15 (quinze) anos de idade e 501.547 (18,14%) de mães na faixa etária entre 15 e 19 anos de idade. Em relação ao pai adolescente no Brasil, não temos informações ou dado, tendo em vista que esta pesquisa analisa apenas as meninas. Utilizamos, entretanto, os dados gerais para contextualizar o sujeito de nossa pesquisa. (IBGE, 2009).

Conforme demonstrado anteriormente, a gravidez na adolescência é um fenômeno que atinge uma grande proporção de mulheres, e ela envolve fatores culturais, econômicos e religiosos. O IBGE realizou uma pesquisa, no ano de 2009, sobre os nascimentos no Brasil, e utilizou dados do SINASC, que menciona a gravidez na adolescência: “por esse fenômeno atingir uma grande proporção de adolescentes de classes menos favorecidas economicamente e em período de formação da educação básica cria-se um agravamento de vulnerabilidade social dessas crianças e famílias”. Ou seja, as adolescentes que poderiam estar estudando, se preparando para a inserção no mercado de trabalho, acabam desistindo de estudar para dedicar-se aos cuidados com o filho, conforme indicam os estudos dos IBGE.

Ainda nessa mesma pesquisa, encontramos que “no período de 2000 a 2006, iniciou-se uma ligeira inversão da tendência entre as mulheres adolescentes e jovens. O SINASC registrou declínio da participação dos nascimentos oriundos de mães dos grupos etários de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos, para o conjunto do País”. A diminuição dos índices de gravidez na adolescência tem relação com a

organização dos serviços de saúde, programas de prevenção e as mudanças das características das mulheres, como sua inserção no mercado de trabalho.

Torna-se importante ressaltar que a redução da fecundidade no grupo etário de 15 a 19 anos põe, de uma vez por todas, a discussão da gravidez entre as adolescentes em outro foco: o das condições socioeconômicas em que estão inseridas estas mulheres, ou seja, as questões cruciais são a renda, o nível educacional e o serviço de saúde ao qual têm acesso, e não simplesmente o fato de terem filhos, já que os indicadores mostram redução da taxa específica de fecundidade sem, no entanto, desconsiderar os riscos à saúde da mulher e da criança no caso de gravidez em idade muito jovem. (IBGE, 2009)

Segundo o Instituto Papai², no Brasil “60% dos filhos de mães adolescentes têm pai com menos de 19 anos”, o que evidencia uma realidade presente no Brasil e ainda pouco trabalhada e estudada. Se utilizarmos essa proporção, também teremos milhões de pais adolescentes que permanecem no esquecimento dos estudos e das políticas públicas.

Tanto para um adulto quanto para um jovem a paternidade é uma nova experiência, sobretudo se pensarmos que a faixa etária não garante o sucesso ou insucesso na criação de um filho. Não há fórmula certa para essa relação, que está inclusa no contexto familiar tanto do adolescente pai como o da mãe. Complementa Santos (2004):

Pais existem, alguns ignorando a sua prole, outros procurando assumir e enfrentando dificuldades por não encontrarem apoio. Existem impedimentos e dificuldades para assumirem a paternidade. Seja a nível pessoal, por testar sentimentos contraditórios como amor, rejeição, culpa, orgulho, receios, seja por conta de dificuldades de relacionamento com as mães dos seus filhos, por conta das cobranças materiais, de compromissos que ainda não se sentem seguros para assumir, como também a falta de incentivo por parte da família desses pais, que funcionam na maioria dos casos, como elementos desmotivadores para assumirem a paternidade.

Realizando o primeiro estudo bibliográfico no Scielo com as palavras-chaves *paternidade adolescente*, encontramos seis trabalhos sobre gravidez na adolescência, sobre *pai* sete, e sobre *pai adolescente* apenas um estudo, totalizando 14 estudos sobre a nossa temática, sendo que desses títulos, nove foram descartados por não tratarem especificamente do tema *pai adolescente*.

² Trata-se de uma ONG feminista, sediada em Recife, que desenvolve ações educativas, informativas e políticas junto a homens e jovens em situação de pobreza, bem como estudos e pesquisas sobre gênero e masculinidades, a partir da perspectiva feminista e de gênero, na interface entre a Psicologia Social, Ciências Sociais e Saúde Pública. (INSTITUTO..., 2007)

Quando fizemos a busca por gravidez na adolescência, aparecem 144 ocorrências de títulos; *gravidez na adolescência mãe* foram encontrados 21, e *mãe adolescente* 62 títulos, o que reforça a dificuldade de se encontrarem trabalhos que referenciem a pesquisa em foco, no que tange à paternidade na adolescência.

Após catalogarmos as bibliografias de cada texto, em busca de autores que trabalhassem a temática, definimos os autores que vem sendo referência nessa temática, como Jorge Lyra, Michel Bozon, Renata Orlandi, Maria Juracy Filgueiras Toneli, Zeide Araujo Trindade, Maria Cristina Smith Menandro, Levandowski, Daniela Centenenaro e César A. Piccinini.

Orlandi e Toneli (2008) realizaram estudo sobre a paternidade na adolescência, dando ênfase à vulnerabilidade das DST/HIV/AIDS a que os adolescentes estavam expostos. Definiram como adolescentes a faixa etária de 10 a 19 anos, conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS). Foram realizadas oito entrevistas, tendo como critério a disponibilidade em conceder a entrevista e se enquadrar no perfil da idade.

Esse estudo aponta dificuldade de encontrar dados sobre a paternidade na adolescência, mencionando que a sexualidade e a fertilidade ainda são vistas como um campo de pesquisa feminino.

O foco das investigações tanto do Ministério da Saúde quanto do IBGE denota um desinteresse em conhecer a participação dos pais no cenário da fecundidade, legitimando a exclusão destes em determinados programas de políticas públicas (IBGE, 2005). (ORLANDI; TONELI, 2008, p. 319).

As conclusões dessa pesquisa trazem o pai adolescente com a função de provedor, sentindo orgulho de se tornar pai, diante da possibilidade de demonstrar sua masculinidade e, ainda, a pesquisa mostrou que esses sujeitos são vulneráveis as DST/HIV/AIDS, pois consideram não estar em risco quando o relacionamento é estável e estabelecem uma relação de confiança com a parceira. Ainda segundo Orlandi e Toneli (2008, p. 325):

A dificuldade em lidar e, especialmente, em negociar com a parceira o uso de métodos contraceptivos e/ou preventivos denuncia a escassez e/ou a ineficácia de políticas públicas voltadas para a emancipação da população jovem no que se refere ao campo dos direitos sexuais e reprodutivos.

Trindade e Menandro (2002) realizaram o estudo: “Pais adolescentes: vivências e significações”, delimitando a faixa etária de pessoas com 16 a 21 anos que tenham se tornado pais na adolescência. Foram entrevistados oito sujeitos, sendo quatro de classe baixa e os outros de classe média. Para a pesquisa, buscou-se que os envolvidos definissem os termos paternidade e maternidade. O estudo faz considerações sobre o esquecimento da paternidade nas pesquisas, órgãos oficiais, independentemente da faixa etária e, posteriormente, faz a discussão dos dados obtidos no momento da entrevista semiestruturada, dividindo em subtópicos: “Como aconteceu”, “Reação a notícia”, “Mudanças” e o “Significado da paternidade e Maternidade” e “Apoio dos avós”. Dado interessante apontado na pesquisa é referente ao fato de os adolescentes pais não responderem ao estereótipo de irresponsáveis e também apontarem a presença de afeto ao filho.

Levandowski e Piccinini (2006) realizaram um estudo comparativo entre 23 futuros pais, sendo 12 adolescentes e 11 adultos, buscando analisar se a idade interfere na questão da paternidade. Utilizaram como instrumental de coleta de dados a entrevista e, posteriormente, a análise de dados, sendo as categorias da análise: relacionamento com o bebê e desempenho do papel paterno, criação do filho, cuidados do bebê e mudanças pessoais.

Os três estudos apresentados são da psicologia social e mostram a dificuldade na obtenção de dados sobre a paternidade na adolescência, a repetição dos ciclos da pobreza por conta da troca do estudo pelo trabalho e a responsabilidade atribuída à função paternal.

Na pesquisa realizada por Almeida e Hardy (2007), com o título “Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes”, os autores estudaram 13 adolescentes com menos de 20 de idade, com apenas um filho, cuja companheira tivesse idade similar à do pai. O foco da pesquisa é a vulnerabilidade de gênero, e seus resultados apontam a afirmação do pai como provedor.

A falta de dados nos órgãos oficiais e a pouca produção acadêmica sobre a temática esteja diretamente relacionada à construção social dos papéis a serem desempenhados por homens e mulheres, nos quais se estabelece a relação de oposição baseada na diferença biológica do corpo humano.

No caso específico de nossa pesquisa, acreditamos que, segundo essa concepção de gênero, a gravidez ainda seja estudada como uma prática feminina, o que justifica o pequeno número de estudos e a quase nenhuma intervenção com os pais no âmbito da saúde, tendo em vista que a mudança física na mulher é notável e no homem não há nenhuma característica visual que o aponte como pai. Complementa Gênero e Diversidade na Escola (p. 39):

Para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero se refere à construção social do sexo anatômico. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.

Logo, as características atribuídas a homens e mulheres vêm se estabelecendo ao longo da história, conforme a cultura local e os valores familiares. Há também diversidade de gêneros, como homossexuais, bissexuais, travestis, entre outros. Essas relações são muito mais complexas que a questão biológica.

Conforme Lyra,

Assim o suposto destino biológico da mulher à maternidade tem sido construído através de símbolos (Maria), de prescrições religiosas, jurídicas, educacionais (regulamentação da contracepção), das organizações sociais (dispor ou não de creche) e das identidades subjetivas (a mediação entre não trabalhar fora enquanto tem filhos pequenos). Em contrapartida, o masculino, ao ser associado à produção e administração da riqueza, é afastado do reino da reprodução, a não ser pelo sêmen fecundante. Se isto confere maior poder aos homens, nem todos os homens vivem harmoniosamente, sem conflitos, sem contradição esta experiência. (LYRA, 2000 p. 150)

Assim, a falta de estudo e dados está diretamente ligada ao fato de a criação dos filhos estar atribuída à mulher, bem como o estabelecimento pelo setor da saúde de rotinas para mulher, como preventivo de câncer, colo de útero, grupos de gestantes, realização dos exames de pré-natal. A pesquisa de e Luz e Berni (2010, p. 3) também aponta a falta de dados oficiais voltados para o masculino

A escassa produção com dados sobre pais adolescentes, principalmente em estatísticas governamentais referentes ao sistema de informação sobre eventos vitais/nascimentos, parece ignorar a existência desses adolescentes e refletem como estes jovens participam da construção social do fenômeno.

Almeida e Hardy (2007, p. 566) argumentam sobre a produção científica voltada para gravidez na adolescência:

Apesar da ênfase sobre a inclusão dos homens como sujeitos dos processos reprodutivos, ainda há predominância de estudos com mulheres na produção científica brasileira sobre relações de gênero. Especialmente em relação à gravidez na adolescência, é comum tomar-se quase como sinônimo a questão da maternidade nesse período da vida, pouco se abordando a paternidade adolescente.

Somente recentemente, o país demonstra preocupação com a saúde do homem, com o Lançamento da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, que aconteceu em agosto de 2008, cujo objetivo geral é:

Promover a melhoria das condições de saúde da população masculina do Brasil, contribuindo, de modo efetivo, para a redução da morbidade e mortalidade dessa população, através do enfrentamento racional dos fatores de risco e mediante a facilitação ao acesso, às ações e aos serviços de assistência integral à saúde. (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008, p.38)

A Política foi estruturada a partir de três objetivos específicos:

Organizar, implantar, qualificar e humanizar, em todo território brasileiro, a atenção integral a saúde do homem, dentro dos princípios que regem o Sistema Único de Saúde,
Estimular a implantação e implementação da assistência em saúde sexual e reprodutiva, no âmbito da atenção integral à saúde,
Ampliar, através da educação, o acesso dos homens às informações sobre as medidas preventivas contra os agravos e enfermidades que atingem a população masculina, destacando seus direitos sexuais e reprodutivos. (Ministério da Saúde, 2008, p.39)

Dentro de cada um desses objetivos, há outros objetivos, dos quais destacaremos os que possuem alguma relação com a nossa pesquisa:

Estimular a implantação e implementação da assistência em saúde sexual e reprodutiva, no âmbito da atenção integral à saúde;
Ampliar e qualificar a atenção ao planejamento reprodutivo masculino, inclusive a assistência à infertilidade;
Estimular a participação e inclusão do homem nas ações de planejamento de sua vida sexual e reprodutiva, enfocando inclusive a paternidade responsável;
Garantir a oferta da contracepção cirúrgica voluntária masculina nos termos da legislação específica;
Promover na população masculina, conjuntamente com o Programa Nacional de DST/AIDS, a prevenção e o controle das doenças sexualmente transmissíveis e da infecção pelo HIV;
Garantir a oferta de preservativo como medida de dupla proteção da gravidez inoportuna e das DST/AIDS;
Promover a atenção integral à saúde do homem nas populações indígenas, negras, quilombolas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, trabalhadores

rurais, homens com deficiência, em situação de risco, em situação carcerária, desenvolvendo estratégias voltadas para a promoção da equidade para distintos grupos sociais;
 Ampliar, através da educação, o acesso dos homens às informações sobre as medidas preventivas contra os agravos e enfermidades que atingem a população masculina, destacando seus direitos sexuais e reprodutivos;
 Incluir o enfoque de gênero, orientação sexual, identidade de gênero e condição étnico-racial nas ações educativas;
 [...]

(BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008, p.38, grifos nossos)

A partir da efetivação desta política, acreditamos que o homem passará a ter maior visibilidade dentro do Sistema Único de Saúde (SUS) e também estará se envolvendo mais na relação entre pai e filho, tendo em vista a existência de um objetivo específico que visa fortalecer a sua participação no contexto da paternidade. Apontamos essa política como um avanço e um marco no Brasil, pois pela primeira vez estão sendo estabelecidas ações para essa população específica, que muitas vezes ficava de fora das discussões de saúde.

A este propósito, conforme os Municípios forem implantando a Política, teremos mais dados da população masculina e também será possível trabalhar na lógica preventiva.

Outros dois objetivos que cabe destacar são os referentes à distribuição de preservativos e de prevenção às DSTs e o vírus do HIV, que, conforme forem sendo trabalhados, garantirão menores índices de gravidez na adolescência, diminuição de adolescentes infectados pelo HIV ou com alguma DST.

A ênfase maior ou exclusiva na participação das mulheres na vida pública, deixando na sombra a participação dos homens na vida privada, talvez possa explicar a pobreza de informações estatísticas sobre o pai, a paternidade, seja adulta ou adolescente. (LYRA, 2000, p. 152)

A existência de uma legislação específica para o homem é uma maneira de desmistificar certos valores arraigados em nossa sociedade. Por esse intermédio, pode haver uma mudança de atribuição de valores de gêneros e o homem assumir outras características nesse contexto da paternidade, como a de cuidado, demonstração de sentimentos, entre outros. Como complementa Lyra:

No plano dos valores, o princípio de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres vem sendo discutido não apenas no que diz respeito à “cidadania pública”, mas também à “cidadania privada”. À maior participação das mulheres na vida pública (participação feminina no mercado de trabalho, nas organizações políticas e sindicais, usufruto das mulheres de benefícios e recursos econômicos) deveria corresponder maior

participação do homem na vida privada (responsabilidade pela vida sexual e reprodutiva do casal, pela criação dos filhos, pela partilha das atividades domésticas). (LYRA, 2000, p. 151)

É relevantes conhecer o universos dos pais adolescentes, mas ter acesso a esses sujeitos dentro de critérios científicos torna-se bastante trabalhoso, tendo em vista o período de realização da pesquisa e a falta de dados oficiais. Faremos a seguir a discussão da paternidade na adolescência com base no estudo dos sujeitos que viveram essa experiência em Ponta Grossa, conforme a metodologia explicada a seguir.

CAPÍTULO 2

2.1 METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia de pesquisa deste trabalho foi quantitativa e qualitativa, composta por: revisão de literatura e pesquisa de campo, cujo instrumental para a coleta de dados é a amostra e a entrevista semiestruturada, a tabulação, as representações gráficas e a análise de conteúdo para o momento de confronto dos dados teórico e empíricos. Segundo Rizzini (1999, p. 28):

A problemática da pesquisa é construída ao mesmo tempo em que a escolha da metodologia, quando é necessário saber o que ela pode oferecer, ou seja, a que objetivos se aplica, o que está verificando, e a amplitude dos resultados[...]A metodologia comporta desde a construção do problema até a seleção de métodos e técnicas que serão empregadas na pesquisa.

Após a escolha de tema, objeto, metodologia da pesquisa, sujeitos e universo, iniciamos a pesquisa a partir de uma revisão de literatura, a qual proporcionou o embasamento teórico necessário para a coleta dos dados empíricos. Segundo Bourguignon (1999, p. 1), revisão de literatura é um:

Procedimento que possibilita a construção do referencial teórico que ilumina e sustenta as reflexões do pesquisador em torno do seu objeto de pesquisa. Conduz o processo de pesquisa e está presente desde o momento da definição do tema até sua exposição final. Exige levantamento da bibliografia já publicada e escrita sobre o tema e a sua organização e documentação através de registros ou fichamentos.

Já conhecendo a problemática teoricamente, é importante coletar dados empíricos. Em nosso estudo, utilizamos a pesquisa quantitativa para apresentar o panorama do Município frente à gravidez na adolescência. A técnica de coleta de dados quantitativos ocorreu por amostragem. Segundo Rizzini (1999, p.73):

Denomina-se *amostra* o conjunto de indivíduos selecionados dentre uma população que se quer investigar. A amostra é, portanto, parte da população a ser investigada. Os indivíduos devem ter alguma característica comum para serem agrupados em uma população específica que se quer estudar.

Neste ponto, como a temática da pesquisa contempla um grupo específico e com poucos dados oficiais, foi necessário usar os dados quantitativos do Município para mostrar a importância do estudo e realizar a escolha dos sujeitos a serem entrevistados. Os dados obtidos organizados em tabelas e gráficos. Complementa Rizzini (1999, p. 83):

Tabular significa organizar os dados em tabelas, possibilitando a verificação das relações que elas têm entre si. Na tabulação, a operação essencial é a contagem, que irá determinar o número de casos nas diversas categorias.

As tabelas foram construídas para facilitar a visualização do leitor e melhor análise dos dados. Foram usados os gráficos em barras para sistematizar os dados econômicos, etários e escolares dos adolescentes pais. Aponta Rizzini (1999, p. 88) que: “O gráfico de barras, ou histograma, ilustra de modo fácil e rápido os dados, em que podem ser divididos em algumas categorias, em qualquer nível de mensuração”.

Com os dados quantitativos organizados, buscamos informações para conhecer o dia a dia, os sentimentos e o que pensa o adolescente que teve a experiência da paternidade. Para tanto, utilizamos a pesquisa qualitativa, e como técnica a entrevista para aprofundar os conhecimentos sobre a temática. Segundo Rizzini (1999, p. 62), a entrevista: “consiste numa conversa intencional e é utilizada quando existem poucas situações a serem observadas ou quantificadas e ainda quando se deseja aprofundar uma questão”.

A fim de dialogar com os sujeitos, optamos pelo uso da entrevista semiestruturada, que permite que, no momento da entrevista, sejam realizados questionamentos que não estavam definidos previamente no roteiro. Rizzini (1999, p.63) entende entrevista semiestruturada como aquela que “é aplicada a partir de um pequeno número de perguntas, para facilitar a sistematização e codificação. Apenas algumas questões e tópicos são pré-determinados”. Isso permitiu que as entrevistas ocorressem em forma de diálogo e que, a cada momento, da mesma surgissem comentários importantes ou novas perguntas que, no momento da análise, nos permitiram reflexões mais profundas (roteiro anexo).

Depois de realizadas as entrevistas, foi imprescindível fazermos a organização e a interpretação dos dados e depoimentos, por meio da análise de conteúdo, que se trata de “uma metodologia muito utilizada em pesquisas de opinião

que envolvem um número significativo de sujeitos” (RIZZINI, 1999, p. 90). A autora reforça ainda que:

A análise de conteúdo é concebida, então, como uma técnica de investigação que têm por objetivo ir além da compreensão imediata e espontânea, ou seja, ela teria como função básica a observação mais atenta dos significados de um texto, e isso pressupõe uma construção de ligações entre as premissas de análise e os elementos que aparecem no texto. Essa atividade é assim essencialmente interpretativa.

Para que o trabalho tenha cientificidade, foi importante seguirmos alguns passos. Novamente Rizzini (1999, p.93-94) indica os procedimentos na utilização desta técnica:

- Uma leitura geral do material é absolutamente necessária para uma noção geral do que ele contém (...)
- De posse do material escrito ou transcrito, deve-se voltar aos objetivos da pesquisa e às categorias que foram estabelecidas previamente para uma adaptação do material coletado, estabelecendo as categorias e subcategorias definitivas de análise;
- Escolhidas as categorias de análise, o texto deve ser percorrido com o objetivo de compatibilizar as falas com as categorias e subcategorias que estejam representadas no texto (resultados qualitativos) (...);
- [...]verificar a contagem e tratamento percentual das categorias e subcategorias do texto (resultados quantitativos);
- [...]Resultados qualitativos e quantitativos devem integrar-se na construção do texto.

Assim concluímos nossa pesquisa, analisando os dados quantitativos, as entrevistas, e, finalmente, fazendo a ligação entre as mesmas e interligando esses dados com as referências literárias, para obtermos o resultado final do trabalho.

2.1.1 Pesquisa Quantitativa: caracterizando a paternidade na adolescência em Ponta Grossa, Paraná

No contexto da pesquisa, grande desafio e preocupação estiveram voltados para o sujeito de pesquisa. Como chegar até esse sujeito? Onde estão e quem são esses adolescentes? Como dar cientificidade a este estudo?

A alternativa encontrada foi buscar, dentro da política de saúde, algum dado que pudesse nos levar ao sujeito de nossa investigação. Então, buscamos o setor da epidemiologia do Município, o qual é responsável pelas notificações dos agravos (doenças de notificação compulsória), e lá perguntamos sobre dados de gravidez na

adolescência; descobrimos, então, que são sistematizados no³ Sistema de Acompanhamento do Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento (SISPRENATAL), alimentado no Centro Municipal da Mulher (CMM), de Ponta Grossa, PR.

No CMM os dados encontrados são relativos apenas às gestantes, não tendo nenhuma informação relativa ao pai. Na ficha de notificação de gestante (anexo), a qual é preenchida nas Unidades de Saúde e encaminhada para o Centro Municipal da Mulher, consta dados da mãe e da avó, o que confirma a suspeita de que não existem dados da paternidade, o que afiança que o pai inexistente para o sistema de saúde.

Nesse momento, tivemos acesso aos dados a respeito da gravidez na adolescência no Município de Ponta Grossa, PR. Organizamos os dados por faixa etária e ano de gestação da mulher. Foi estabelecido o período entre os anos de 2001 e 2010 para que fosse possível visualizar as mudanças no perfil das gestantes do Município, conforme demonstra a tabela a seguir:

Tabela 1 – Gravidez no Município de Ponta Grossa– PR Total por faixa etária e ano

Ano	Faixa etária									Total de Gestantes
	10 a 14	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 44	45 a 49	50 a 55	
2001	0	0	13	148	156	112	66	33	7	535
2002	0	0	229	750	627	431	274	102	11	2424
2003	0	16	344	786	683	455	281	107	12	2684
2004	0	53	507	876	688	427	244	87	11	2893
2005	0	215	898	1124	817	531	262	77	4	3928
2006	2	367	914	1075	796	428	207	34	2	3825
2007	0	477	691	690	549	304	134	27	1	2873
2008	11	908	833	841	647	303	145	14	0	3702
2009	28	1107	865	884	541	307	95	11	0	3838
2010	20	1028	954	759	616	331	113	14	0	3834

Fonte: SISPRENATAL

Organização: Nadal (2010)

Podemos observar o aumento do número total de gestantes no Município estudado e destacar o período da adolescência, que, ao longo os anos, vem crescendo, enquanto as outras faixas etárias tiveram oscilações menores se

³ O SisPreNatal é o software que foi desenvolvido pelo Datasus, com a finalidade de permitir o acompanhamento adequado das gestantes inseridas no Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento (PHPN), do SUS. No SisPreNatal está definido o elenco mínimo de procedimentos para uma assistência pré-natal adequada. Permite o acompanhamento das gestantes desde o início da gravidez até a consulta de puerpério (Disponível em : <http://sisprenatal.datasus.gov.br/SISPRENATAL/index.php>).

considerarmos os números absolutos, e ainda faixas etárias, em que houve diminuição no número de nascidos. Também constatamos o aparecimento de gestantes entre 10 e 14 anos, o que evidencia que cada vez mais cedo os adolescentes estão iniciando sua vida sexual.

Acreditamos que o aumento do número absoluto se dá pela exigência de que o SisPreNatal seja atualizado frequentemente, ou seja, pelo acréscimo de notificações e pelo aumento de gestantes que realizaram o exame de pré-natal na rede pública. Isso pode estar ligado a um incentivo financeiro que o Ministério da Saúde disponibiliza ao Município, de acordo com o cadastramento das gestantes ao Sistema. O valor por gestante cadastrada, em 2009, na primeira consulta, era de R\$10,00 (dez reais), e a condição era que a consulta fosse realizada no primeiro trimestre de gestação. Na consulta pós-parto, o valor pago é de R\$40,00 (quarenta reais), conforme a Portaria n.º 570, de 1º de Junho de 2000. Dessa maneira, o Município tem maior empenho na busca de tais gestantes para conseguir mais recurso.

No setor de Epidemiologia, foi sugerido que buscássemos o setor de Puericultura, pois lá teríamos a possibilidade de encontrar algum dado da paternidade na adolescência em Ponta Grossa, PR.

Realizamos uma visita ao Setor de Puericultura e conversamos com a Enfermeira responsável, a qual nos mostrou um sistema de intranet do Município, onde as crianças nascidas são registradas. Registra-se o nome da mãe, do pai, a faixa etária e a renda. O sistema foi instalado a partir de 2010 pela enfermagem do setor de puericultura e nele é possível visualizar a ficha individual de nascidos vivos, não se gerando um relatório por faixa etária, como seria de nosso interesse. Contudo, a partir do trabalho individual, mediante análise de cada ficha, pudemos traçar o perfil dos pais adolescentes do Município, definidos então como o período de pesquisa o primeiro semestre de 2010.

Para utilizar esse banco de dados, a responsável pelo setor solicitou que enviássemos um ofício pedindo autorização do Secretário Municipal de Saúde. Tendo o parecer favorável, após cinco meses, obtivemos os dados a seguir.

O número total de nascidos no período de 1º de janeiro de 2010 a 30 de junho de 2010 é de 1865; destes, 289 são de mães na faixa etária de 10 a 18 anos e 52 são de pais adolescentes na faixa etária de 15 a 18 anos. Segundo o ECA, art. 2,

“consideram-se criança, para os efeitos dessa Lei, a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre 12 e 18 anos de idade”.

Na pesquisa, teremos um agrupamento de 20 mães na faixa etária de 10 a 14 anos, ou seja, abrange tanto a definição de criança como adolescente, conforme o ECA, já os pais adolescentes centram-se na faixa etária de 15 a 18 anos, portanto, só adolescentes.

Para melhor comparação entre os dados de pais e mães adolescentes, organizamos a Tabela 2, que está dividida entre as Unidades de Saúde do Município e os nascidos vivos no primeiro semestre de 2010, em Ponta Grossa, PR.

Tabela 2 – Unidade de Saúde/Nascidos vivos/Número de mães e pais adolescentes no Município de Ponta Grossa,PR, no primeiro semestre de 2010

continua

Unidade de Saude	Total de Nascidos Vivos	Total de mães adolescentes		Total de pais adolescentes			
		10-14	15-18	10-14	15-18	>19	Não ⁴
31 de março	42	0	6	0	1	40	1
Abrahao Federmann	47	0	5	0	1	45	1
Adam Polan	68	0	8	0	4	63	1
Adilson Baggio	57	0	9	0	1	50	6
Agostinho Brenner	37	0	5	0	1	35	1
Aluizio Grochoski	24	0	3	0	3	19	2
Ambulatório de Risco	97	1	17	0	2	89	5
Antero Machado Mello	59	1	7	0	0	57	2
Antonio Horacio Miranda	43	0	6	0	0	38	5
Antonio Russo	50	0	4	0	1	45	5
Antonio Schwanzee	29	1	7	0	3	24	2
Aurélio Grott	25	0	6	0	1	21	2
Biscaia	4	0	1	0	1	3	0
Carlos Dezaunet Neto	17	0	3	0	0	16	1
Carlos Ribeiro Macedo	21	0	1	0	0	21	0
César Rocha Milleo	51	0	12	0	3	46	2
Cleon C.de Macedo	51	1	7	0	0	47	4
Clyceu de Macedo	17	1	2	0	0	17	0
Crutac	8	0	2	0	0	8	0
Egon Roskamp	129	0	17	0	2	118	9
Eugenio Bocchi	22	0	4	0	0	21	1
Felix Viana	36	0	7	0	0	34	2
Guaragi	15	0	2	0	0	14	1
Horácio Droppa	78	0	15	0	4	67	7
Jamil Mussi	29	0	4	0	0	26	3
Javier Cejas Arzabe	47	2	10	0	1	43	3
Jayme Gusmann	39	0	6	0	3	30	6
José Carlos de Araujo	36	0	5	0	0	35	1
José da Silva Ribeiro	105	0	19	0	3	96	6

⁴ Esses números são referentes às fichas que não possuíam a indicação do nome do pai e seus dados.

continuação

Unidade de Saude	Total de Nascidos Vivos	Total de mães adolescentes		Total de pais adolescentes			
Julio de Azevedo	50	0	8	0	4	41	5
Lauro Muller	75	0	9	0	1	69	5
Louis Charles Buron	24	0	2	0	0	21	3
Luis F. Cajado Braga	16	0	1	0	0	15	1
Madre Josefa	59	0	10	0	0	55	4
Nilton Luiz de Castro	73	1	13	0	3	66	5
Olavo Carvalho - Central	17	0	0	0	0	15	2
Ottoniel Pimentel Santos	54	0	8	0	2	47	5
Parteira Caetana Pierri	52	1	10	0	2	45	5
Paulo Madureira Novaes	16	0	5	0	1	15	0
Roberto Jesus Portella	56	1	4	0	2	51	3
Sady Silveira	47	1	4	0	0	43	4
Silas Sallem	43	1	5	0	2	34	7
Total do Município	1865	12	279	0	52	1685	128

Organização: Nadal (2010)

Fonte: Sistema de intranet de Puericultura

Com a análise desses dados, é possível observar que o número de mães adolescentes grávidas é cinco vezes maior que o número de adolescentes pais. Isso ocorre devido ao fato de as meninas terem parceiros mais velhos e também por iniciarem sua vida sexual antes dos meninos. Questões biológicas também fornecem subsídios para explicar tal temática. Ou seja, a menina tem a primeira menstruação, chamada de menarca, na idade de 9 a 15 anos (segundo Ministério da Saúde), o que significa o amadurecimento dos órgãos sexuais e reprodutivos ocorrer mais precocemente.

Conforme Guyton (2008, p. 503), “os testículos⁵ das crianças permanecem inativos até que sejam estimulados, na idade entre 10 a 14 anos, pelos hormônios gonadotrópicos da hipófise.” O autor menciona a existência do hormônio folículo estimulante, que provoca a proliferação das espermatogônicas, o que inicia o processo de formação do esperma. Entretanto, sua ação não é suficiente para levar a espermatogênese até seu término, o que exige ação adicional da testosterona⁶.” (p. 504). Na puberdade, a secreção de testosterona aumenta de forma muito rápida e atinge um máximo no início da idade adulta, mas declina até 20% desse máximo aos 80

⁵ Testículo: Onde é formado o esperma e é secretada a testosterona, o hormônio sexual masculino. (Guyton p. 409)

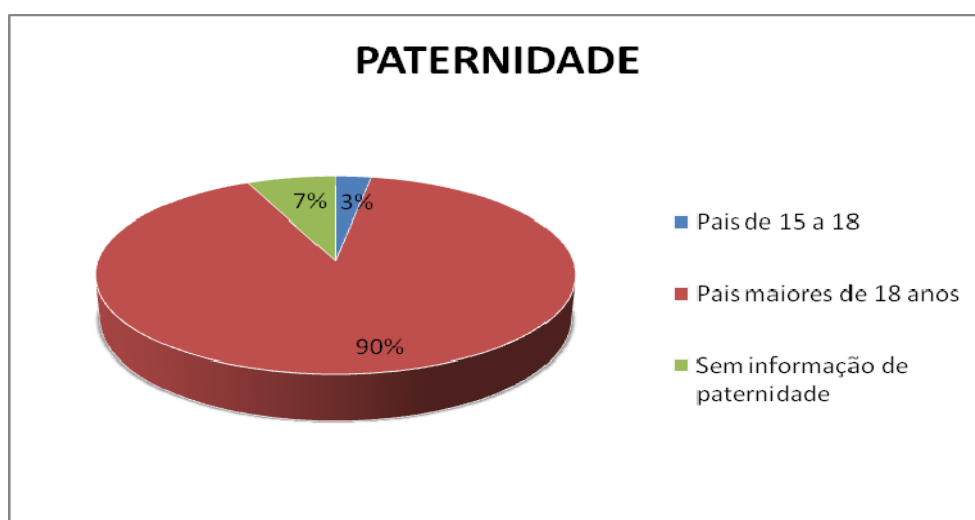
⁶ Testosterona: hormônio sexual masculino, responsável pelo desenvolvimento das características masculinas. (GUYTON, ano, p. 498).

anos.. Isso resume biologicamente o fato de a menina ter sua vida sexual iniciada antes dos meninos, conforme já explicitado.

Mesmo em face dos aspectos biológicos, na construção de papéis, nossa sociedade ainda prepara a menina para manter-se virgem pelo maior tempo possível e o menino para ter o maior número de parceiras e iniciar a vida sexual assim que surgir uma oportunidade. O que o quadro nos mostra é inverso do que se incute nos adolescentes, já que as meninas iniciam sua vida sexual mais cedo e ainda com parceiros mais velhos, ao passo que não se apresentou nenhum adolescente pai na faixa etária de 10 a 14 anos.

Temos o total de 3% dos pais na adolescência e 7% que nas fichas não constam nada sobre a paternidade, ou seja, há possibilidade de que tenhamos mais algum pai adolescente no Município, mas sem identificação.

Gráfico 1 - Paternidade em Ponta Grossa, PR, no primeiro semestre de 2010.

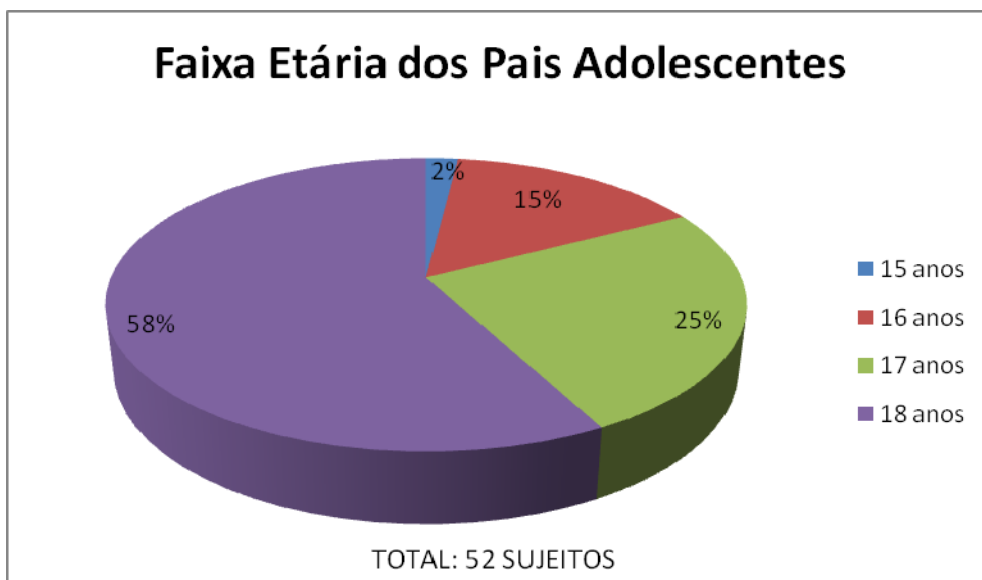


Fonte: Sistema de intranet de Puericultura
Organização: Nadal (2010)

Tendo em vista o foco de nossa pesquisa, apresentaremos os dados que envolvem os pais adolescentes, ou seja, os 52 sujeitos identificados com o levantamento de dados do Município de Ponta Grossa, PR, para que possamos identificar suas características.

Conforme indica o Gráfico 2, temos pais adolescentes a partir da idade de 15 anos de idade.

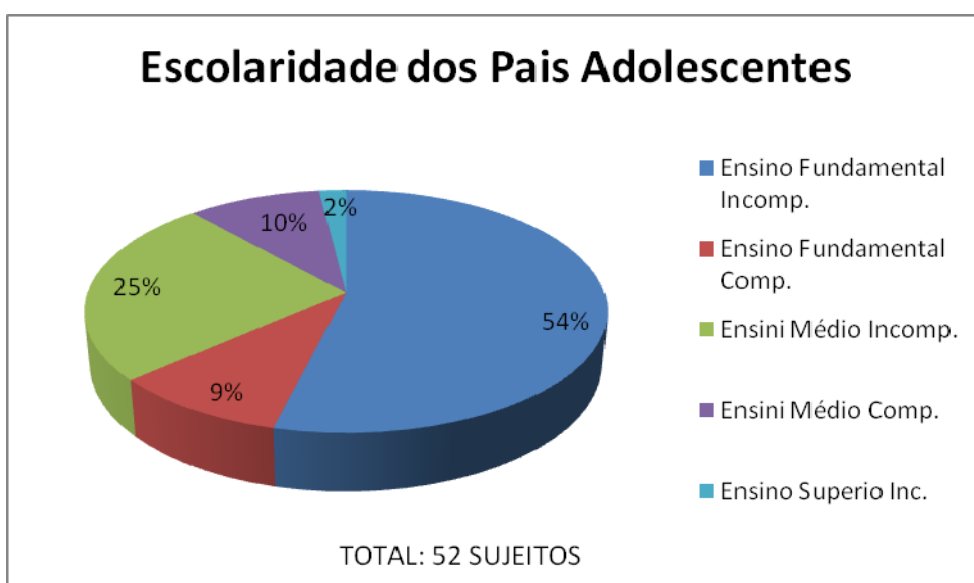
Gráfico 2 - Faixa etária dos pais adolescentes em Ponta Grossa, PR, no primeiro semestre de 2010



Fonte: Sistema de intranet de Puericultura
Organização: Nadal (2010)

A faixa etária com maior concentração de pais adolescentes é com 18 anos de idade, perfazendo um total de 58% da amostra; e a menor concentração de pais adolescentes é com 15 anos de idade, havendo apenas 1 pai identificado.

Gráfico 3 – Escolaridade dos Pais adolescentes em Ponta Grossa, PR, no primeiro semestre de 2010.



Fonte: Sistema de intranet de Puericultura
Organização: Nadal (2010)

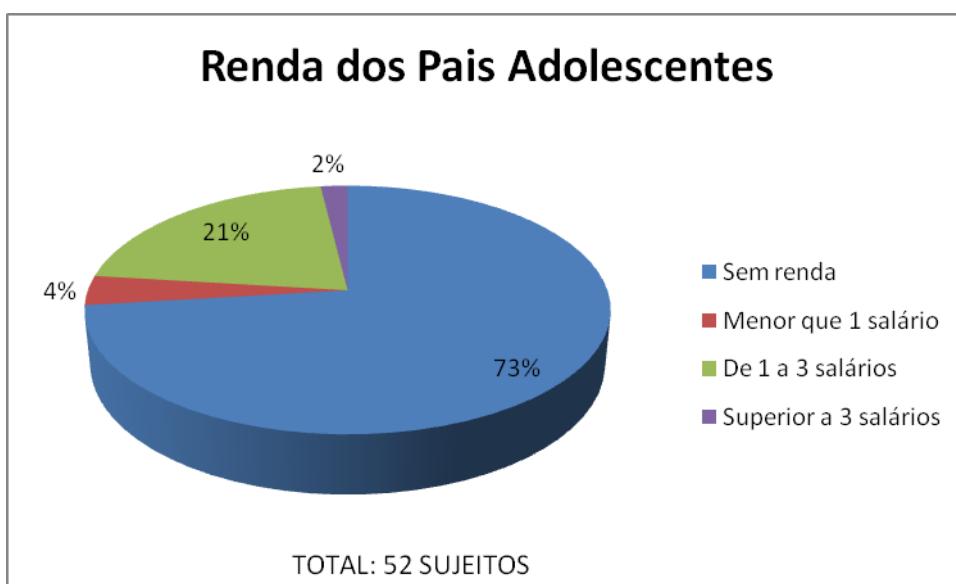
Os pais adolescentes têm baixa escolaridade, sendo sua maior concentração no Ensino Fundamental Incompleto; se cruzarmos com a renda, pode levar à continuidade da condição de pobreza e trabalho informal. Contudo, não podemos atribuir a evasão escolar apenas à paternidade, visto que ele pode estar aliado a outros fatores, como as condições socioeconômicas, família em situação de vulnerabilidade, entre outros.

Essa condição é extremamente preocupante no que tange ao futuro e às oportunidades de crescimento intelectual e financeiro desses sujeitos. Sem estudo, o pai não terá muitas possibilidades de inclusão no mercado formal de trabalho, bem como de renda, e o agravante é que esse mesmo sujeito é o responsável, juntamente com a mãe, pela manutenção de seu filho.

Em alguns casos, os pais adolescentes têm que optar entre estudo e trabalho. Como o trabalho, muitas vezes, é o que irá assegurar o sustento do filho, torna-se mais viável para aquele momento. Os dados também demonstram que há um descompasso entre idade e série, pois todos os pais têm mais de 15 anos e se cursassem de forma assídua e sem repetência deveriam estar no 1º ano do Ensino Médio, mas temos 54% com Ensino Fundamental Incompleto.

No quesito renda, podemos apresentar os seguintes dados:

Gráfico 4 – Renda dos pais adolescentes em Ponta Grossa, PR, no primeiro semestre de 2010



Fonte: Sistema de intranet de Puericultura
Organização: Nadal (2010)

Em relação ao Gráfico 4, percebemos que a maioria dos pais adolescentes não possui renda, totalizando 73% dos sujeitos. Esse dado está ligado diretamente à faixa etária em que estão inclusos, que não é a de trabalho e, sim, de estudo. Porém, se compararmos os dados de renda e estudo, podemos afirmar que os adolescentes pais não estudam, nem trabalham, haja vista que a maioria não tem renda e conta com Ensino Fundamental Incompleto. Ficando o sustento por responsabilidade de outro membro da família,.

Outro dado encontrado é a faixa etária da mãe, que podemos apresentar da seguinte maneira:

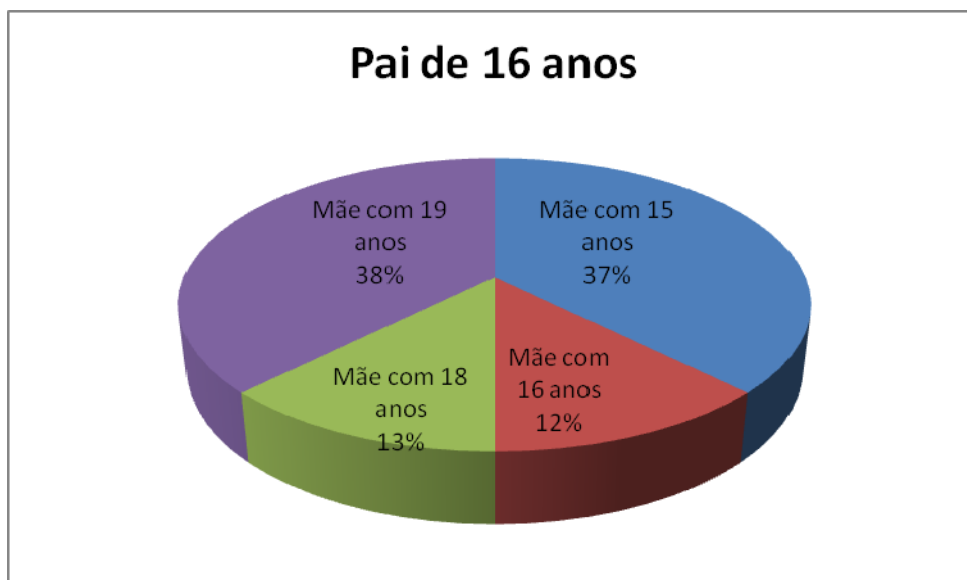
Tabela 3 – Idade Pai x Idade Mãe

Total de Pais adolescentes	Idade do Pai	Idade da Mãe								
		13	14	15	16	17	18	19	20	>21
1	15	-	1	-	-	-	-	-	-	-
8	16	-	-	3	1	-	1	3	-	-
13	17	1	-	2	4	1	1	-	1	3
30	18	-	2	4	9	2	4	3	1	5
52		1	3	9	14	3	6	6	2	8

Fonte: Sistema de intranet de Puericultura
Organização: Nadal (2010)

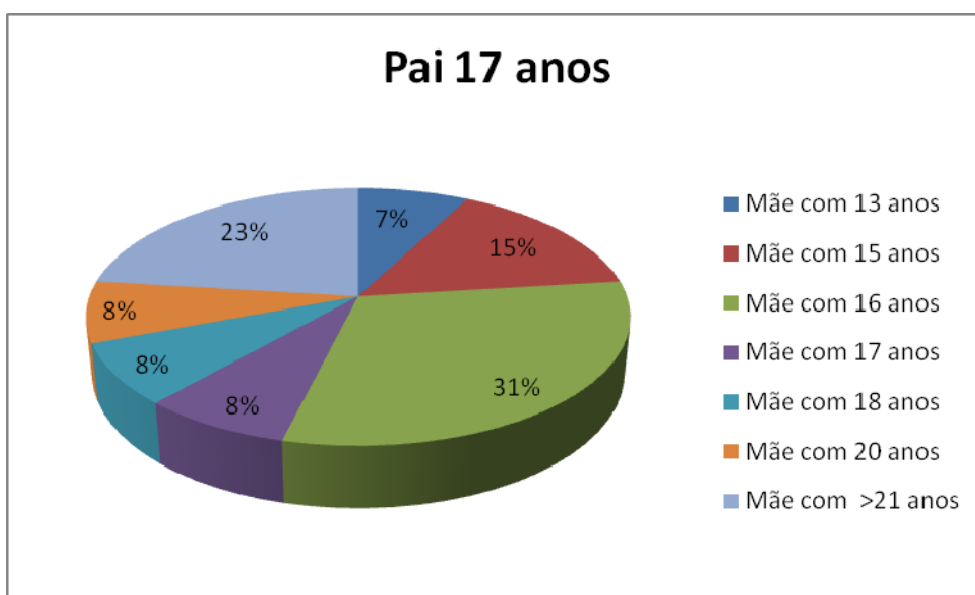
É interessante observar que, entre alguns casais, a mãe tem idade superior à idade do pai, como pode ser visto pela existência de 22 mães com faixa etária igual ou superior a 18 anos. Outro fator interessante é que há um pai de 15 anos de idade e 10 mães com esta mesma idade; nenhum pai com 14 anos e 3 mães com essa mesma idade. Ou seja, há o aumento da paternidade conforme avança a idade, e as mães demonstram um perfil diferenciado, havendo algumas bem mais novas e outras bem mais velhas que seus parceiros.

Gráfico 5 – Pais com 16 anos x Idade Mãe



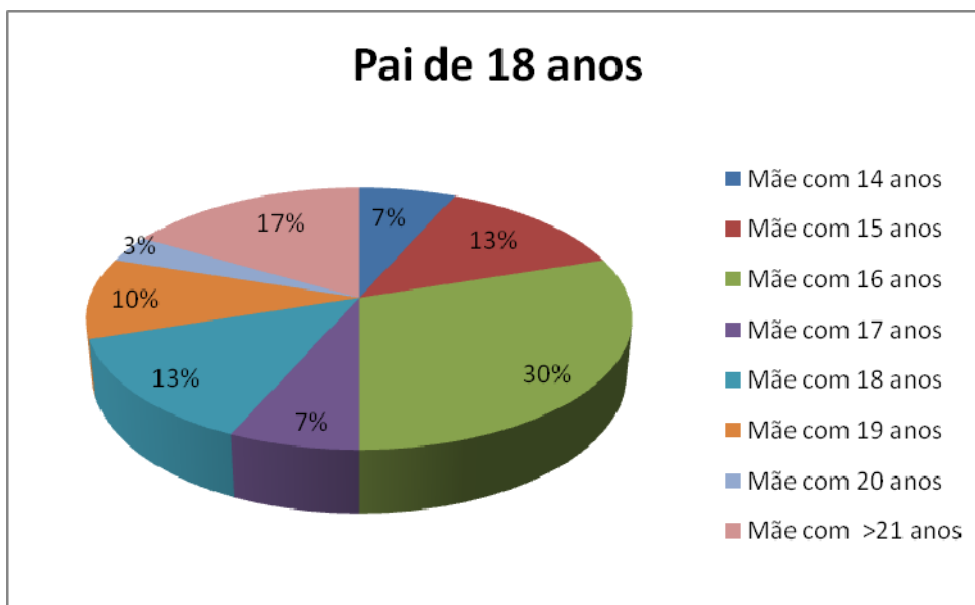
Fonte: Sistema de intranet de Puericultura.
Organização: Nadal (2010)

Gráfico 6 – Pais com 17 anos x Idade Mãe



Fonte: Sistema de intranet de Puericultura
Organização: Nadal (2010)

Gráfico 7 – Pais com 18 anos X Idade mae



Fonte: Sistema de intranet de Puericultura
Organização: Nadal (2010)

Após conhecermos um pouco mais sobre a paternidade na adolescência, delimitamos nossos sujeitos para a realização das entrevistas. O critério utilizado foi pai e mãe terem a mesma faixa etária por esses sujeitos estarem vivenciando no mesmo período a mesma situação. Essa metodologia também utilizada por Almeida e Hardy (2007, p. 567): “a amostragem foi intencional, seguindo critérios de seleção pré-definidos: homens com idade entre 12 e 19 anos, com único filho de até 11 meses de idade, cuja mãe estava na mesma faixa etária do pai.”

Assim, dentre as 42 Unidades de Saúde do Município de Ponta Grossa, PR, teremos 7 sujeitos para o estudo qualitativo.

2.1.2 Pesquisa Qualitativa: o que dizem os pais adolescentes de Ponta Grossa, Paraná?

Para realizarmos as entrevistas, tivemos de fazer um levantamento de dados dos nascimentos do 1º semestre de 2010 em Ponta Grossa, -PR, optando pelos pais que tivessem idade semelhante à da mãe. No total, encontramos 52 pais com idade superior a 12 anos e inferior a 18 anos. Destes, 7 estavam dentro dos critérios estabelecidos, porém conseguimos realizar apenas 4 entrevistas⁷.

⁷ Para o relato das entrevistas, optamos pela narração em primeira pessoa – a voz da pesquisadora – a fim de alcançar um melhor enquadramento linguístico para o entendimento.

O início dos contatos ocorreu por telefone e, em diversas tentativas, ninguém atendia à chamada. Quando se tratava de celular, a chamada era comumente encaminhada para a caixa postal ou outro familiar do sujeito de pesquisa atendia e me passava alguma informação.

A primeira entrevista agendada foi com o Sujeito 2 – Ronaldo, com quem tentei contato via telefone por diversas vezes, sem que ninguém atendesse. Quem nos atendeu pela primeira vez, por telefone, foi sua irmã mais nova, que contou que Ronaldo morava em casa juntamente com sua mãe, mas que naquele momento nenhum dos dois se encontrava em casa. Ela pediu que eu retornasse posteriormente. Na outra ligação, quem atendeu foi a mãe de Ronaldo, que demonstrou bastante preocupação com o contato, pelo fato de que eu tinha conhecimento de dados de sua vida. Ela disse: – Ele é menor, moça! Foi-lhe então explicado que se tratava de uma pesquisa da UEPG, que os dados foram obtidos pela Prefeitura; e que a entrevista somente seria realizada com a sua autorização. Assim, agendei a entrevista para o dia seguinte.

Quando cheguei à casa, localizada no Núcleo 31 de março, a mãe de Ronaldo mostrou-se aliviada por ver que a minha presença não representava nenhum perigo. Ela contou que deu instruções ao filho para que não entrasse no carro de ninguém. Convidou-me para tomar café e foi chamar o filho, que estava dormindo, pois tinha passado a noite navegando na internet. Ronaldo usava moicano no cabelo. No início, ficou um pouco envergonhado, ao passo que fui explicando sobre o trabalho, voltado para pesquisa da Universidade, e que seu nome verdadeiro não apareceria. Disse-lhe, ainda, que precisava gravar para não perder nenhum detalhe, ao que ele concordou. Demos início à entrevista.

O segundo sujeito entrevistado foi Kaka, sendo o primeiro contato realizado com seu cunhado, também adolescente, a pessoa que atendeu o celular que constava na ficha. O cunhado trabalhava na mesma empresa que Kaka e disse que logo mais estaria com ele, na hora de intervalo. Passei meu telefone de contato e pedi que me ligasse a cobrar, para que eu retornasse o contato.

Na mesma tarde, Kaka deu o “toque” no telefone e retornei-lhe. Expliquei que precisaríamos de uma entrevista sobre a paternidade e que seu responsável teria que assinar, permitindo que eu conversasse com ele. Kaká explicou que chegava em casa após as 18 horas e que neste horário eu poderia ir até a sua residência para entrevistá-lo. Ele orientou que, caso ainda não estivesse em casa,

era para eu bater em duas casas acima de seu endereço, onde morava sua namorada e a mãe de seu filho, que estaria lá. A casa de Kaká era bastante modesta, de madeira, e estava fechada. Seguindo a sua orientação, subi a rua e logo avistei uma casa onde tinha uma adolescente na janela, sua namorada, que logo nos convidou para entrar e disse que logo mais Kaka estaria de volta do trabalho. Nesse momento, conheci sua filha, que estava dando os primeiros passos. Enquanto aguardava, uma vizinha veio pagar seus pedidos do “Avon”, que a namorada de Kaká vende para ajudar na manutenção da filha. Na chegada, Kaká nos pediu para que eu esperasse um pouco, para que descesse em sua casa tomar um banho. Aguardei seu retorno e expliquei sobre a pesquisa. O sujeito ficou bastante feliz em conceder a entrevista, ficando pendente a assinatura do termo, que eu deveria buscar no dia seguinte com sua mãe, em seu trabalho, localizado no Centro.

Para realizar a terceira entrevista, entrei em contato com o telefone que estava na ficha e fui atendida pela ex-namorada e mãe do filho de Romário. Ela relatou que não vive com ele e que eu deveria ligar para a mãe dele, para conseguir seu número. Fiz contato telefônico com a mãe de Romário, que após contar que o filho estava trabalhando em um supermercado da cidade, passou-me o número do seu celular. Realizado o contato com Romário, agendamos a entrevista para depois do expediente de seu trabalho, no supermercado, por escolha dele. Chegando ao local, o sujeito estava saindo para pegar o ônibus com um colega, e então explicou ao amigo: – Vou dar uma entrevista sobre ser pai adolescente! – disse orgulhoso. A entrevista foi realizada nas proximidades do supermercado e o termo foi assinado por ele, uma vez que já tem dezoito anos de idade.

Para agendar a quarta entrevista, utilizei o mesmo procedimento das outras, estabelecendo contato telefônico com o número encontrado na ficha. Na primeira ligação, fui atendida pela mãe e companheira de Neymar, que solicitou que eu retornasse mais tarde, pois ele estava no trabalho. Em contato realizado à noite, a companheira de Neymar atendeu e logo passou o telefone para ele, que concordou em conceder a entrevista para a próxima semana no período da noite, já que durante o dia trabalhava como pintor e não poderia faltar trabalho. Combinamos que eu iria à sua casa no horário que fosse melhor. Chegando à rua da casa de Neymar, perguntei para uma moça que por ali passava se ela o conhecia. Coincidentemente, ela era a sua companheira e prontamente indicou a casa e convidou-me para entrar.

A rua era de terra e a casa em que o casal morava era no porão da casa da família de Neymar. Realizada a entrevista, a mãe de Neymar assinou o termo de livre consentimento, tendo em vista que ele possui apenas 17 anos de idade.

Após a coleta de dados, busquei sistematizá-los em um quadro, para caracterizar os sujeitos entrevistados (Tabela 4).

Tabela 4 – Caracterização do sujeitos

Sujeito	Nome	Idade	Idade da mãe	Filho ou Filha	Unidade de Saúde	Estuda?	Trabalha?	Estado Civil
1 Kaká * ⁸	C.R	15	14	Filha	Antonio Schwanzee	Não	Sim	Solteiro
2 Ronaldo*	F.A	16	16	Filha	31 De março	Não	Não	Solteiro
3 Romário*	E.G	18	18	Filha	Nilton L. de Castro	Não	Sim	União Estável
4 Neymar	L.S	17	17	Filha	Jayme Gusman	Não	Sim	União Estável

Fonte: Entrevista com os pais adolescentes/2010.

Elaborado por Isabela Martins Nadal

No momento da pesquisa empírica, buscamos conhecer um poucos mais sobre os pais adolescentes, como vivem, a organização de sua família, se mantêm contato com o seu filho, entre outros.

Sugestivamente, utilizamos o nome de jogadores de futebol para identificar os pais adolescentes, tendo em vista que todos os entrevistados fizeram alguma menção ao seu gosto pelo futebol. Curiosamente, na primeira entrevista realizada tivemos o relato de que o nascimento da criança aconteceu em meio a Copa do Mundo de 2010. Outro aspecto relativo à opção de utilizarmos os nomes verdadeiros

*Nome fictício.

se dá pelo fato de que os sujeitos são adolescentes e quem assina o termo autorização da entrevista é seu responsável.

Após a caracterização dos sujeitos entrevistados, iniciamos a análise do material coletado. Para tanto, foram elencadas as seguintes categorias para nortear o estudo: pai provedor e responsabilidade, condição socioeconômica (renda, necessidade de trabalhar e evasão escolar) e a não expressão do sentimento.

Iniciamos as entrevistas buscando conhecer a família dos adolescentes pais e também como se davam as relações entre os seus membros.

Kaká 15: Minha família é boa, convivência tudo. vive: Eu e a mãe. A mãe é... manicure e diarista.

Ronaldo 16: Eu, minha mãe, meu padrasto e meus 2, 3 irmãos, moro aqui com a mãe a qual comentou: Criei ele sozinho praticamente. Quando me separei a outra tinha quarenta dias. Então eu criei as três sozinho, sozinho, então ele fica comigo direto né.

Romário 18: Moro com a minha esposa, minha amigada, namorada agora, perguntamos se era a mãe de sua filha e a resposta foi não.

Neymar 16: Com a minha mãe, minha esposa e minha filha. Em casa separada.

É notória a diferença dos arranjos familiares em que vivem os entrevistados. Ronaldo vive com a mãe, irmãos e o padrasto; Kaká vive com mãe sob o mesmo teto, mas diariamente convive com sua namorada e filha, as quais fazem parte de sua outra família; Romário vive em união estável com outra mulher, que não é a mãe de sua filha; e Neymar vive na mesma casa que sua convivente e sua filha, e habita no mesmo terreno que sua mãe e seu pai.

Mello (1997, p. 54) explica:

É preciso ampliar o conceito tradicional de família, pois família e parente designam, pelo menos, três tipos de laços: a família nuclear própria; a família composta por várias famílias nucleares que, por questões de sobrevivência, habitam juntas; a família que inclui parentes de parentes e compadres sem laços consangüíneos.

Na coleta de dados, pudemos perceber essa variedade de arranjos familiares e a dependência econômica dos adolescentes pais à sua família. Referimo-nos aqui às avós, que auxiliam no dia a dia, nos cuidados com os netos, e

na manutenção por conta da dependência econômica. Assim, observamos uma família interligada à outra.

Apontamos as mulheres como chefes de família, como é o caso de Kaká e Ronaldo: o trabalho de suas respectivas mães, que são responsáveis pela manutenção e sustento de todos os membros da casa, novamente mostra que as famílias, com o passar dos anos, sofreram fortes alterações, principalmente com a inserção da mulher no mercado de trabalho. No cotidiano familiar temos implicações dessa mudança, pois anteriormente a mulher estaria em casa cuidando dos filhos, e agora está preocupada com a manutenção dessa família, ou seja, torna-se a principal provedora. Essas famílias são chamadas de monoparentais⁹, conforme explica Vitale (2002, p. 58):

A monoparentalidade é um estado aberto. Por essa razão deve ser considerada na sequência, em suas permanências e recomposições. Assim, pensar monoparentalidade é pensar famílias monoparentais e não um único modelo: as famílias monoparentais são protagonistas de histórias peculiares marcadas pelos diversos contextos sociais. Isso nos mostra que não é possível analisar as famílias monoparentais como um universo específico ou um grupo homogêneo.

A discussão de família vai além de seu formato; é importante analisar os valores, as culturas, a influência que sofre da sociedade, ou seja, a família é socialmente construída e modifica-se conforme o período histórico. Complementa a autora Souza (2008, p. 22):

As realidades das famílias de quaisquer formações ou arranjos, provém de influências econômicas, sociais, culturais ou políticas, como também procede de influências subjetivas, como o relacionamento de seus membros, educação dos filhos, religiosidade, dentre outras. As famílias monoparentais em situação de vulnerabilidade social¹⁰ estão sujeitos também a esses condicionantes ou indicadores.

Todos os sujeitos entrevistados são membros de famílias em situação de pobreza e ingressaram no mercado de trabalho muito cedo. Atualmente, apenas

⁹ Reconhecida constitucionalmente como entidade familiar e conceituada por esta como a comunidade formada por qualquer dos pais e dos seus descendentes. (SANTOS e SANTOS, 2009).

¹⁰ Segundo a Política Nacional de Assistência Social a vulnerabilidade social é entendida como situações de: Famílias e indivíduos com perda ou fragilidade de vínculos de afetividade, pertencimento e sociabilidade; ciclos de vida; identidades estigmatizadas em termos étnico, cultural e sexual; desvantagem pessoal resultante de deficiências; exclusão pela pobreza e, ou, no acesso às demais políticas públicas; uso de substâncias psicoativas; diferentes formas de violência advinda do núcleo familiar, grupos e indivíduos; inserção precária ou não inserção no mercado de trabalho formal ou informal. (BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome p. 33, 2002).

Ronaldo não trabalha, mas já exerceu atividade remunerada. Ao mesmo tempo em que são filhos e pertencem a uma determinada família, são pais e pertencem a outra família, com responsabilidades diferentes, ou seja, simultaneamente desempenham dois papéis: o de pai e o de filho. A família constitui uma das mediações entre o homem e a sociedade, como projeta, ainda, em outros grupos os modelos de relação criados e recriados dentro do próprio grupo. (VITALE, 1997, p. 90).

Nos arranjos familiares dos entrevistados, apenas Neymar tem convívio com a figura paterna e os demais sujeitos pertencem a famílias em que a mãe é responsável pela manutenção da casa, educação dos filhos, amor, carinho, entre outros. Questionamos os adolescentes sobre a relação com seus respectivos pais:

Ronaldo 16: Está morando aqui em Ponta Grossa mesmo, só que ele tem outra família. Olha, faz tempinho que eu não vejo ele. **Ele quer que eu vá de trás dele, só que eu não vou.** Sua mãe explica: Ele quer que as crianças procurem ele, sabe, só que hoje, quando dele deixou eles, ele estava terminando o prezinho, era formatura do teu prezinho. Daí ele quer, ele era muito novinho, ele estava com cinco anos. Então, hoje ele já tem 17 anos, ele já tem as pernas dele, a cabeça dele, já pensa né, o outro também é grandão. Então eles já pensam o que eles querem. Tem a menina de 10 anos e, se você ver o tamanho dela, parece que tem 15. Ele é livre, então, tipo assim, ele não pergunta como está, ele magoou muito as crianças e eu.

Kaká 15: Ah, até uns tempos atrás eu tinha. Ia na casa dele ver ele, mas de uns tempos pra cá ele se mudou e **nem sei onde ele mora mais.**

Neymar 16: Com meus pais, no mesmo terreno.

Na trajetória de vida dos sujeitos entrevistados, notamos o afastamento da figura paterna, talvez por não morar junto com o(s) filho(s) e/ou companheira ou pela participação acontecer apenas financeiramente, conforme explica a mãe de Ronaldo 16: *Ele paga cento e setenta por mês depois de cinco anos.* Isso reforça ideia de que o homem no contexto dessa pesquisa tem a função de provedor e os adolescentes assumem esse papel, à medida que trocam os estudos pelo trabalho. Todos os sujeitos entrevistados não estão estudando e não concluíram o Ensino Médio.

Kaká 15: eu parei bem no meio do ano, daí já no final do ano ela já ai ganhar a criança por isso **já tive que parar mesmo e arrumar serviço. Pra começar a comprar as coisas já antes.**

Ronaldo 16: Estudava no Até a sétima, parei faz um ano e pouquinho. Já tinha reprovado duas vezes, daí eu peguei e parei. Quando ela engravidou, eu estava estudando Os dois estavam. (mãe) Nós dois estava, nos já paremos por causa disso.

Romário 18: eu continuei estudando, só que daí quando eu me mudei na Santa Maria parei de estudar [ele afirma que parou de estudar para trabalhar] Eu comecei a trabalhar daí parei de estudar.

Neymar: Só estuda agora parei de estudar. Estudava e trabalhava. Não aguentei e parei na sétima série.

A evasão escolar também apareceu na pesquisa de Orlandi e Toneli (2008, p. 321): “Todos os sujeitos estavam evadidos da escola e nenhum deles havia completado o Ensino Médio”. Romário e Neymar deixaram os estudos por outros motivos e a paternidade colaborou para que não retornassem à Escola. Ronaldo já tinha histórico de repetência antes de se tornar pai. Entendemos que a paternidade influencia na continuidade dos estudos, mas não é um fator dissociado da condição socioeconômica e familiar. Complementa Orlandi e Toneli (2008, p. 321) “a gravidez não determinou a evasão, embora tenha dificultado o retorno ao meio discente”.

Tendo em vista que estes adolescentes não estão estudando, entendemos que estudo e o trabalho têm estreita relação para esta pesquisa. Acreditamos que o trabalho torna-se uma obrigação para os adolescentes pais, à medida que se veem como responsáveis por prover família e, momentaneamente, a melhor alternativa é ingressar no mercado de trabalho. Para Novaes (2007, p. 3, grifos nossos):

Amplos contingentes juvenis de famílias pobres deixam a escola e se incorporam prematura e precariamente no mercado de trabalho informal e/ou experimentam desocupação prolongada. Em outras palavras, pequenas minorias de jovens vivenciam a desejada “moratória social”, enquanto a **grande maioria deles encurta a infância** e, ao começar a trabalhar, antecipa a idade adulta. Podemos dizer que o trabalho nesta faixa etária também pode estar relacionado com a busca de emancipação financeira, mesmo parcial, que possibilite acesso a variados tipos de consumo e de lazer. Mas, para a grande maioria dos jovens brasileiros **trabalhar cedo é uma questão de sobrevivência pessoal e familiar**.

Dos quatro sujeitos entrevistados, dois começaram a trabalhar após descobrirem que seriam pais, o que reafirma a concepção de que o homem tem a

função de sustento de seus filhos. Esses mesmos atuam no mercado informal, ou seja, sem registro em carteira, sem direito a férias, décimo terceiro salário, auxílio doença ou qualquer outro direito assegurado pelo registro em carteira. O salário de Kaká é inferior a um salário mínimo mensal, hoje representando, no País, o valor de seiscentos e vinte e dois reais. Apenas Romário é registrado e também o único que, no momento da entrevista, já tinha idade superior a 18 anos.

Conforme Dayrell e Gomes (2002, p. 7): “Entre 1986 e 1996, o emprego assalariado foi reduzido em 23,8%, considerando a população de 10 a 24 anos. Assim, para cada 10 jovens ocupados, 4 são autônomos, 6 são assalariados (4 sem carteira e apenas 2 com carteira assinada)”.

Na vivência dos entrevistados:

Kaká 15: Eu trabalhava. Quando eu fiquei sabendo já né eu estava estudando daí **parei de estudar já procurei um serviço** e já comecei a trabalhar. E ela estava estudando só que ela conseguiu terminar ainda, conseguiu terminar. E ela terminou os estudos e ganhou já em janeiro, terminou em dezembro e ganhou em janeiro. Ah, eu trabalho numa transportadora. E para o futuro permanece não pensando em estudar: Os estudos acho que não tem como continuar. Ela está querendo estudar agora ano que vem, esse ano, mas eu já não dá certo. Serviço já sai tarde né, tinha que achar um serviço meio período. Kaká recebe quatrocentos e setenta reais por mês para trabalhar o dia inteiro, só venho para almoçar e já volto.

Ronaldo 16: Trabalhei na “X”, “Y” .No “Y” era para ser carteira assinada só que daí o cara pegou e não me registrou e me mandou embora, porém agora não está trabalhando. Afirmou ainda que “comecei a trabalhar depois”. Atualmente: Fico em casa, ajudo a mãe aqui e tem os outros irmãos.

Romário 18: Trabalho no Mercado.

Neymar: Trabalho com pintura. Sou pintor. 800 reais. 120 reais do Bolsa Família.

Estes adolescentes pais são explorados no mercado de trabalho, em face de que não ganham salários condizentes com suas necessidades, trabalham sem nenhuma garantia legal e sem nenhuma perspectiva de progresso nesse espaço onde exercem suas funções. Os adolescentes podem trabalhar na condição de “aprendiz”, em conformidade com o ECA (1993), art. 65: “Ao adolescente aprendiz, maior de quatorze anos, são assegurados os direitos trabalhistas e previdenciários”,

os quais são totalmente desrespeitados pelos empregadores dos adolescentes. Para atuar como aprendiz, é necessário que o adolescente esteja estudando, fato que não ocorre com os sujeitos da pesquisa.

Com efeito, o casamento que parecia indissolúvel entre escola e trabalho está em crise e precisa ser re-pactuado. Um novo casamento entre educação e qualificação profissional pressupõe não só equipamentos e recursos humanos, mas também uma nova perspectiva de cooperação interdisciplinar, voltada para o desenvolvimento de saberes, conhecimentos, competências e valores de solidariedade e cooperação condizentes com as exigências do século XXI. (NOVAES, 2007, p. 9)

Podemos apontar a necessidade de flexibilidade de atividades para manter os estudantes na Escola, principalmente os que apresentam demandas diferenciadas, como é caso por nós estudado dos pais adolescentes que precisam do estudo para progredir e sair da situação de pobreza. Contudo, no momento de necessidade, é deixado de lado, sem que haja qualquer programa educacional que procure incluir esse aluno, tendo em vista a importância do estudo para o seu futuro. É possível que a paternidade signifique a estagnação financeira e intelectual. Há, no entanto, a obrigatoriedade de estudo para a faixa etária até 18 anos, conforme ECA (1993).

Os pais adolescentes optam pelo trabalho em detrimento da escola, ação que representa uma necessidade imediata que também pode ser atribuída a sua construção enquanto homem, com determinadas funções. O mesmo é percebido em outros estudos sobre a temática:

O trabalho se constituía numa espécie de universo moral para esses jovens, além de ser importante elemento na construção de sua identidade masculina. Essa perspectiva, aliada às condições concretas da existência desses adolescentes, resulta em que a primazia seja sempre pela busca do trabalho, em detrimento da escola, como também foi observado em outros estudos^{11 12}. (ALMEIDA; HARDY, 2007, p.569)

Além da participação financeira todos os adolescentes entrevistados registraram suas filhas com seu sobrenome. Isso aponta a vontade de ter um vínculo com sua filha independente de manter ou não um relacionamento com a mãe da criança. Juntamente contaram de como “ajudam” a filha.

¹¹ CABRAL, S. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. *Cad Saúde Pública*, v. 19, Supl : s283-92, 2003.

¹² HEILBORN, M.L. et al. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horiz Antropol*, V. 8, n. 7, p. 13-45, 2002.

Kaká 15: É, está no meu nome. É boa, é alegre ela é bem chegada assim em mim. Ela é chegada em todo mundo. Ela gosta de todo mundo, ela vê a pessoa ela já gosta, não estranha ninguém.

Ronaldo 16: Ajudo, tento ajudar. **Compro as coisas pra ela.**

Romário 18: Eu vou lá às vezes, quando dá tempo, quando sobra tempo, fico junto com ela, pego ela para passear. **Eu compro fralda,** eu compro as coisas, pensão eu não dou

Kaká: **Eu compro fraudas,** as coisas que ela precisa assim, eu compro.

Neymar: A responsabilidade é trazer o alimento né.

A colaboração com a filha é voltada para o auxílio financeiro, que foi mencionado por todos os sujeitos, sem que nenhum, entretanto, tenha a pensão formalizada. Eles contribuem com compras e não com dinheiro em espécie. Em pesquisa realizada por Orlandi e Toneli (2008, p. 321), também é observado entre os adolescentes pais a responsabilidade por prover sua família:

Todos os entrevistados, em maior ou menor grau, **apontaram o pai como o maior responsável pelo provimento da família**, mesmo quando em suas famílias de origem isto não ocorria. Destarte, entre os sujeitos entrevistados pôde-se verificar a manutenção do lugar de provedor atribuído ao pai, tal como também descrito por Lodetti (2005), Palma e Quilodrán (1997), Trindade e Bruns (1999) e Trindade e Menandro (2002). Esse lugar associa-se à organização tradicional da família.

Buscamos entender como ocorreu a gravidez, de que forma era o relacionamento com a mãe da criança e se atualmente ainda estavam juntos.

Ronaldo16: Era namorada, minha namorada já fazia três meses que a gente estava juntos daí ela queria ter um neném i... eu também concordei.

Romário 18: conta que namorava há 1 ano e 2 meses

Kaká 15: Nós se conhecia né, só que nós era bem novo, daí começamos a namorar **daí aconteceu** né. Namorava 1 ano e pouco.

Neymar 16: Namorava quatro meses. Se amiguemo, né. Daí passou um, dois meses e ela engravidou.

Todos os sujeitos tornaram-se pais em um relacionamento por eles considerado estável, ou seja, de um namoro, variando a duração de tempo. Cabe destacar a situação vivida por Ronaldo (16), em que a gravidez foi uma opção do casal.

Ronaldo 16: Ela queria há um tempo eu peguei e falei para ela, espere eu passar quartel, estudo, que daí nós, pelo menos assim eu to tendo meu dinheiro, nós moramos juntos e pronto. Só que **daí aconteceu** que veio antes.

Mesmo o sujeito que afirmou que gravidez foi planejada usa a expressão “aconteceu”, citada por Kaká 15, que demonstra “surpresa” com a notícia da paternidade. A maneira como ocorre a paternidade apresenta a heterogeneidade dos sujeitos, mesmo tendo condições socioeconômicas e de relacionamentos semelhantes.

A próxima pergunta foi em relação à mãe da criança e à continuidade do relacionamento após o nascimento do filho (a).

Kaká 15: *conhecia daqui da Rua*, o casal mora a cinco casas de distância o que permite que tenham uma convivência diária.

Ronaldo 16: Gostava. Que eu conheço ela já faz... quatro anos e que eu comecei a namorar com ela já faz dois anos. Estamos juntos praticamente. conta que a convivência com a mãe de seu filho foi estabelecida na escola: **Estudava comigo**

Romário 18: vive com outra mulher, mas afirma que o relacionamento É... bom Conversamos bem, só que eu não vou muito na casa dela. **estudava na mesma escola**, daí começamos a namorar.

Neymar 17: Agora faz dois anos que tamo junto né? Não três

Em relação à continuidade do relacionamento ou viver junto com sua namorada:

Kaká 15: Nós pensamos ate hoje em ficar juntos, só que não tem condição de ficar juntos. Não tem condição. Morar juntos nós três.

Ronaldo 16: Não, por enquanto não né. Que era muito cedo até é muito cedo ainda. Por causa que tem bastante coisa eu vou ficar ainda 1 ano no quartel. E não estou nem trabalhando ainda. Se fosse para morar juntos, como até um tempo eu estava trabalhando ela

veio morar aqui comigo Só que não deu muito certo Por causa que a mãe dela se intromete muito. Ela é de menor, a mãe dela manda nela praticamente.

Romário 18: Vive com outra pessoa.

Neymar 17: Vive em união estável

Para conhecer melhor o universo do pai adolescente, buscamos entender de que forma se dava sua vida sexual e em que espaços mantinham relações sexuais com suas namoradas.

Kaká 15: Ah foi num dia normal assim, né, que aconteceu. Bem dizer foi na casa de um amigo, né. Estava saindo da escola e fomos na casa de um amigo, daí aconteceu, né. Nós já estávamos meio planejando assim, sabe.

Ronaldo 16: Aqui mesmo, ou seja, em sua casa.

Neymar 17: Na sua casa, localizada no porão de sua família .

Partimos para a temática da prevenção nas relações sexuais, e 2 sujeitos dos 4 entrevistados contaram que não faziam uso de camisinha, deixando para a parceira o compromisso de tomar o comprimido anticoncepcional, embora não tenham demonstrado preocupação se, realmente, isso acontecia. Kaka e Neymar atribuem a gravidez a uma falha dos métodos contraceptivos.

Kaká 15: Não, nós se cuidava, uma, um erro acabou acontecendo. Não, nós sempre fazia com camisinha mesmo. Estourou uma das vezes. Ah, nós sempre tinha aula na Escola, palestra de outras pessoas que vinham falar para nós. Só que era bem poucas vezes que eles vinham.

Ronaldo 16: Tipo na época que ela queria não e nos contou que a sua namorada não quer usar anticoncepcional: Só que ela não toma anticoncepcional de jeito nenhum, que engorda que não sei o que.

Romário 18: Ela tomava remédio. Só que daí eu larguei dela nesse tempo e nós voltamos. E daí quando nós voltamos ela estava sem tomar remédio, daí surgiu o neném.

Neymar 17: Tomava, mas não fez efeito né? Não, tinha acabado, mas eu não peguei no posto. Questionei sobre a camisinha e a resposta: Antes do nenê não

Os adolescentes pais demonstram a preocupação com a ocorrência de gravidez e apontam como forma de prevenção o uso do anticoncepcional. As doenças sexualmente transmissíveis simplesmente não são comentadas. Acreditamos que a falta de cuidados esteja associada ao relacionamento ser com parceira fixa, assim considerada de confiança. Os estudiosos da área têm a mesma percepção:

É possível também relacionar o não uso, ou o uso inadequado do preservativo masculino, à idéia de que sua principal utilidade seria evitar as doenças de transmissão sexual e não a gravidez. Assim, a maior intimidade com a parceira e os estereótipos de gênero, que impõem aos homens uma imagem de coragem-que desafia o perigo, não o teme e despreza quaisquer medidas preventivas se somariam para produzir essa situação¹³. (ALMEIDA; HARDY, 2007, p.570)

Sobre a ocorrência da gravidez, os relatos dos jovens são bastante preocupantes, mostrando desconhecimento de métodos contraceptivos e negligência quanto à prevenção de gravidez e DST'S. Evidenciaram também uma falsa noção de segurança, representada pelo relacionamento com virgens, ou parceiras fixas, ou pela crença em uma imunidade mágica. (TRINDADE; MENANDRO, 2002, p. 18).

Posterior à experiência da paternidade na adolescência, os sujeitos relataram mudanças de comportamentos no que se refere à prevenção nas relações sexuais.

Kaká 15: Ah, hoje não arriscamos mais. Não hoje em dia já, nós não abusamos muito, nós já não fazemos mais nada, só pelo medo de acontecer de novo. Risos

Ronaldo 16: Eu já falei para ela, a mãe dela falou que ia comprar.

Após a ocorrência da gravidez, constatou-se uma mudança neste aspecto. Os jovens passaram a usar algum tipo de contraceptivo. Ficou claro, porém, que o objetivo era a prevenção à gravidez, não havendo preocupação maior com sua saúde como um todo (TRINDADE; MENANDRO, 2002, p. 18).

E de que forma os adolescentes tomaram conhecimento da gravidez de sua parceira? Cada sujeito tem uma história sobre o momento em que tomaram conhecimento de que seriam pais.

¹³ GOGNA, M. Factores psicosociales y culturales en la prevención y tratamiento de las enfermedades de transmisión sexual. *Cad. Saude Publica*, 14 Supl 1:S81-5, 1998.

Kaká 15: Não, nós descobrimos antes né, daí a primeira vez é... certo foi com **teste de farmácia**, que daí deu positivo, daí ela já foi e fez no postinho e deu positivo também e já foram encaminhando né, eu antes de, quando eu já comecei a perceber eu contei para minha mãe né Daí ela foi e comprou um exame de farmácia pra ver se era verdade Daí ela comprou e daí de tarde chegou foi lá ela foi e fez o teste e deu positivo né

Ronaldo16: Foi na Unimed.

Romário 18: Direto exame de sangue e não estava junto no momento do exame. Ah não sei, acho que na Unimed.

Neymar 17: Ela ficou doente e foi lá no pronto socorro. Daí tinha que tirar raio-x, daí o médico mandou fazer o exame de gravidez antes de tirar raio-x e o médico contou.

A partir do momento que cogitou que a namorada estivesse grávida, Kaká recorreu à sua mãe, que adquiriu um exame de farmácia para terem a confirmação de resultado e, posteriormente, foram até a Unidade de Saúde para dar início aos exames de pré-natal. Para os outros sujeitos, a gravidez foi diagnosticada através da realização de exame de sangue.

Posteriormente, com o resultado positivo, os adolescentes tiveram que contar às famílias e às famílias de suas parceiras sobre a gravidez.

Kaká 15: Ela que contou. Ah, não foi muito agradável né, mas por causa do pai dela. A mãe dela entendeu tudo **E a sua mãe?** A mãe entendeu também. Pra mim assim não foi muito difícil.

Ronaldo 16: Chegou é..., pra mãe dela ela pegou e chegou a contar. Pra minha mãe ela pegou e veio aqui, e nós tivemos que mostrar o exame senão a minha mãe não ia acreditar. A mãe dela pegou veio e conversou comigo normal, pegou e falou que era pra mim assumir e não sei o que.

Romário 18: Ah, ficou meio alegre, mas não ficou né. Ficou triste porque novo ser pai, não fazia nada só estudava... Foi chato, chato não, é foi chato. Não, eu morava com a mãe só que daí eu não contei quem contou foi a mãe dela que contou para minha mãe. Sem chão, sei lá, não acreditava que ia ser pai, fiquei em choque.
Neymar: Ah a minha mãe aceitou. Minha mãe, meu pai. Não falaram nada. E a família da menina: Foi normal, até gostaram até. Pra mim não falaram nada.

Diante da notícia, as famílias dos meninos sentiram, inicialmente, um choque, e logo após apoiaram os adolescentes. Por sua vez, a família da menina apresentou alguma resistência em relação à gravidez, por conta de fatores culturais em que a

mulher é preparada para adiar o máximo a perda virgindade. Para Almeida e Hardy (2007, p. 570):

[...] os relatos dos entrevistados são coerentes com os estereótipos de gênero na sociedade brasileira, que tendem a reprovar a curiosidade, iniciativas e relações sexuais das mulheres fora do casamento. Por outro lado, as atividades sexuais masculinas são estimuladas a ponto de esperar-se que os homens tenham grande curiosidade sobre o sexo, ou aceitar-se que eles busquem livremente a satisfação dessa curiosidade na multiplicidade de experiências.

Kaká 15: Conflito com a minha família não, mais com a família dela, pela mãe dela não, só que o **pai dela que não aceitava**, no começo assim era bem difícil, eu não via ela porque ele não deixava. Até hoje nós não se damos bem. Só com ele assim. Minha família se dá bem com ela, eu me dou bem com a família inteira dela. Então é só com ele mesmo que não se damos bem mesmo

Romário 18: Não, não vou muito lá. Ah, os pais dela não são muito de acordo de deixar ela solteira né. Daí não vou muito lá para não ficar dando confusão. Ah ficaram alegre. Só falaram que se eu não fosse assumir a criança colocavam o nome do pai dela, do vô dela, daí eu não, **seu fiz o filho eu assumo**.

O conflito entre o pai adolescente e a família materna fica nítido na fala de nossos sujeitos, bem como a dificuldade de relacionamento com o pai da menina. Nossa concepção é que não há culpado pela gravidez, trata-se de uma escolha nem sempre consciente do casal em ter cuidados ao iniciar a vida sexual. Com efeito, alguns fatores poderiam contribuir para que a sexualidade fosse exercida de maneira mais responsável, como o diálogo com as famílias, atividades educativas com a temática, entre outras medidas.

Todos os sujeitos, de acordo com as mães de suas filhas, optaram por dar continuidade à gravidez e relataram as seguintes situações quando o tema abordado foi aborto.

Kaká 15: Pensamos Ah, nós pensamos... Agora que já tá né, vamos deixar. A gravidez continua evoluindo, não vamos deixar uma vida se perder... Daí foi passando o tempo, foi passando.

Ronaldo16: Não, nunca. Até porque ela é evangélica. A família dela inteira é evangélica.

Romário 18: Não, eu da minha parte não pensei, só se ela pensou.

Neymar: Respondeu apenas não.

O posicionamento em dar continuidade à gravidez também aparece na pesquisa de Orlandi e Toneli (2008, p. 322): “Amoroso e Olavo manifestaram reprovação a esta prática diante da sugestão de suas parceiras”. Fica nítido no discurso dos adolescentes que eles influenciam na escolha, mas não assumem sozinhos a decisão. E, mesmo considerando que as mulheres é que definem a atitude final em relação à gravidez indesejada, os entrevistados, especialmente os mais jovens, confiam em sua capacidade de direcionar a ação das mulheres. (ARILHA, 1999, p. 39, apud RADTKE, 2005, p.61)

Ao dar continuidade a gravidez os adolescentes “assumem” o compromisso em estar presente nas atividades que envolvem seus filhos. Os sujeitos foram pai de meninas e relataram sobre sua participação desde o início do período gestacional. Apenas Romário conta que não esteve presente durante o pré-natal por conta de problemas no relacionamento com mãe de sua filha, mas logo que soube do nascimento foi visitar o bebê.

Kaká 15: Acompanhei, ia no médico com ela, tudo. Sempre acompanhava ela. Na hora do parto ela estava sozinha, daí eu fui só quando ela nasceu, ela nasceu daí eu já fui ver.

Ronaldo 16: Assumir é... tipo, como que eu posso dizer... Ela é minha, minha filha...(silêncio) Acompanhei, e eu acho que eu fui um dos que mais acompanhei. Eu estava junto, eu entrei dentro da sala. Fui o primeiro a pegar o neném e contou que o parto foi cesárea, o neném já estava morrendo. Relatou que durante o pré-natal tiveram muitas informações desconhecidas: uma falou que faltava o que, quatro meses ainda para nascer o neném. Ela fez um pré natal muito complicado. (mãe) Ela fez um pré-natal aqui e a mulher daqui falou que faltava ainda quatro ou cinco meses para nascer o neném. Que ela só estava de cinco meses. E daí ela pegou, a não está certo e não sei o que, pegou foi procurar, quando foi ver já estava ganhando o neném. Sem contar que e a médica quase fez ela perder o neném. (mãe). Ela pegou e fez um monte de exames que nem podia fazer ainda, que era pouco tempo, acho que machucou também a neném. Ela nasceu com 3 quilos 725, alguma coisa assim. Ronaldo nos conta um detalhe interessante sobre a data do nascimento de sua filha: é 14, bem no dia que ia assistir o jogo do Brasil. Daí foi assistir o parto. (MÃE)

Romário 18: Não, eu não fui junto porque logo ela ficou grávida eu estava com ela daí nós brigamos e se separamos e daí não conversei com ela. Daí quando nasceu a criança nós voltamos a conversar de novo. Porque quando estava grávida nós tava brigado. Fui fui. Quando nasceu eu vim. Eu estava trabalhando em Curitiba daí eu vim para cá. No começo, acho que o médico fez a ultra som um disse que ia ter problema no coração, só que daí era uma mancha acho que tinha no aparelho. Ow foi foda!

Neymar: Eu até ia, por que eu tava sem serviço, ia no Centro da Mulher. Quando ela foi ganha nenê ela já tava com 8 dedos de dilatação. Mas não queria ir pro hospital daí chamei a mãe dela aqui e fizemos ela ir pro hospital.

Os adolescentes demonstram preocupação em cuidar de seus filhos, haja vista transparecer a vontade de saber da saúde da criança, vê-la ao nascer, estar junto, manter contato. Dessa forma, os pais, mesmo sentindo a responsabilidade de provedores, apresentam atitudes de carinho e afeto, não ditas por eles, mas realizadas. Essas observações nos levam a crer que estes pais adolescentes são os responsáveis, diferentemente do senso comum aponta, mas cada vez mais participam do cotidiano familiar. Portanto, é importante viabilizar canais de participação para esse grupo, através das políticas públicas, como por exemplo: permitir e incentivar a presença no pré-natal, realizar os grupos gestantes abertos ao público masculino, ou um grupo de apoio para os pais que se fortaleçam os vínculos familiares.

A participação do homem durante o pré-natal, e mesmo durante o parto, é uma tendência que existe desde os anos oitenta, quando esse comportamento começou a ser estimulado particularmente entre casais de camadas médias, que tinham acesso a serviços de saúde privados. (RADTKE, 2005, p. 63).

Radtke (2005) percebe, em sua pesquisa de mestrado, a mesma vontade dos adolescentes em participar do momento do parto, mas é não lhes é permitido, por conta da faixa etária.

Sobre o interesse em assistir o nascimento do filho, Gabriel, André e Cris relataram que gostariam muito de ter presenciado mas, por conta da idade, não lhes foi permitido que participassem, negando-lhes o direito como cidadãos e pais.

Além disso, sabe-se que a presença na hora do parto insere o pai no processo de constituição da paternidade e de sua concretização. Fatos como estes, de negar o direito à paternidade, desrespeitar o lugar que os jovens ocupam nos estudos de gênero, na saúde e nos direitos reprodutivos, “ajudam” a sustentar ainda mais visões premonitórias de catástrofe social, a naturalização do sexo e o apego a modelos preconceituosos. (RADTKE, 2005, p.64)

Trindade e Menandro também apontam a importância de inserir os pais adolescentes em programas que lhes deem apoio e os preparem para cuidar de seus filhos.

Viver a experiência de ser pai ou mãe no período da adolescência pode colocar os jovens em situação na qual se faz necessário o oferecimento de apoio institucionalizado na forma de programas de atendimento e orientação que envolvam tanto profissionais como a comunidade de uma forma mais ampla.” (TRINDADE; MENANDRO, 2002, p. 22)

Além do período de gestação e nascimento, os sujeitos da pesquisa permaneceram juntos aos seus filhos na convivência diária e com ações de cuidado com a criança.

Kaká 15: Vejo ela todo dia, todo dia, na hora que eu vou trabalhar, na hora do almoço eu venho de tarde eu venho, todo dia eu venho. Ajudo, a dar banho essas coisas...

Ronaldo 16: Agora que nós “brigamos”, faz três dias que eu não vejo ela. **E você via todo dia?** Toda semana porque ela pega e vinha aqui com ela. Quando a mãe dela deixa ela trazer o bebê, porque está assim. Daí e eu não boto o pé lá na casa dela. Daí quando a mãe dela deixa ela trazer o neném ela traz. Uma semana fica ai, fica uma semana pra cá. Já troquei e mama quando ela estava morando aqui só que fazia as coisas. É você esta de prova. Quando ela morava aqui só eu que fazia as coisa, pegava e levantava de madrugada só eu.

Romário 18: Eu fui a ultima vez a semana passada que eu fui lá. Domingo. E acho que vou domingo agora que vai fazer aniversário dela. Não, uma vez ela vomitou ne mim e eu quase vomitei junto. Não estava acostumado com o cheiro Ela vomitou e eu quase vomitei junto com ela.

Neymar: Vive com a filha, mas afirma que trocar fraldas e alimentar a filha são atribuições da mãe. As vezes ajudo a cuidar quando to em casa. Quando não to cansado ajudo. Seguro ela pra mulher lava roupa, limpar a casa

Pelos relatos, percebemos que cada um dos adolescentes tem uma percepção diferente de cuidado com o filho, mas todos tem se aproximado, mesmo com as suas limitações, como é o caso de Romário, que assume ter nojo do vômito da filha. De modo diferente, Kaká e Ronaldo auxiliam nas funções atribuídas pela sociedade como papel da mãe.

Durante muito tempo, o cuidar esteve presente no imaginário social como atribuição da mulher. Cuidar dos afazeres domésticos e das necessidades mais básicas das crianças, higiene, alimentação, estudos, eram tarefas vistas como femininas, consideradas funções da mãe. Isso não quer dizer que o pai também não as pudesse fazer, mas, historicamente foi construída a idéia de que o pai era encarregado do sustento e manutenção da casa e

da família, e a mãe eram destinados a organização da casa e cuidado dos filhos. (RADTKE, 2005 P. 65)

Trata-se de uma nova percepção da paternidade na divisão das tarefas familiares. O pai também foi apontado como cuidador, como fator importante na educação dos filhos, como fonte de carinho e afeto. (TRINDADE; MENANDRO, 2007, p. 20).

Considerando que os adolescentes passam a exercer novas funções devido à paternidade, suas vidas sofrem algumas mudanças, bem como esses sujeitos se modificam na sua forma de agir, passam a ter novas preocupações que anteriormente nem cogitavam ter, definidas por três sujeitos como “responsabilidade”.

Kaká 15: Foi bem dizer uma experiência, uma experiência que tinha que ter acontecido para frente mas que aconteceu né. Para mim foi bom, eu acho que para mim foi bom. Acho que mudou bastante minha vida Ah, mudou tudo. Assim, desde pequeno assim eu já pensava em ter uma família, ter uma filha daí quando veio parece que muda né. A gente fica mais alegre.

Ronaldo 16: Ah, muita coisa... Ah, **a responsabilidade** é muito diferente.

Romário 18: **Responsabilidade** né. Um pouco mais de juízo, fazer menos bagunça. Saía, bebia, aprontava só. Agora não dá mais para fazer isso.

Neymar: Responsabilidade né.

A questão da responsabilidade pode ser entendida como a consciência do dever com seu filhos, sem uma definição uniforme do que seria o entendimento para cada sujeito. Conforme as entrevistas, acreditamos que se trata de prover a família, estar em contato com o filho e uma mudança na forma de se ver que antes da gravidez haveria espaço para irresponsabilidade que agora não há, segundo os entrevistados. Poderíamos considerar como transição do adolescente para o homem. Arilha (1999, p. 96) entende responsabilidade como:

[...] a palavra responsabilidade encerra em si mesma um universo polissêmico e multifacetado de sentidos e que, portanto, dela só se pode falar observando-se de qual responsabilidade (com que sentido) se fala, de quem e em relação a quê ou a quem. Não se pode pensar em responsabilidade como atributo particular e específico de alguém, como

algo que se tenha ou não, mas como resultante de processos sociais que constroem e determinam práticas que acabam sendo associadas a esta ou aquela forma de ser homem ou mulher, jovem ou adulto. Tais processos devem ser lidos de acordo com abordagens de gênero e masculinidades

Os adolescentes pais entrevistados passam assumir outra postura frente à vida, ocorrem também mudanças referentes às atividades de lazer e às amizades antes do nascimento de seus filhos.

Kaká 15: Ah, ia para escola, gostava bastante de jogar bola, ia jogar bola, ia para casa dos meus amigos, jogar vídeo-game, escutar música essas coisas assim... Agora é só trabalhar, trabalhar a semana inteira e sábado sai de vez em quando senão fica em casa mesmo. Ah, meus amigos, assim bem dizer eu não vejo eles mais. Eles estudando eu trabalhando nem tem como. Porém fez novos amigos em seu trabalho: Lá na empresa tem. Eu sou amigo de todo mundo né.

Ronaldo 16: Não, do colégio para casa daí sair, sair era ir para o shopping de vez em quando. mudou eu não saio mais, ir para o shopping faz... eu só estava indo para o shopping mesmo porque eu estava trabalhando lá. Meus amigos de antigamente, eu não quando eu estava solteiro eu não vi mais ninguém daquela época tudo mudou.

Romário 18: É mesma coisa. Só que agora eu não vou de embalo que nem antes ia. Antes ia beber fazer bagunça. Agora eles vão e eu fico em casa. Atualmente vive em União Estável, o que traz mudanças como, por exemplo, as saídas a noite. Não deixa. As vezes ela deixa sair só que eu não vou, nem beber, bebo de vez em quando uma cerveja. Até com a bebedeira parou
Neymar: Sair com os amigos. (Risos) as vezes eu vou na casa deles. De vez em quando jogava bola. hoje não. Para se divertir: Ah, saímos domingo, com o nenê e com ela(companheira). Faze lanche, no shopping, passear pro Centro.

Conforme relato dos sujeitos, há o afastamento dos amigos mantidos antes da gravidez por conta estarem vivendo uma situação diferente daqueles, ou por não frequentarem mais os mesmos espaços de socialização. No caso de Romário e Neymar, o distanciamento está ligado ao relacionamento conjugal, que inviabiliza que frequentem as baladas. É um processo de amadurecimento, que pode ser entendida como uma forma – no caso de Neymar – de deixar de ser filho e tornar-se apenas pai.

Entre as mudanças relatadas a de maior impacto parece ter sido a perda de liberdade, mencionada por todos os sujeitos e traduzida pela diminuição nos contatos sociais e nos programas com os amigos.[...]Por outro lado, consideram algumas mudanças positivas, como um ganho pessoal: aumento de responsabilidade, o amadurecimento e a relação afetiva com o filho. (TRINDADE; MENANDRO, 2002, p. 19)

Após discutir sobre a paternidade na adolescência, com base nos autores referências na área, procuramos fechar nosso estudo entendendo qual o significado atribuído pelos adolescentes a experiência de torna-se pai. O jovem pai contemporâneo, objeto desta reflexão, não pode ser identificado como um mero reprodutor ou provedor econômico da família: ele está sujeito e é movido por transformações socioculturais que permitem (re) significar seu papel no contexto da paternidade.(RADTKE, 2005, p. 85)

Kaká 15: Significa **tudo** né. É agora não é... uma, uma, um objeto, alguma coisa que você não quer mais, que deixa de canto, é isso aí vai para vida inteira, é um ser humano. Então bem dizer é de **um tudo para mim**. Agora é eu e as duas. E para frente tentar formar uma família, fazer uma casa. Ah, tem que ajudar ela né, eu penso assim é... se aconteceu agora a gente tem que ajudar né. Ajudar a fazer crescer, tem que criar ela agora

Ronaldo 16: Pai... a é como eu falei numa pergunta que você fez é responsabilidade, é minha filha eu sei que eu tenho que participar da maioria das coisas que ela faz **eu tenho que estar do lado dela**. Pra mim é isso, é responsabilidade e estar do lado dela.

Romário 18: Ah, eu não sei te dizer. (Silêncio) Sei lá, é legal, massa, tem que ter, tem que saber a hora de ser, assim na louca não é muito bom quando não é planejado, daí se for planejado Mas e o seu sentimento com a filha? Ow é massa, **ela só fala papai, não fala mamãe** e olhe que eu não fico muito perto dela, ela só fala papai Ela fala comigo muito massa, fico até arrepiado.

Neymar: Ser pai?É.Agora não sei também. Ah **é minha vida** né? Minha filha.

Almeida e Hardy (2007, p. 571), em seus estudos, relatam que:

[...] o nascimento do bebê a paternidade foi percebida como algo enaltecedor, que trouxe satisfação aos entrevistados. Isso pode ser explicado pelo fato de que ser pai insere o homem no mundo dos adultos e reforça sua masculinidade, pois significa assumir responsabilidades.

Orlandi e Toneli (2008, p. 318-319) entendem a paternidade na adolescência como mudança de adolescente para adulto.

Na medida em que, no imaginário social, comumente a paternidade é associada à noção de virilidade, Fuller (1997) compreende este evento como um aspecto significativo para a experiência da masculinidade. Deste modo, a paternidade pode ser significada como um momento importante no processo de transição da adolescência para a vida adulta, quando implica em novos arranjos no cotidiano do homem, de modo a favorecer a conquista do *status* de adulto e de um maior reconhecimento social.

Todos os entrevistados demonstraram afeto pela filha, mas nenhum disse “eu amo minha filha”. Nota-se a dificuldade de verbalizar os sentimentos. Esse comportamento também foi encontrado por Almeida e Hardy (2007, p. 568) em sua pesquisa.

[...] as diferenças de gênero, frequentemente marcantes na socialização de homens e mulheres. Essa socialização contribui para que os homens adolescentes **não se sintam à vontade para expressar de forma articulada o que eles sentem**, acreditam ou precisam.

Ainda com relação à afetividade, Trindade e Menandro (2002, p. 19) afirmam: “a maioria dos jovens revelou satisfação com a condição de pai, mesmo levando em conta aumento de responsabilidade, em alguns aspectos considerados positivos, e a perda de liberdade, e **todos afirmaram apego aos filhos**”.

Fica, pois, claro que o pai adolescente é mais que o provedor, é também o apoio afetivo no desenvolvimento nas relações com seu filho desde o período da gravidez. Trata-se de um sujeito ainda em transformação, que assume a responsabilidade de ser pai, além do viés econômico, orgulha-se de sua opção e, certamente, quer participar da vida de seu filho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como tema a paternidade na adolescência, no Município de Ponta Grossa, Paraná, no primeiro semestre de 2010, visando conhecer o universo dos sujeitos que tiveram essa experiência. Assim, buscamos desvelar de que forma a paternidade ocorreu, o contexto familiar, a relação pai e filho, e, ainda, as mudanças ocorridas na vida dos adolescentes após a notícia da gravidez de suas parceiras.

Num primeiro momento, houve a procura por referencial bibliográfico e dados oficiais que trouxessem informações sobre a temática, porém percebemos que há uma lacuna sobre essa discussão. Encontramos um número pequeno de trabalhos que discutem sobre o pai adolescente, os quais apontam a mesma dificuldade. Na maioria dos estudos sobre gravidez na adolescência, é dada maior relevância a figura feminina, mãe, o que revela uma invisibilidade da paternidade na adolescência. Eis a razão para que esta pesquisa tenha se consistido num grande desafio.

Por ocasião da pesquisa empírica, percorremos os setores Política de Saúde, Educação e Poder Judiciário, na busca de qualquer informação que pudesse nos auxiliar a realizar o estudo. Destacamos que somente foi possível ter contato com os adolescentes pais por uma iniciativa do Município de Ponta Grossa, setor de puericultura, em registrar dados da mãe e do pai das crianças nascidas. Desse modo, o acesso permitiu a realização das entrevistas, as quais, em nosso entendimento, torna o trabalho rico por dar voz aos sujeitos que permanecem no esquecimento nos estudos e nas políticas públicas.

Neste ponto, ressaltamos que a pesquisa traz apenas um recorte temporal da realidade, deixando ainda muitos questionamentos para outros momentos de pesquisa. Sabemos que são necessários mais dados estatísticos para afirmarmos que o fenômeno da realidade local tem as mesmas características que em outras realidades de nosso país.

Podemos afirmar que os pais adolescentes ainda são invisíveis perante os estudos e as políticas públicas. Acreditamos que este estudo contribui para desmistificar que esses sujeitos são irresponsáveis, que não sofrem nenhuma consequência por suas atitudes. Todos os sujeitos entrevistados não estudam, ingressaram no mercado de trabalho, a maioria sem registro formal em carteira e

convivem com suas filhas, o que evidencia que os sujeitos também sofrem consequências, principalmente por pertencerem a famílias em situação de pobreza e, ao evadirem-se das escolas, estão novamente permanecendo no ciclo da pobreza, o qual poderia ser interrompido com estudo e qualificação profissional. Essa “escolha” é a prova que os sujeitos têm comprometimento com a função de ser pai, entendidas por eles como a obrigação de sustento do filho.

Cabe destacar o orgulho apresentado por todos em ser pai e conviver com seu filho, estar perto, participar do momento dos exames de pré-natal e parto. Fica claro que os adolescentes pais participam da vida de seus filhos e mesmo que entendam que o bom pai é o que auxilia financeiramente, fazem além disso, ao participarem do cotidiano familiar também no momento de dar carinho e amor ao filho, mesmo não destacando isso como função do pai. Todos os sujeitos, em seus discursos, mostraram entendimento que o pai é responsável pela manutenção da família.

Acreditamos que esse entendimento do pai enquanto provedor esteja ligado aos laços estabelecidos com seus pais, que exerciam função meramente financeira estabelecido por pensão, ou simplesmente marcada pelo não presença no dia a dia. Assim como sentiram falta dessa participação, querem proporcioná-la a seus filhos. Seria, a nosso ver, um “novo pai”, com novas características de participação, marcadas principalmente pela expressão do sentimento. Apontamos como curioso o fato de nenhum dos sujeitos falar que amava o filho, mesmo demonstrando sentimento e orgulho pela paternidade e apresentando afeto.

Após árdua pesquisa de campo e articulação com os conceitos teóricos, entendemos que o pai adolescente é hoje um trabalhador desprotegido, a maior parte pertencente a famílias pobres em diferentes arranjos, com baixa escolaridade, vulnerável a DST/AIDS. Trata-se de garotos em fase de formação, que precisam do suporte das políticas públicas, ainda incipientes em nosso país, quando pensamos sobre a gravidez na adolescência. São necessários programas de apoio no âmbito da saúde, atividades escolares que facilitem sua permanência na escola e inserção no mercado formal de trabalho, para que, dessa maneira, seja assegurado um mínimo de qualidade de vida e possibilidade de um futuro melhor, não somente para o pai adolescente, mas essa nova família que depende da figura paterna.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anecy de Fátima Faustino e HARDY, Ellen. Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. **Revista Saúde Pública**; v. 41, n. 4, p. 565-72, 2007.

AMENDOLA, Gilberto. **Meninos Grávidos: O drama de ser pai adolescente**. 1. ed. - São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

ARILHA, Margareth. **Masculinidades e gênero: discursos sobre responsabilidade na reprodução**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

BOURGUIGNON, J. A. **Procedimentos Metodológicos para coleta e análise de dados na Pesquisa Social**. Texto didático trabalhado na disciplina de Pesquisa Social. UEPG/PR, 1999.

BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Tradução de Maria de Lurdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 6. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Ficha de cadastramento da gestante**. Disponível em: <http://sisprenatal.datasus.gov.br/SISPRENATAL/FormGestanteV211.pdf>. Acesso em: 25 maio 2010.

BRASIL. **Política Nacional de atenção integral à saúde do Homem**. Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2008/PT-09-CONS.pdf>. Brasília 2008. Acesso em: 27 maio 2010.

BRASIL. Portaria N.º 570, de 1º de Junho de 2000. Ministério Da Saúde. Disponível em: http://sisprenatal.datasus.gov.br/SISPRENATAL/Portaria_570_GM.PDF. Acesso em: 25 maio 2010.

BRASIL. Série Saúde preventiva. **Conversando sobre direitos sexuais e reprodutivos**. Disponível em: <https://sistema.planalto.gov.br/spmulheres/textos/SOS%20CORPO/direitos.pdf>.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; GOMES, Nilma Lino. **A juventude no Brasil**. Cidade, editora,

GÊNERO E DIVERSIDADE na escola. Formação de professores(as) em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Disponível em: <http://www.sepm.gov.br/publicacoes-teste/publicacoes/2009/gde-2009-livro-de-conteudo.pdf>. Acesso em 27 maio 2010

GUYTON, Arthur C. **Fisiologia Humana**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Registro Civil**, Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2009/tabelas_pdf/tabela1_3.pdf. Acesso em: 07 junho.2011.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Nascimento no Brasil. O que dizem as informações?** http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/com_nasc.pdf. Acesso em: 07 junho.2011.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. **Psicologia Social: o homem em movimento**. 10. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

LUZ, Ana Maria Hecker; BERNI, Neiva Iolanda de Oliveira. Processo da paternidade na adolescência. **Rev. Bras. Enferm**, v..63, n. 1. Brasília: Jan./Feb. 2010.

LYRA, Jorge Luiz Cardoso da Fonseca. **Paternidade Adolescente: uma proposta de Intervenção**. Mestrado (Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito **Gênero e paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico**. Cidade: Editora, 2000.

MELLO, Sylvia Leser de. Família: perspectiva teórica e observação factual. In: BRANT de CARVALHO, M.C. **A família contemporânea em debate**. 2. ed. São Paulo: Cortez/EDUC, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, n.3, p. 239-262, jul/set, 1993

BRASIL. MINISTÉRIO do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social**. Brasília 2004.

MUNHOZ, Divanir Eulália Naréssi. **Família: configurações, poder e limites na sociedade brasileira**. In: LAVORATTI, Cleide. (Org). Programa de capacitação permanente na área da infância e da adolescência: o germinar de uma experiência coletiva. Ponta Grossa: UEPG, 2007.

NOVAES, Regina. **Juventude e sociedade: jogos de espelhos - Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas**. 2007

ORLANDI, Renata e TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Adolescência e paternidade: sobre os direitos de criar projetos e procriar. **Psicologia em Estudos**, Maringá, v. 13, n.2, p.317- 326, abr./jun.2008

PEREIRA, Potyara Amazoneida Pereira. Mudanças estruturais, política social e papel da família: crítica ao pluralismo de bem-estar. In: SALES, Mione Apolinário; MATOS, Maurílio Castro de; LEAL, Maria Cristina. (Org.). **Política Social, Família e Juventude**: uma questão de direitos. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RADTKE, Franciane Meire. **Adolescência, paternidade e cuidados**: os sentidos que adolescentes pais atribuem à sua participação nos cuidados dos filhos. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2005.

RIFFERT, Gracielli Aparecida. **A importância da participação paterna na vida do filho com necessidades especiais**: um estudo sobre a APAE do município de Palmeira. Trabalho (Conclusão de Curso de Serviço Social) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2005.

RIZZINI, I. et al. **Pesquisando... Guia de Metodologias de Pesquisa Para Programas Sociais**. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária, 1999.

SANTOS, Adalgisa Hellen Ribeiro. **“Cara, tipo assim: ser adolescente é um lance muito irado!”** – Representações e Sentidos do Fenômeno Adolescência(s). Trabalho (Conclusão de Curso de Serviço Social) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2004.

SANTOS, Ivone Botelho dos. **Maternidade e Paternidade na Adolescência**: Uma reflexão necessária, 2003.

SANTOS, Jonabio Barbosa; SANTOS, Morgana Sales da Costa. Família monoparental brasileira. **Rev. Jur.**, Brasília, v. 10, n. 92, p.01-30, out./2008 a jan./2009.

SOUZA, Virgínia de. **Famílias monoparentais e vulnerabilidades**: uma abordagem a partir dos Centro Municipais de Educação Infantil de Ponta Grossa- PR 2007/2008. 2008.

SZYMANSKI, H. **Viver em família como experiência de cuidado mútuo**: desafios de um mundo de mudanças. Organizador Serviço Social e Sociedade Especial Família. São Paulo: Cortez, 2002.

SZYMANSKI, Heloisa. Teoria e “teorias” de famílias. In: BRANT de CARVALHO, M.C. **A família contemporânea em debate**. 2. ed. São Paulo: Cortez/EDUC, 2005.
TIBA, Içami. **Puberdade e Adolescência**: desenvolvimento biopsicossocial. São Paulo: Agora, 1986.

TRINDADE, Zeide Araujo; MENANDRO, Maria Cristina Smith. **Pais adolescentes**: vivência e significação. Vitória: UFES. 2002.

ANEXOS

ANEXO A- ROTEIRO

1. Nome
2. Idade
3. Mora com quem?
4. Qual sua relação com a companheira(mãe do filho)? Namora, vive junto, ou casaram?
5. Se sim. Essa decisão foi por sua vontade? Explique.
6. Como é a convivência com a mãe da criança?
7. Caso não morem juntos, tem outra namorada?
8. O filho “aconteceu” de um relacionamento estável? Conte. (estável, quanto tempo?) Você ficou com a menina ou era sua namorada? Poderia me contar detalhes... Festa...
9. Qual foi sua reação ao saber da gravidez?
10. Pensou em aborto?
11. E seus pais como reagiram?
12. E os pais da menina como reagiram?
13. Você acompanhou a gravidez? Foi ao médico alguma vez?
14. Quais as mudanças em sua vida após a paternidade?
15. Estudava? Continuou os estudos?
16. Trabalhava? Hoje trabalha?
17. Convive com o filho?
18. O que você faz para ajudar na educação de seu filho? Visita ele? De quanto em quanto tempo?
19. Você usou preservativo(camisinha)? Por que não? Onde pega? Unidade de saúde?
20. Hoje você usa? Mudou sua concepção?
21. Ela tomava cuidado(comprimido)?
22. Só possui 1 um filho (a)?
23. Como é sua vida social? Convive com os amigos? Sai?
24. O que é a paternidade para você?

ANEXO B- ENTREVISTA SUJEITO 1: RONALDO

Anexo B- Entrevista sujeito 1: Ronaldo

Então me conte com quantos anos você esta hoje?

“To”com 17.

Mora você e a mãe só?

Eu, minha mãe, meu padrasto e meus 2, 3 irmãos

E conte uma coisa para mim, é... a sua namo... como que aconteceu na época quanto você teve o neném, era sua namora era?

Era namorada minha namorada já fazia três meses que a gente estava juntos daí ela queria ter um neném i... eu também concordei

De três meses de namoro? Você acha bastante tempo três meses?

Não era muito tempo

E você gostava dela?

Gostava.

Mas daí vocês decidiram mas não comentaram nada com os pais de vocês?

Ela já queria de mais tempo. Que eu conheço ela já faz... quatro anos e que eu comecei a namorar com ela já faz dois anos.

E vocês ainda namoram?

Estamos juntos praticamente

Daí vocês decidiram que iam engravidar e onde aconteceu essa criança? Era aqui?

Aqui mesmo.

E onde vocês se conheceram? Ela estudava com você?

Estudava comigo.

Então não foi uma coisa impensada vocês programaram?

Praticamente sim.

Como praticamente sim?

Ela queria e um tempo eu peguei e falei para ela, espere eu passar quartel, estudo, que daí nós, pelo menos assim eu to tendo meu dinheiro, nós moramos juntos e pronto.

Uhum.

Só que daí aconteceu que veio antes.

E daí nasceu a criança como? E, até nascer a criança?

Foi tudo bem . Eu ajudava ela, ela ficava do meu lado.

E me conte, como vocês contaram para os pais de vocês por exemplo?

Chegou é..., pra mãe dela ela pegou e chegou a contar. Pra minha mãe ela pegou e veio aqui, e nós tivemos que mostrar o exame senão a minha mãe não ia acreditar.

E aonde vocês fizeram esse exame?

Foi na Unimed.

E qual foi a reação da família dela?

A mãe dela pegou veio e conversou comigo normal, pegou e falou que era pra mim assumir e não sei o que.

E o que é para você assumir?

A criança.

Tá, mas o que você entende por assumir?

Assumir é... tipo, como que eu posso dizer... Ela é minha, minha filha...(silêncio).

Tá, então me conte, você contou para sua mãe junto com ela

Uhum.

Ela contou para a mãe dela e daí vocês decidiram que iam morar juntos ou não pensaram em morar juntos?

Não, por enquanto não né. Que era muito cedo até é muito cedo ainda.

Uhum

Por causa que tem bastante coisa eu vou ficar ainda 1 ano no quartel.

Uhum

E não estou nem trabalhando ainda. Se fosse para morar juntos, como até um tempo eu estava trabalhando ela veio morar aqui comigo

Uhum.

Só que não deu muito certo

Por que?

Por causa que a mãe dela se intromete muito. Ela é de menor, a mãe dela manda nela praticamente.

Você tem dezessete e ela?

Dezessete

E vocês nunca pensaram em abortar a criança?

Não, nunca. Até porque ela é evangélica.

Ah, ela é evangélica.

A família dela inteira é evangélica

Mas daí evangélico e a criança sem casar para eles pode?

Diz que não pode né, mas aconteceu

E está aí né? Tá... E você acompanhou a gravidez dela, foi no médico?

Acompanhei, e eu acho que eu fui um dos que mais acompanhei

E na hora que ela foi fazer os exames, você ia junto? Chegou a ver algum ultra-som?

Fui junto

Não fizeram nada pelo postinho de saúde?

Foi, nós fizemos os exames tipo de ultra-som foi pago, daí pelo postinho de saúde foi o, o... parto e o ...

Pré-natal.

Pré – natal

E vocês desconfiaram que ela estava grávida, vocês fizeram o exame de farmácia ou vocês foram no postinho?

Não, na Unimed pegar o exame de sangue.

Mas já tinha tanta certeza é?

Ela já tinha, eu não.

E o que você acha que mudou na sua vida depois da criança?

Ah, muita coisa

Mas me conte o que é essa muita coisa

Ah, a responsabilidade é muito diferente

Você ajuda financeiramente a criança?

Ajudo, tento ajudar

Uhum.

Compro as coisas pra ela

E você a vê a criança direto?

Agora que nós “briguemos”, faz três dias que eu não vejo ela

E você via todo dia?

Toda semana porque ela pega e vinha aqui com ela. Quando a mãe dela deixa ela trazer o bebê, porque está assim. Daí e eu não boto o pé lá na casa dela.

Daí quando a mãe dela deixa ela trazer o neném ela traz. Uma semana fica ai, fica uma semana pra cá.

E você faz tudo? Troca fraude, da de mamar?

Já troquei e mama quando ela estava morando aqui só que fazia as coisas. É você esta de prova. Quando ela morava aqui só eu que fazia as coisas, pegava e levantava de madrugada só eu

Cuidava bem do nenezinho?

Cuidava.

E você não tem vontade de trazer a criança para você?

Ter tem. Mas eu não ia tirar da mão da mãe

Ela já não mama mais no seio?

Não.

Nunca mamou(mãe)

Nunca mamou

Hum ela não pego o seio?

Pego mas...

Ela tinha os peitos desse tamanho, enorme, tinha leite que nossa, né. O neném chorava a noite inteira daí a gente como ela tava comigo eu apelei e a gente apelou a dar o nestogeno né pra ela. (mãe)

Uhum

E você que fazia o mama da criança?

Levantava cedo e fazia. (mãe)

E agora como que esta sua filha lá?

Vive doentia. (mãe)

Esses dias, anteontem ela pegou e ligou aqui e falou que ela estava doente

E por que vocês estão brigados?

Ah, lá não tem condição a mãe dela faz muito a cabeça dela.

A gente ajuda assim no que pode, dá leite, dá frada esse mês ate foi comprado leite para o mês inteiro até pra uma semana a mais para não faltar caso venha a faltar dinheiro. Dá fraude para o mês inteiro, tudo fraude da Mônica, sabe? Fraude boa. I.. daí só que eles não querem só isso. Eles querem mais e tipo assim eu também já tenho quatro então para mim eu faço o que eu posso. Eu dobro meu horário, eu trabalho nos domingos para poder estar ajudando ele. E a mãe dela só, diz assim que criar já é o papel dela que a gente tem que manter com tudo. (mãe)

Mas eu não sei, mas não se afaste da criança.

Não

Eu estou até aconselhando ele que não, que fique com ela, meu Deus é o que mais a gente quer assim sabe. (mãe)

E você gosta da menina?

De quem?

Da mãe da criança?

Agora sinceramente, eu mudei muito a minha cabeça

E agora você me conte uma coisa depois da menina teve outras por aí?

Não.

Ele não sai. (mãe)

Eu não saio.

E você estudava e continua estudando?

Não, agora eu parei

Ele teve que trabalhar né para ajudar. (mãe)

Antes você estuda, onde você estudava?

Estudava no Kennedy

E você estudou até que série lá?

Até a sétima parei faz um ano e pouquinho.

Mesmo assim você já não estava meio atrasado de série?

Já, já tinha reprovado duas vezes daí eu peguei e parei

E daí quando você estava trabalhando onde você estava trabalhando?

Trabalhei na H..., B...

Com carteira assinada, tudo certinho?

No B... era para ser carteira assinada só que daí o cara pegou e não me registrou e me mandou embora.

E agora você não está trabalhando?

Agora não.

E nem estudando?

Nem estudando.

E o que você faz o dia inteiro?

Fico em casa, ajudo a mãe aqui e tem os outros irmãos

E hoje você mora com a sua mãe ou mora com o seu pai?

Moro aqui com a mãe

Desde pequenininho, desde uns quatro anos né filho (mãe)

Três anos.

Criei ele sozinho praticamente. Quando me separei a outra tinha quarenta dias. Então eu criei as 3 sozinho, sozinho, então ele fica comigo direto né. (mãe)

E você quer seguir o exército então?

Eu pretendo ir, a mãe não quer deixar.

Tem que ver se quer ou não quer porque é um ano.

Isso se for só um ano

Eu tenho muita insegurança pelo que acontece. Claro que na rua está muito mais perigoso mas parece que assim, ele estando comigo ele está mais protegido, entende? Coisa de mãe. E se ele for para lá parece que eu vejo muito pela internet, pela TV que judiam, que ai morreu um adolescente no quartel, ai no exército não agüentou dois. Essa parte eu tenho medo. Eu fico muito insegura com as pessoas lá fora. Parece que ele estando comigo mesmo ele estando na rua... Esse ano ele vai voltar a estudar, é o que eu estou mais cobrando dele, porque não é nem para ele nem para a menina, é para o neném... Eu quero que ele volte para a escola. Porque o que vale e fazer cursos né. E eu queria que ele assim, tipo, passe de ano, estude, que ele seja alguém né. Que eu falei para ele no que eu puder ajudar eu vou ajudar a pagar uma escola, CEFET, eu estava pagando um supletivo para ele, a própria escola falou que não era para fazer o supletivo nessa escola que ele estava fazendo. A própria escola que eu tirei ele, lá no K..., porque os diplomas não eram válidos né, que ele ia perder, que eu ia perder também. Então ele. (mãe)

Quantos anos você está mesmo?

Dezessete

O problema que o CEBEJA você só vai poder fazer até a 8ª série o supletivo. Daí o supletivo de 2º Grau é só depois que tiver dezoito anos. Daí não vai te adiantar muita coisa, de tempo não vai te adiantar. Só depois que você completar 18. Faz a 8ª no Ensino Regular e depois vai para o CEBEJA, e lá você faz por matéria. Daí vai mais rápido. Pega as matérias que tem facilidade e vai eliminado, quando ver já vai terminando, quanto mais tempo você tiver pega mais matéria. Quando você ver já terminou.

Mais rápido né? (mãe)

Daí vai fazer um vestibular, vai fazer alguma coisa ou se quiser ir para o exército vai para o exército.

Mas mesmo lá para ter carreira tem que estudar né. (mãe)

E ele serve, ele é grandão,

É ele é grandão mesmo (mãe)

Retomando, você já trabalhava ou começou a trabalhar depois da gravidez?

Não comecei a trabalhar depois

Vamos ver o que mais tenho para te perguntar... Então hoje você não trabalha e está sem estudar, mas quando ela engravidou você estava estudando

Quando ela engravidou eu estava estudando

Os dois estavam. (mãe)

Nós dois estava, nos já paremos por causa disso.

E a família dela, vocês não se dão bem?

Eu e minha mãe não. A gente tentou se aproximar só que tipo assim é aquela discussão de situação financeira, sabe é até isso até que tipo assim, afasta os dois. Porque ela vai para lá, a mãe manda para cá. Ela até é muito boazinha, J... essa semana eu vou comprar danoninho para você da para fia né, a eu não to dando danoninho pra ela ainda,daí então vou comprar umas maçãs, a mãe já comprou, então tipo assim o que eu quero ajudar sempre ela, então quando ela vem de lá da mãe dela é a eu preciso de oitenta reais, a eu preciso de cem reais, trouxe as notinhas do remédio, me dá a receita, eu quero ajudar a comprar, não a mãe já comprou eu só preciso do dinheiro para comprar gás, entende, então ali o inicio da briga, da discussão, então ninguém vai chegar tá aqui o dinheiro né, eu quero saber para que, no que foi gasto, tanto é que eu dei oportunidade...Então ela chegou e falou assim para ele, estou precisando de dinheiro a neném está precisando de roupa e ele tinha começado a trabalhar e o patrão dele já tinha falado vai levar 30 dias pra mais para receber o primeiro pagamento. Então eu vou fazer o seguinte, eu vou ligar para minha irmã no T... e você vai lá, como ela está precisando de gente para trabalhar no final do ano eu vou tentar encaixar você. Liguei para minha Irmã, ela é de menor, conversei, conversei e minha irmã de dó colocou, ela ficou três dias lá. Primeiro pagamento R\$35,00 e refeição, pegou o dinheiro e o neném precisando das coisas, comprou uma bolsa para ela, segundo pagamento dela, pegou no dia, foi

parece que minha mãe deu R40,00 para ela, por causa do neném, veja ela estava ajudando o neném, ela foi e comprou uma rasteirinha, entende? Daí no terceiro dia minha mãe mandou ela embora. Entendeu ela estava ajudando o neném. E a mãe dela, lá precisando das coisas para a criança que é difícil a pessoa chegar para você e falar tem cem reais hoje para me dar? Você não tem, você trabalha tem um salário né. E o que que eu falei para ele, veja a situação, como que tá, depois qual quer coisa a mãe dela que chame na justiça, daí a gente vai ver o que pode fazer porque ele recebe uma pensão alimentícia de cento e sessenta reais de ... Eu não sou registrada, faz três anos que eu to com ela e eu pedi para ela não me registrar. Eu ajudo ela, porque tenho, aqui na minha casa eu tenho quatro para criar e esse ano eu nem sei como vai ser, porque eu tenho uma de sei que vai para escola, então eu não vou poder prestar serviço direto para minha irmã.

Aham

Então, a gente fala para ela chamar na justiça a gente vai ver, o juiz vai ver o que a mãe pode pagar e por fora disso o que eu puder ajudar, eu vou ajudando.
(mãe)

Mas ele paga a pensão para ela? Dinheiro para ela?

Não pelo fato da gente saber que o dinheiro não é gasto com o neném.
(mãe)

Eu tenho nota até

Eu só não peguei nota de enxoval, porque eu comprei seiscentos reais em roupa para o neném numa semana assim antes de nascer, então de lá para cá eu dava de coração nossa, tipo assim eu não queria saber de nota, de juiz, de nada. A gente achava que não ia acontecer isso, tipo eu tava preparadas mas... não esperava, eu tava cega até um determinado ponto só que daí de uns tempos para cá a mãe dela começou...

E ela pede para você ou pede para a sua mãe?

Ela pede para mim e daí pede para mim pedir para minha mãe

Daí quando ele não pede, ela chega em mim. Daí quando ela não pede para mim, ela pede para os meus parentes. Enquanto ele for menor a responsabilidade é minha, então tipo assim, ela não amamentou e a minha responsabilidade até certo ponto enquanto o neném estava aqui eu ficava devendo o dinheiro para minha irmã que eu tirava vale para comprar leite daí... e mantinha a menina aqui em casa porque ele não estava trabalhando. Então eu mantinha o bebe, a menina e mais os

meus né. Daí o neném mamou o Nestegeno até enquanto estava comigo.(MÃE)
Mamava muito

Daí ela foi para casa da mãe dela e começou a mamar leite em pacote, daí a neném começou a ficar doente, nós voltamos a dar o Nestogeno e porque eu fiquei braba, sabe deles tirarem o neném e não deixar o neném vir e ela não trazia o neném pra cá. Daí eu pensei bom então se pode criar não quer me mostrar o neném é aquela coisa né, a gente quer mostrar o lado ruim também mas não é o certo também. Daí eu falei não, vou começar dar e comecei a dar o leite para o neném, o neném não tem culpa de nada né? Daí na carteirinha voltou normalmente, porque ela faz puericultura. Voltou a mamar o Nestogeno, até hoje nós estamos dando o leite, dando fraude. Então tipo assim eu não posso estar arcando com todas as despesas da neném, mas o que a gente pode estar dando é isso. (MÃE) Sabe, eu já falei para ele quem tem vontade de entrar na justiça as vezes sou eu, porque o neném pouco vem aqui. Então tipo assim, eu acho que a gente tinha que ter um nível. Eu acho que quando o neném fica doente, eu acho que a mãe dela devia de ligar para mim e ó, não eu só participar com as condições financeiras e ligar para mim e dizer o remédio custou tanto, mas ela ligar para mim e falar olhe nós somos responsáveis pela J... né, somos as avós, a Júlia não está boazinha e estou levando ela no médico, vou estar lá em tal lugar daqui tantos minutos, daqui tantas horas, tem como você ir até lá? Pra eu estar participando também né.(mãe)

Ela mora aqui perto?

Não. Agora está morando, a avó dela mora aqui, só que ela mora lá na Castanheira

E vocês dois nunca pensaram em ficar juntos? Vocês dois e a neném?

Já, só que não dá.

Ela gosta muito dele. Nossa precisa de ver, tanto é que vira e volta a mãe fala né filho conversa com ela não é assim, tem a neném né. Eu posso ate ser ruim para ela assim sabe na cabeça dela mas eu gosto muito dela. Por mais que tipo assim, ela veio, a mãe nossa sentiu muito né, só que não tinha colaboração em nada sabe. Sabe o que é levantar pegar pratinho pronto ele sabe disso. E daí sair para rua com o neném no sol e então daí aquilo foi, chegava a noite eu tinha ou ele fazia as coisas pra eu não xingar ele entende? É F... peça para a J... pelo menos lavar uma louça para mãe que daqui a pouco, daqui a 2 horas a mãe tem que trabalhar, ou pendurar a roupa, fazer isso fazer aquilo. Agora no dia que ela foi

embora, as roupas do neném estavam todas sujas né. Fazia quinze dias que ela não lavava roupa do neném. Então foi acumulando as coisas, sabe. Eu não culpo ela, porque ela não tem aquela experiência ainda, ela é uma menina ainda. Mas ao mesmo tempo eu penso que quando eu tive ele, eu tinha dezesseis anos.(mãe)

E o pai?

Tinha dezessete.

E você chegou a viver com o pai dele?

Sete anos.

E hoje onde está o seu pai?

Está morando aqui em Ponta Grossa mesmo, só que ele tem outra família.

Mas você convive com ele?

Olha faz tempinho que eu não vejo ele. Ele quer que eu vá de trás dele, só que eu não vou.

Ele quer que as crianças procurem ele sabe, só que hoje, quando dele deixou eles, ele estava terminando o prézinho, era formatura do teu prézinho. Daí ele quer, ele era muito novinho ele estava com cinco anos. Então hoje ele já tem 17 anos, ele já tem as pernas dele, a cabeça dele, já pensa né, o outro também é grandão. Então eles já pensam o que eles querem. Tem a menina de 10 anos e se você ver o tamanho dela parece que tem quinze. Ele é livre, então tipo assim ele não pergunta como está, ele magoou muito as crianças e eu em momento algum deixo(MÃE)

E a pensão?

Ele paga cento e setenta por mês depois de cinco anos (MÃE)

E esse valor está certo?

Eu já procurei advogado e agora desisti. (MÃE)

E ele ganha quanto?

Mil e pouco.

Mil e duzentos reais. (mãe)

É, pois ele é da manutenção lá do... ele saiu da S... e está lá no T... Ele queria me colocar para trabalhando junto com ele.

E você não foi por quê?

É que eu tenho que fazer o curso e depois ele falou pra mim esperar passar o quartel completar 18 que ele vai conseguir para mim.

E no T... eles pegam novo.

Eu tentei colocar ele no M..., só que lá o parece que o pagamento ia ser de trezentos e poucos. Daí ficava muito pouco.

Quanto tempo está o neném?

Sete meses.

Ela nasceu quando?

Julho, dia quatorze de julho né?

Junho ou Julho?

Julho

Foi na Copa. (Mãe)

Foi.

Quatorze de julho.

É quatorze, bem no dia que ia assistir o jogo do Brasil

Daí foi assistir o parto. (MÃE)

Risos

Conte para mim, como aconteceu? Vocês estavam juntos?

Eu estava junto, eu entrei dentro da sala. Fui o primeiro a pegar o neném

Foi o primeiro a pegar o neném? Foi parto normal?

Não, cesárea, o neném já estava morrendo.

Sério? Demoraram muito para tirar?

Muito tempo, uma falou que faltava o que, quatro meses ainda para nascer o neném.

Ela fez um pré natal muito complicado. (MÃE)

Ela fez um pré-natal aqui e a mulher daqui falou que faltava ainda quatro ou cinco meses para nascer o neném. Que ela só estava de cinco meses. E daí ela pegou, a não está certo e não sei o que, pegou foi procurar, quando foi ver já estava ganhando o neném.

Sem contar que e a médica quase fez ela perder o neném. (mãe)

Ela pegou e fez um monte de exames que nem podia fazer ainda, que era pouco tempo, acho que machucou também a neném.

Mas ela não nasceu com nada?

Não.

Nasceu com quantos quilos?

Nasceu com três quilos setecentos e vinte e cinco, alguma coisa assim.

Então era grandona.

Era grandona.

E você que escolheu o nome?

Ela escolheu J... e daí só ficou o meu nome, o C... que é dele e o A... que é meu.

Então, vocês estavam assistindo o jogo ela...

Não, ela estava, nos estava no hospital fazia ela estava no hospital fazia um dia e pouco o dia que nasceu.

Tem umas fotos dela na internet né? (mãe)

No Orkut.

Mas tem mais foto dela aqui, essa aqui é ela. (mãe)

Ahh que linda!

Essa a minha que está dormindo e esse é o meu sobrinho e aqui tem umas fotos deles. Tá meio que misturado as fotos.

Essa é?

É a minha moça que tem onze anos. (mãe)

Muito linda a sua filha!

Risos.

Esse é o meu sobrinho, esse aqui são os meus quatro. E essa é ela quando ela nasceu. MÃE.

Essa foto fui eu que tirei.

Aqui é ela, minha irmã. Aqui algumas horas depois que ela estava mamando. Acho que tem foto mais recente dela. Porque eles mexem, eles tiram de ordem. Olhe ela aqui, essa faz pouco tempo que foi tirada. MÃE

Muito linda!

Obrigado!

Mais uma coisa, antes de ter criança, você saía, você jogava futebol, fazia alguma coisa ou não?

Não, do colégio para casa daí sair, sair era ir para o shopping de vez em quando.

E o que você mudou? O que você pode apontar como mudança?

Mais, ah, mudou eu não saio mais, ir para o shopping faz... eu só estava indo para o shopping mesmo porque eu estava trabalhando lá. Meus amigos de antigamente, eu não quando eu estava solteiro eu não vi mais ninguém daquela época tudo mudou

As amizades. (mãe)

As amizades, tudo.

Eu senti que até as amizades amadureceram, porque a maioria dos amigos dele que aparecem aqui, um já teve um filho, ou já passou por relações assim sabe. E é estranho que parece que uma coisa puxa a outra. E a maioria também que não ó eu não tenho um pai para ser tão amigo mas a maioria vem de uma convivência também assim que não tem pai que sabe que mora com a mãe e eu hoje penso comigo mesma assim sabe eu estou falando porque eu tenho muito contato com os colegas dele assim sabe, então a gente fica sabendo a maioria não tem pai e mora com a mãe e alguns já tem filho. (mãe)

E em relação a cuidados, vocês nunca pensaram em usar camisinha, você e ela?

Tipo na época que ela queria não.

E ela nunca se cuidou?

Não

E hoje você acha que agiria da mesma forma? Ou a hora que tiver outra namorada?

Ah, eu não agiria, eu não quero mais um. Só um tá bom.

Risos ...

Na cabecinha dela, ela quer mais né, filho? (mãe)

Na cabeça dela ela quer mais.

Esses dias ela chegou aqui com um exame na mão eu falei meu Deus o que é isso. (mãe)

Ela fez esse mês quatro exames de gravidez em uma semana.

Mas vocês continuam então tendo relações

Agora não.

Quanto tempo que não?

Faz umas duas semanas

E agora vocês estão se cuidando?

Só que ela não toma anticoncepcional de jeito nenhum, que engorda que não sei o que. Eu já falei para ela, a mãe dela falou que ia comprar

Camisinha, você já passe ali no postinho e pegue uma caixa e já deixe ai.

Mas eu já tenho ai.

Já tem uma coleção

Risos...

Os amigos tiram sarro e trazem para ele na brincadeira tipo tentando ajudar, mas trazem a coleção aí para ele. (mãe)

Essas aqui não é deles.

Não? (mãe)

Aonde que você pega a camisinha?

No postinho.

Ela pega ou você?

Eu. Pois a F... pega para mim.

Quem que é F...?

F... é uma mulher que trabalha no postinho.

Agente comunitária?

Aham.

Que bom então, senão daqui a pouco está com outro neném.

É que se ela não tem juízo quem tem que ter é ele né, porque quem sofre é a criança que já está aí sofrendo né. Sofrendo assim entre aspas porque o que a gente pode fazer né... Porque a gente não sabe lá como que tá. (mãe)

E por que você não vai na casa dela?

O padrasto dela

Mas eles fizeram alguma coisa para você?

Não, diz que ficam falando de mim por lá daí eu não...

E eu cortei e eu falei para ele já que você vai lá e daí não te tratam bem depois que você sai ficam falando evite, fique na sua casa. (mãe)

Tanto é que até com as meninas da casa ele bate, na outra menorzinha de onze anos senta a mão na cara da menininha. E ele já falou umas três vezes para a J... que não quer ela lá. E ele gosta da neném

Gosta da neném?

Ele falou para J... sumi e o neném que fique lá.

Você não deixa?

Ah não dá.

Mas e as visitas?

Ela pela parte dela, se um dia nós se larga, separar, ela falou que não vai deixar minha família de jeito nenhum ver o neném. Isso a mãe dela coloco na cabeça dela.

Uhum.

Até nessa briga que nos tivemos eu peguei e falei, ela pegou e falou que não ia correr de atrás de justiça nenhum porque ela não vai deixar eu ver o neném de jeito algum. Daí eu falei que eu corre de atrás e ela falou que não quer pensão pra já não deixar eu ver a neném. Daí eu peguei e falei você não quer azar teu pelo juiz ele vai determinar o dia que eu Possi ver a neném do mesmo jeito.

E hoje tem a guarda compartilhada que é metade com ela e metade com você.

E como que a gente faz para entrar nisso?

Tem que entrar na justiça.

Só que isso de pedir a guarda é muito complicado, porque a guarda não vem para mim vai pra ela

Mas quando você faz 18 anos?

Só esse ano só que só em outubro.

Eu não fui ainda atrás porque tipo assim para ficar com o neném porque eu sei que é difícil tirar o neném da mãe É... difícil né... E o neném na verdade já está se distanciando da gente. É difícil já ela vir com nós. Daí tudo isso pesa na balança. O nosso medo é a criança crescer, porque o padrasto já bate nas meninas e acontecer isso daí pense o que vai acontecer né, nossa eu não tenho nem noção. Se um dia a criança chegar apanhar mesmo que da vó sabe, porque eu criei ele, ta ele aqui de prova, sem dar um tapa, as vezes a gente briga, mas criei sofrendo batalhando mas sem dar um tapa e é ai que eu tenho medo sabe de a criança chegar e falar, fulano me bateu nossa, não tem noção assim do que pode acontecer, entende?Acho que na hora eu pego ela e vou na polícia, na hora. (mãe)

Ela traz o neném aqui e é dez minutos. É estipulado o tempo lá.

Tanto que no ano novo eu falei vem para cá J... ficar com nós, pose ai.

Traga a J.... Eu não fiquei sabendo que ela posou escondida aqui. No outro dia cedo a mãe dela ligou atrás dela né e na hora ela catou a bolsinha e foi.

Ele falou que se fosse para ela ficar para cá era pra ficar para sempre que ele não queria mais ela lá.

Mas ela deve vir aqui porque você me contou que faz duas semanas, então ela deve estar aparecendo. Ela estava vindo aqui, ela veio o ultimo dia que ela pediu o dinheiro que faz uns sete dias mais ou menos. (mãe)

Para terminar eu queria que você me falasse o que é a paternidade para você. O que significa ser pai para você.

Pai... a é como eu falei numa pergunta que você fez é responsabilidade, é minha filha eu sei que eu tenho que participar da maioria das coisas que ela faz eu tenho que estar do lado dela. Pra mim é isso, é responsabilidade e estar do lado dela.

Era isso que eu tinha que perguntar para você, obrigada!

ANEXO C- ENTREVISTA SUJEITO 2: ROMÁRIO

Oi ... eu queria saber com quantos anos você está agora?

Dezenove

Você mora com quem hoje?

Moro com a minha esposa, minha amigada, namorada agora.

Mas essa sua namorada é a mãe da sua filha ou não?

Não.

E quanto tempo você mora com ela?

Vai fazer oito meses

E como é a sua relação com a mãe do neném?

É... bom

Se dão bem conversam?

Conversamos bem, só que eu não vou muito na casa dela.

Você não vai muito?

Não, não vou muito.

Por que você não vai muito lá?

Ah, os pais dela não são muito de acordo de deixar ela solteira né.

Aham.

Daí não vou muito lá para não ficar dando confusão.

Eu queria que você me contasse como que tudo aconteceu, ela era sua namorada, você conheceu ela numa festa como que aconteceu?

Estudava na mesma escola, daí começamos a namorar

E vocês namoraram quanto tempo?

Um ano e dois meses

Daí veio o neném?

Isso.

E vocês não se cuidavam?

Ela tomava remédio. Só que daí eu larguei dela nesse tempo e nós voltamos. E daí quando nós voltamos ela estava sem tomar remédio, daí surgiu o neném.

E como que vocês ficaram sabendo que ela estava grávida?

Ela fez exame de sangue

Direto exame de sangue?

Direto exame de sangue

Aonde que ela fez o exame?

Ah não sei, acho que na Unimed, Unimed.

Mas você não foi junto?

Não.

E daí na hora que ela veio e contou para você que estava grávida, como que foi a sua reação?

Sem chão, sei lá, não acreditava que ia ser pai, fiquei em choque. (RISOS)

Aham. Daí ela contou, você contou para sua família como é que foi ou já morava sozinho?

Não, eu morava com a mãe só que daí eu não contei quem contou foi a mãe dela que contou para minha mãe.

E daí como que foi a reação da sua mãe?

Ah, ficou meio alegre mas não ficou né. Ficou triste porque novo ser pai, não fazia nada só estudava,. Foi chato, chato não, é foi chato.

Daí você estudava e parou de estudar?

Não, eu continuei estudando só que daí quando eu me mudei na S... M... parei de estudar.

Mas não foi por decorrência do filho?

Não. Eu comecei a trabalhar daí parei de estudar.

E você estudou até que série?

Segundo do segundo

Em algum momento vocês pensaram em abortar a criança?

Não, eu da minha parte não pensei, só se ela pensou.

E você acompanhou ela em alguma consulta, como que foi?

Não, eu não fui junto porque logo ela ficou grávida eu estava com ela daí nós brigamos e se separamos e daí não conversei com ela. Daí quando nasceu a criança nós voltamos a conversar de novo. Porque quando estava grávida nós tava brigado.

Que dia nasceu a criança?

Vinte e um de janeiro

E daí você foi na maternidade ou não foi?

Fui fui. Quando nasceu eu vim. Eu estava trabalhando em Curitiba daí eu vim para cá.

E nessa época do nascimento você já estava com essa sua companheira de hoje?

Estava solteiro

E o que mudou na sua vida depois do filho?

Responsabilidade né. Um pouco mais de juízo, fazer menos bagunça

O que era fazer bagunça antes, você saía e agora não sai?

Saía, bebia, aprontava só. Agora não dá mais para fazer isso.

Já que você falou em bebida. A criança foi de uma bebedeira ou não?

Não. Não foi planejada, mas não estava bêbado

Aham.

Estava são. Risada

Como é o nome da filha?

I... Eu vou lá as vezes, quando dá tempo, quando sobra tempo, fico junto com ela, pego ela para passear.

De quanto em quanto tempo você vê ela mais ou menos?

Eu fui a ultima vez a semana passada que eu fui lá. Domingo E acho que vou domingo agora que vai fazer aniversário dela.

E você ajuda com pensão?

Não. Eu compro fraudas, eu compro as coisas, pensão eu não dou.

Então não dá.

Não

Só possui essa filha?

Só e a minha mulher que está grávida.

Então vai ter outro?

Vou

Mas esse você queria?

Esse eu queria, foi planejado foi e não foi né.

E a sua família?

É normal

E a família dela quando soube da gravidez

Da I...?

Isso

Ficaram tudo alegre, não sei mas ficaram tudo alegre.

E com você? Como que eles ficaram?

Ah ficaram alegre. Só falaram que se eu não fosse assumir a criança colocavam o nome do pai dela, do vô dela, daí eu não, seu fiz o filho eu assumo.

Então a criança é registrada no seu nome?

É está no meu nome.

E a sua convivência com a mãe dela?

É boa, eu vou lá sempre me tratam bem.

O pai também?

O pai mais ou menos, é meio fechadão, meio ruim

E como é a sua vida social, como que era antes e como que ficou agora, amigos, são os mesmos amigos, não são.

É mesma coisa. Só que agora eu não vou de embalo que nem antes ia. Antes ia beber fazer bagunça. Agora eles vão e eu fico em casa

Mulher não deixa?

Não deixa. As vezes ela deixa sair só que eu não vou, nem beber, bebo de vez em quando uma cerveja.

Aham.

Até com a bebedeira parou.

Uhum.

Todo dia bebia. Daí é complicado né.

O que você faz para ajudar na educação da sua filha?

Não sei te dizer

Ta novinha ainda, tem um ano. Eu compro eu tento conversar só que ela não me entende. Vamos ver mais para frente

Eu queria que você me falasse o que é ser pai para você?

Ah, eu não sei te dizer. (Silêncio) Sei lá, é legal, massa, tem que ter, tem que saber a hora de ser, assim na louca não é muito bom quando não é planejado, daí se for planejado

Mas e o seu sentimento com a filha?

Ow é massa, ela só fala papai, não fala mamãe

A é?

E olhe que eu não fico muito perto dela, ela só fala papai

Aham.

Ela fala comigo muito massa, fico até arrepiado.

E você chegou a trocar fraudar, a fazer mama essas coisas ou não?

Não, uma vez ela vomitou ne mim e eu quase vomitei junto. Não estava acostumado com o cheiro

Aham.

Ela vomitou e eu quase vomitei junto com ela.

Nem quando aconteceu a gravidez vocês pensaram em ficar juntos?

Não, nós pensamos em ficar junto. Ela tava acho que de uns cinco meses quando nós brigamos, daí nós se separamos daí depois que nasceu que voltamos a conversar

Teve alguma coisa que aconteceu durante o período da gravidez dela e da criança...

No começo, acho que o médico fez a ultra som um disse que ia ter problema no coração, só que daí era uma mancha acho que tinha no aparelho. Ow foi foda!

Alguma coisa mais que você achou de importante nesse meio tempo, durante a gravidez e a vivencia da sua filha que você apontaria, que você lembra, que você importante para você.

Não, nada. Que eu me lembre nada.

Então está bom. Obrigada!

De nada.

ANEXO D- ENTREVISTA: SUJEITO 3- KAKÁ

Anexo D- Entrevista Sujeito 3: Kaká

Então XXX eu queria saber como aconteceu a neném com vocês, se vocês já namoravam, eu quero que você me conte um pouco dessa história

Nós se conhecia né, só que nós era bem novo, daí começamos a namorar daí aconteceu né

Vocês começaram a namorar com quantos anos?

Eu tinha quatorze e eu acho ela tinha uns doze mais ou menos

Daí vocês se conheciam daqui?

Aham conhecia daqui da Rua

E vocês namoraram quanto tempo até ter a neném?

Um ano e pouco

Um ano e pouco e foi pensado ou aconteceu?

Não, aconteceu

E vocês nunca pensaram em se cuidar nada ou você achava que ela se cuidava, como que foi?

Não, nós se cuidava, uma, um erro acabou acontecendo.

Um erro, pode contar para mim ou foi uma vez que vocês fizeram sem camisinha, estourou, me conte.

Não, nos sempre fazia com camisinha mesmo. Estourou uma das vezes

E daí não pensaram em pílula do dia seguinte, nada?

Não.

Ta, daí durante a gravidez, você acompanhou, como que foi?

Acompanhei, ia no médico com ela, tudo. Sempre acompanhava ela.

E como que vocês souberam da gravidez?

Ah, nós estranhamos que tava demorando para vir a menstruação né. Daí nos desconfiamos. Daí chegou um dia que já, dava para perceber né que tava grávida.

E o primeiro exame foi no Postinho ou qual que foi?

É, o primeiro exame foi no Postinho

De sangue direto?

É de sangue, daí deu positivo né.

E daí na hora que vocês receberam o exame positivo, você estava junto com ela?

Não, nós descobrimos antes né, daí a primeira vez é... certo foi com teste de farmácia

Aham.

Que daí deu positivo, daí ela já foi e fez no postinho e deu positivo também e já foram encaminhando né.

Mas daí ela fez sozinha o exame ou você estava junto?

Não, eu estava junto.

Daí vocês souberam, você contou para sua família ou não?

Não, é... eu antes de, quando eu já comecei a perceber eu contei para minha mãe né

Aham.

Daí ela foi e comprou um exame de farmácia pra ver se era verdade

Uhum.

Daí ela comprou e daí de tarde chegou foi lá ela foi e fez o teste e deu positivo né.

Daí foi sua mãe com ela no postinho ou você?

Não, daí eu fui no Postinho.

E daí aqui na família dela como que foi a reação? Você que contou ou ela?

Ela que contou.

E daí como foi a reação?

Ah, não foi muito agradável né, mas por causa do pai dela.

Uhum.

A mãe dela entendeu tudo

E a sua mãe?

A mãe entendeu também. Pra mim assim não foi muito difícil.

E daí vocês optaram por ficar um em cada casa em nenhum momento pensaram em ficar juntos?

Nós pensamos ate hoje em ficar juntos, só que não tem condição de ficar juntos. Não tem condição. Morar juntos nos três

E quando vocês descobriram que ela estava grávida em algum momento vocês pensaram em abortar a criança?

Pensamos

E o que fez vocês mudarem e não optarem pelo aborto?

Ah, nós pensamos... Agora que já tá né, vamos deixar. A gravidez continua evoluindo, não vamos deixar uma vida se perder ... Daí foi passando o tempo, foi passando.

E na hora do parto?

Na hora do parto ela estava sozinha, daí eu fui só quando ela nasceu, ela nasceu daí eu já fui ver.

E durante, como que foi? Toda a manutenção dela, os gastos, você trabalhava ou você não trabalhava?

Eu trabalhava. Quando eu fiquei sabendo já né eu estava estudando daí parei de estudar já procurei um serviço e já comecei a trabalhar. E ela estava estudando só que ela conseguiu terminar ainda, conseguiu terminar. E ela terminou os estudos e ganhou já em janeiro, terminou em dezembro e ganhou em janeiro.

E você parou de estudar em que série?

Eu parei no 1º

No 1º ano e agora você não estuda?

Não, agora não.

Só trabalha?

Só trabalho.

E como que é o seu trabalho?

Ah, eu trabalho numa transportadora.

Carteira assinada?

Não

E quanto que você ganha nessa transportadora?

Quatrocentos e setenta por mês.

E trabalha o dia inteiro?

O dia inteiro, só venho para almoçar e já volto.

E como é sua convivência com o neném?

É boa, é alegre ela é bem chegada assim em mim

Uhum.

Ela é chegada em todo mundo

Aham.

Ela gosta de todo mundo, ela vê a pessoa ela já gosta, não estranha ninguém.

E você vê ela de quanto em quanto tempo?

Vejo ela todo dia, todo dia, na hora que eu vou trabalhar, na hora do almoço eu venho de tarde eu venho, todo dia eu venho.

E o que você apontaria como mudança, desde a gravidez na sua vida?

Foi bem dizer uma experiência, uma experiência que tinha que ter acontecido para frente mas que aconteceu né. Para mim foi bom, eu acho que para mim foi bom. Acho que mudou bastante minha vida.

Mas me conte o que é esse mudou bastante

Ah, mudou tudo. Assim, desde pequeno assim eu já pensava em ter uma família, ter uma filha daí quando veio parece que muda né. A gente fica mais alegre

E o que você ajuda de cuidado com ela?

Eu compro fraudas, as coisas que ela precisam assim, eu compro.

E você ajudou ela dar de mamar, a trocar fraudas, essas coisas?

Ajudou, a dar banho essas coisas.

Você falou para mim que na época vocês usavam preservativo mas um dia furou e hoje?

Ah, hoje não arriscamos mais.

E é só no preservativo ou ela toma anticoncepcional?

Não hoje em dia já, nós não abusamos muito, nós já não fazemos mais nada, só pelo medo de acontecer de novo.

Risos.

E conte para mim uma coisa, não precisa ter vergonha eu preciso saber aonde que aconteceu? Foi numa festa ou foi num dia normal da rotina de vocês?

Ah foi num dia normal assim né que aconteceu. Bem dizer foi na casa de um amigo né. Estava saindo da escola e fomos na casa de um amigo daí aconteceu né.

Tinham tomado uma cervejinha ou não?

Não, pior que não. Risadas.

Pior que não? Você tem que me contar a verdade.

Nos já estávamos meio planejando assim sabe.

Uhum.

E foi a primeira vez que aconteceu com vocês ou já tinha tido outras vezes?

Não, foi a primeira vez né. A primeira vez foi na casa de um amigo.

Mas a neném é da primeira vez ou não?

Uma das primeiras.

Com quantos anos? Você estava com...

Com quinze.

E ela quatorze

E aonde que vocês pegavam camisinha, quando pegavam?

Nós comprava, eu comprava.

Não no postinho?

Não, comprava na farmácia, no mercado.

E antes de você ter a criança, o que você fazia, saía com os amigos, o que você tinha de lazer?

Ah, ia para escola, gostava bastante de jogar bola, ia jogar bola, ia para casa dos meus amigos, jogar vídeo-game, escutar música essas coisas assim...

E agora?

Agora é só trabalhar, trabalhar a semana inteira e sábado sai de vez em quando senão fica em casa mesmo.

E daí e os seus amigos? Ficou a mesma relação, como que ficou?

Ah, meus amigos, assim bem dizer eu não vejo eles mais. Eles estudando eu trabalhando nem tem como.

E na empresa não tem amigos?

Lá na empresa tem. Eu sou amigo de todo mundo né.

E você sai? E esse sai, vai na casa de amigo ou vai numa balada, vai numa festa?

Só na casa dos amigos mesmo.

Não dá mais para sair ou você que não quer?

Ah, a gente trabalha a vida inteira daí sábado e domingo fica descansando em casa mesmo.

E é só ela de filho?

É.

E o que você apontaria o que significa ser pai para você?

Significa tudo né. É agora não é... uma, uma, um objeto, alguma coisa que você não quer mais, que deixa de canto, é isso aí vai para vida inteira, é um ser humano. Então bem dizer é de um tudo para mim. Agora é eu e as duas. E para frente tentar formar uma família, fazer uma casa.

E os estudos?

Os estudos acho que não tem como continuar. Ela está querendo estudar agora ano que vem, esse ano, mas eu já não dá certo. Serviço já sai tarde né, tinha que achar um serviço meio período.

E a sua família, como é a sua família?

Minha família é boa, convivência tudo.

E vive você a sua mãe?

Eu e a mãe.

E o seu pai?

Ah o meu pai a mãe se separou dele

Mas você não tem contato com o seu pai?

Ah, até uns tempos atrás eu tinha. Ia na casa dele ver ele, mas de uns tempo pra cá ele se mudou e nem sei onde ele mora mais.

E sua mãe teve você com quantos anos?

Com dezoito.

E seu pai tinha dezoito também, ou era mais velho?

Era mais velho que a mãe?

E a sua mãe trabalha com que?

A mãe é... manicure e diarista.

Diarista na J... que você me contou né?

Aham.

E o que você acha que é importante para a educação da sua filha?

Tem que ir seguindo, levando, sempre reto, não deixar acontecer a mesma coisa que aconteceu né.

E como que você acha, na sua casa sua mãe sempre conversou com você sobre sexo sobre essas coisas?

Não. Só que daí com ela tem que ter tem que falar. Pra se acontecer uma vez se cuidar.

E daí da onde que você tinha essas informações de cuidado?

Ah, nós sempre tinha aula na Escola, palestra de outras pessoas que vinham falar para nós. Só que era bem poucas vezes que eles vinham.

E na Escola quando vocês ficaram sabendo que ela estava grávida você tentou continuar estudando?

Não, quando nos ficamos sabendo eu terminei daí comecei outro, só que daí já não deu mais

Não conseguiu conciliar?

Não.

Que daí ela, eu parei bem no meio do ano daí já no final do ano ela já ai ganhar a criança por isso já tive que parar mesmo e arrumar serviço. Pra começar a comprar as coisas já antes.

E você acha a sua função com relação a criança qual é?

A minha função

O que você acha que tem que fazer no seu dia-a-dia?

Ah, tem que ajudar ela né, eu penso assim é... se aconteceu agora a gente tem que ajudar né. Ajudar a fazer crescer, tem que criar ela agora.

Eu acho que seria isso que eu queria perguntar para você.

Tem mais alguma coisa que aconteceu nessa época, as vezes algum conflito com a família, alguma coisa que você pensa que foi importante que poderia me contar?

Conflito com a minha família não, mais com a família dela, pela mãe dela não, só que o pai dela que não aceitava, no começo assim era bem difícil, eu não via ela porque ele não deixava. Até hoje nós não se damos bem. Só com ele assim. Minha família se dá bem com ela, eu me dou bem com a família inteira dela. Então é só com ele mesmo que não se damos bem mesmo.

Acho que era isso. Obrigada!

De nada!

ANEXO E- ENTREVISTA: SUJEITO 4-

Então queria saber seu nome e quantos anos você tá?

Meu nome é L... e tenho 17 anos.

Com quem que você mora?

Com a minha mãe.

E quem mais?

Minha esposa e minha filha.

Você mora com sua esposa em lugar separado ou junto?

Separado.

Vocês estão casados? Como vivem?

Vivemos juntos só.

Mas tem papel?

Tem papel.

Vocês já namoravam ou não?

Já.

Quanto tempo vocês namoraram?

Quatro meses.

Daí veio a criança?

Não. Se amiguemo né. Daí passou um, dois meses e ela engravidou. Agora faz dois anos que tamo junto né? Não três.

Então vocês já moravam junto quando veio a criança?

Já.

Com quantos anos você Lucas?

Como assim?

Você tava com quantos anos então? Tava com quatorze?

Quinze para dezesseis.

E ela?

Com 19.

Ela é mais velha?

É. Risos.

Parece mais nova.

E quando vocês descobriram que ela tava grávida foi planejado ou aconteceu?

Aconteceu. Risos.

E como vocês ficaram sabendo que ela tava grávida?

Eu fiquei doente e fui lá no pronto socorro. Daí tinha que tirar raio-x, daí o médico mandou fazer o exame de gravidez antes de tirar raio-x e o médico me contou.

Só para eu poder gravar certinho primeiro tenho que escutar ele e depois pergunto para você, feito?

Pode.

Tá então agora você vai me contar e depois vejo a parte dela, tá bom?

Daí vocês já moravam junto e descobriram que ela estava grávida, daí vocês pensaram em ter a criança, você foi o primeiro a saber? Ela contou pra quem?

Pra quem você contou? Ela contou pra minha tia. Nós tinha brigado até.

Ela morando junto e vocês tinham brigado?

Aham. Daí ela foi pra casa da mãe dela e daí ela foi pro hospital e eu nem sabia, daí de tarde fiquei sabendo que ela tava grávida.

Quem que te contou?

Ela.

E qual foi a reação quando ela contou que tava grávida?

Não sei. Eu fiquei sem falar nada.

Mas você pensou em ficar com a criança?

Claro. Pensei em ficar com a criança né.

Em nenhum momento pensou em aborto?

Não.

E daí a reação da família?

Ah a minha mãe aceitou. Minha mãe, meu pai. Não falaram nada.

E você trabalha, estuda?

Trabalho Só estuda agora parei de estudar.

Mas antes de você ter a criança você estudava?

Estudava.

Parou de estudar para trabalhar ou estudava e trabalhava junto?

Estudava e trabalhava. Não agüentei e parei.

Você trabalha com o que?

Trabalho com pintura. Sou pintor.

Você estudou até que série?

Até a sétima.

E agora parou de estudar?

Agora parei.

E ela parou de estudar?

Parou, no último ano né?

Não pensa em voltar a estudar?

Não, vou voltar. No ano que vem vou começar de novo.

E a vida de vocês dois? Vocês nunca se cuidavam? Ela tomava anticoncepcional ou nunca tiveram cuidado com isso?

Agora não sei. Tomava, mas não fez efeito né? Não, tinha acabado, mas eu não peguei no posto.

E camisinha? Nunca?

Antes do nenê não.

E depois do nenê?

Daí támo usando.

Por que não querem mais filho?

É. Não quero mais. Risos.

E quanto você ganha por mês com a pintura?

800 reais.

E daí só com teu dinheiro você sustenta o três ou ainda vem um dinheiro da família?

Vem do bolsa família só. Não decifrável. Daí só.

E quanto que vem do bolsa família?

120 reais.

E quais mudanças aconteceram na sua vida depois de você ser pai?

Responsabilidade né.

E tinha alguma que você fazia antes e deixou de fazer?

Sair com os amigos. Risos.

Não sai mais?

Não.

São os mesmos amigos?

Mesmos.

Mas daí vocês só não saem, mas eles vem aqui?

Não, as vezes eu vou na casa deles.

E você tinha alguma atividade de lazer? Jogar futebol, alguma coisa?

De vez em quando jogava bola.

E hoje não joga mais?

Não, hoje não.

Hoje vive só pra filha?

Filha e trabalho.

Então você convive com a menininha sempre?

Sempre.

E em termos de ajudar, você ajuda com dinheiro ou ajuda a cuidar também?

As vezes ajudo a cuidar quando to em casa. Quando não to cansado ajudo.

Mas o que você faz para cuidar da criança?

Seguro ela pra mulher lava roupa, limpar a casa.

Não mama mais no seio a criança?

Não.

Você chega a dar mamar e trocar fralda?

Não.

Nunca fez?

Não.

Por que você acha que é função da sua esposa fazer isso?

É.

E o que você acha que é a tua responsabilidade como pai?

Trazer o alimento né.

O que mais você diria que mudou na tua vida? Você falou a responsabilidade e os amigos.

Acho que só isso.

Família nada?

Não.

Vocês já moravam aqui?

Já. Antes do nenê já.

Vocês nunca pensaram em se prevenir porque já era tua namorada?

Ah, nem pensamo na hora né.

E só foi ela tua namorada?

Já tive uma.

E o que você faz pra ajudar na educação da sua filha?

Agora não da pra falar, porque ela é pequena né.

Só tem ela de filha né?

Só.

E ela toma comprimido ainda ou não?

Toma.

E o acompanhamento no hospital? Ela ficou sabendo no Pronto Socorro que tava grávida e daí?

Daí foi bem a gravidez. Ela passou boa a gravidez.

E você ia com ela nas consultas?

Eu até ia, por que eu tava sem serviço, no centro da mulher.

E você tava junto na hora do parto?

Quando ela foi ganha nenê ela já tava cm 8 dedos de dilatação. Mas não queria ir pro hospital daí chamei a mãe dela aqui e fizemos ela ir pro hospital.

Foi parto normal?

Parto normal.

Em que hospital que foi?

Santa casa.

Foi tudo pelo setor público?

Isso.

Hoje o que você faz para se divertir?

Ah, saímos domingo, com o nenê e com ela.

E onde vocês vão no domingo?

Faze lanche, no shopping, passear pro centro.

Então mudou bastante tua vida depois do nenê?

Ah, muda.

E o que mais que você lembra que foi importante, o que chamou a atenção, o que foi problema?

Agora não sei.

Alguma coisa que aconteceu? Os pais dela como que reagiram, quando souberam que tava grávida?

Foi normal, até gostaram até. Pra mim não falaram nada.

E o pai dela?

O pai dela não falou nada se gostou ou não.

E você se da bem com a família dela?

Uhum.

Assim, vocês já tinham uma vida de casal, então isso não teve alguma coisa com bebida, alguma coisa assim?

Não.

Mas não tinha o planejamento de ter uma criança?

Não.

Você trabalha registrado ou não?

Não.

Nunca teve registro na carteira?

Não.

Vocês pegam preservativo na farmácia ou no posto?

Pegamo no posto lá.

O que é ser pai pra você?

Ser pai?

É.

Agora não sei também

O que você acha que é a convivência com a sua filha, o que é isso no teu dia, dia?

Ah é minha vida né? Minha filha.

A tua família é pai, mãe e você? Como é tua família?

Como assim?

Com quem que você convive?

Com meus pais, no mesmo terreno.